KRISHNAMURTI

SOBRE A VIDA E A MORTE

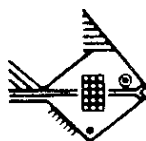
ON LIVING AND DYING

Cultrix

Z. C.

J. Krishnamurti

Sobre a Vida e a Morte

Tradução
PEDRO S. DANTAS JR.

EDITORA CULTRIX
São Paulo

Tal como a vida, a morte deve ser algo extraordinário. A vida é uma totalidade. Sofrimento, dor, angústia, alegria, idéias absurdas, bens, inveja, amor, o sofrimento atroz da solidão — tudo isto é vida. E para compreender a morte, precisamos compreender o todo da vida — não tomar apenas um de seus fragmentos e viver com esse fragmento, como a maioria de nós faz. Na própria compreensão da vida está a compreensão da morte, pois as duas não são separadas.

Londres
12 de junho 1962

Sumário

Prólogo

Jiddu Krishnamurti nasceu na Índia em 1895 e, aos treze anos de idade, foi aceito pela Sociedade de Teosofia que o considerou talhado para o papel de "professor do mundo", cujo advento vinha anunciando.

Em pouco tempo, Krishnamurti despontaria como um professor vigoroso, independente e original, cujas palestras e escritos não se ligavam a nenhuma religião específica e nem eram próprios do Ocidente ou do Oriente, mas de todo o mundo. Repudiando com firmeza a imagem messiânica, em 1929 ele dissolveu dramaticamente a ampla organização monista que se constituíra à sua volta e declarou ser a verdade um "território inexplorado", do qual não se podia aproximar por intermédio de nenhuma religião formal, de nenhuma filosofia ou seita.

Pelo resto de sua vida, Krishnamurti rejeitou com vigor a condição de guru que tentavam lhe impingir. Ele continuou a reunir grandes multidões em todo o mundo, mas não se atribuía nenhuma autoridade, não queria discípulos e falava sempre como uma pessoa dirigindo-se a outra. No âmago de seus ensinamentos, encontrava-se a constatação de que mudanças fundamentais na sociedade só poderiam ser alcançadas pela transformação da consciência individual. Ele acentuava constantemente a necessidade do autoconhecimento e de se considerar as influências restritivas e separatistas da religião, bem como as limitações nacionalísticas. Krishnamurti apontava sempre a urgente necessidade de se manter abertos o espírito e o "amplo espaço da mente em que há inimaginável energia". Isso parece ter sido o

manancial da sua criatividade e a chave para o poder catalítico que exercia sobre uma tão grande variedade de pessoas.

Proferiu palestras sem cessar por todos os cantos do mundo até a sua morte, ocorrida em 1986, aos noventa anos de idade. Suas conferências, diálogos, diários e cartas foram reunidos em mais de sessenta livros. Desse vasto corpo de ensinamentos compilou-se esta série de livros-tema. Cada livro focaliza um assunto que possui particular relevância e urgência na nossa vida diária.

Saanen, 28 de Julho de 1964

Eu gostaria de falar sobre algo que inclui a totalidade da vida, algo não-fragmentário e, sim, uma abordagem completa da existência plena do homem. Para entrar no assunto com mais rapidez, suponho ser necessário que nos libertemos de teorias, crenças e dogmas. A maioria de nós cultiva o solo da mente durante todo o tempo, mas parece jamais plantar. Analisa, discute, faz tudo aos pedaços, mas não compreende o pleno movimento da vida.

Acredito que existem três fenômenos que precisamos conhecer profundamente para podermos compreender o pleno movimento da vida. São eles: o tempo, a dor e a morte. Conhecer o tempo, compreender toda a significação da dor e enfrentar a morte — tudo isso exige a luminosidade do amor. O amor não é uma teoria e nem é um ideal. Ou você ama ou você não ama. Isso não pode ser ensinado. Não se pode tomar lições de como amar e nem existe nenhum método pelo qual, com lições diárias, você possa vir a aprender o que é o amor. Mas creio que se venha a amar de forma espontânea, natural, com facilidade, quando se chega realmente a compreender o significado do tempo, a extraordinária profundidade da dor e a pureza que surge com a morte. Assim, quem sabe, possamos considerar — efetivamente, e não de forma teórica ou abstrata — a natureza do tempo, a qualidade ou a estrutura da dor, e este fenômeno extraordinário a que denominamos morte. Os três não estão separados. Se compreendermos o tempo, compreenderemos o que é a morte e também o que é a dor. Mas se encararmos o tempo como algo distinto da dor e da morte e tentarmos lidar com ele em separado, então a

nossa abordagem será fragmentária e, por conseguinte, jamais apreenderemos a extraordinária beleza e vitalidade do amor.

Iremos lidar com o tempo, não como uma abstração mas como uma realidade: tempo significando a duração, a continuidade da existência. Existe o tempo cronológico, horas e dias a se expandirem por milhões de anos — e foi o tempo cronológico que produziu a mente com a qual funcionamos. A mente é um resultado do tempo como uma continuidade da existência, e o aperfeiçoamento ou polimento da mente, com essa continuidade, é chamado de progresso. O tempo é também a duração psicológica que o pensamento criou como uma forma de atingir novos avanços. Usamos o tempo para progredir, para conquistar, para nos transformar, para alcançar determinado resultado. Para a maioria de nós, o tempo é um degrau para algo muito maior — para o desenvolvimento de certas faculdades, para o aperfeiçoamento de determinadas técnicas, para se atingir determinado fim ou meta, quer seja ela digna ou não; assim, acabamos por considerar que o tempo é necessário para verificar o que é verdadeiro, o que é Deus, o que está além de todo o trabalho do homem.

Encaramos o tempo como o período de duração entre o momento presente e algum momento no futuro, e usamos esse tempo para cultivar o caráter, para abandonar determinados hábitos, para desenvolver os músculos ou uma certa aparência.

Há mais de dois mil anos a mente cristã tem sido condicionada a acreditar num Onisciente, no inferno, no céu; e também no Oriente, ao longo de um período ainda muito maior, um condicionamento semelhante tem sido produzido. Acreditamos que o tempo seja necessário para tudo aquilo que precisamos fazer ou compreender. O tempo, portanto, torna-se um fardo; ele se torna uma barreira para a verdadeira percepção; ele nos dificulta a visão imediata da verdade de alguma coisa, pois acreditamos que é necessário despender algum tempo com o assunto. Dizemos: "Amanhã, ou daqui a alguns anos, compreenderei este assunto com extraordinária clareza." A partir do momento em que admitimos o tempo, estamos cultivando a indolência, essa preguiça especial que nos impede de ver imediatamente aquilo tal como realmente é.

Cremos que o tempo é indispensável para romper o condicionamento que a sociedade — com suas religiões organizadas, seus códigos morais, seus dogmas, sua arrogância e seu espírito competitivo — impôs sobre a mente. Pensamos em termos de tempo porque o pensamento pressupõe o tempo. O pensamento é a resposta da memória — e a memória é o pano de fundo constituído por tudo aquilo que foi acumulado, herdado, adquirido pela raça, pela comunidade, pelo grupo, pela família e pelo indivíduo, sendo o resultado de um processo aquisitivo da mente — e a sua acumulação levou tempo. Para a maioria de nós, a mente é memória, e sempre que surge um desafio ou uma solicitação, é a memória que responde. Trata-se de algo como a resposta de um cérebro eletrônico que funciona por meio de um processo associativo. Sendo o pensamento a resposta da memória, ele é, por sua própria natureza, um produto do tempo e o criador do tempo.

Rogo que não encarem o que estou dizendo como uma teoria; não se trata de algo sobre o que vocês precisam pensar. Não precisam pensar sobre isso, mas sim percebê-lo, pois é assim. Não pretendo entrar em todos os detalhes complicados, mas indiquei os fatos essenciais, e ou vocês os vêem ou não. Se estão acompanhando o que está sendo dito, não apenas de maneira verbal, lingüística, ou analítica, mas se realmente percebem que é assim, verificarão como o tempo nos ilude. A questão que segue é saber se o tempo pode parar. Se vocês forem capazes de ver todo o processo da nossa atividade — se não capazes de perder sua profundidade, sua superficialidade, sua beleza, sua feiúra — não amanhã, mas imediatamente, então essa mesma percepção é a ação que destrói o tempo.

Sem compreender o tempo, é impossível compreender a dor. Não se trata de duas coisas diferentes, como tentamos mostrar. Ir para o escritório, estar com a própria família, ter filhos — estes não são incidentes separados, isolados. Ao contrário, eles estão profunda e intimamente ligados uns aos outros, e não podemos enxergar esta extraordinária intimidade de relacionamento se não houver a sensibilidade que o amor produz.

Para entender a dor é preciso realmente entender a natureza do tempo e a estrutura do pensamento. O tempo precisa parar; de outra

forma, estaremos apenas repetindo a informação que acumulamos, tal qual um cérebro eletrônico. A menos que o tempo chegue ao fim — o que significa pôr um fim ao pensamento —, o que existe é uma simples repetição, ajustamento, uma contínua modificação. Nunca ocorre nada de novo. Somos cérebros eletrônicos glorificados — um pouco mais independentes, talvez, mas ainda assim funcionamos de forma análoga à das máquinas.

Para compreender a natureza da dor e o fim da dor, é preciso compreender o tempo, e compreender o tempo é compreender o pensamento. Os dois não são separados. Ao compreender o tempo, chega-se ao pensamento, e a compreensão do pensamento é o fim do tempo — e, portanto, o fim da dor. Se isso ficar claro, poderemos encarar a dor, e não adorá-la como o fazem os cristãos. Aquilo que não compreendemos, nós passamos a adorar ou destruímos. Nós o colocamos numa igreja, num templo ou num canto escuro da mente, e aí o mantemos com respeito; ou então o repelimos ou o atiramos fora; ou fugimos dele. Mas aqui não estamos fazendo nada disso. Vemos que por milênios o homem vem lutando contra esse problema da dor, mas não tem sido capaz de resolvê-lo; portanto ele se endureceu contra ele, ele o aceitou, dizendo que se trata de uma parte inevitável da vida.

Aceitar a dor pura e simplesmente, não só é estúpido como também faz com que a mente fique inerte e embotada, insensível, brutal e superficial e, portanto, a vida se torna um artigo de má qualidade, um processo constituído apenas de trabalho e prazer. Pode-se viver uma vida fragmentária de homem de negócios, de cientista, artista, um sentimental, uma pessoa chamada de religiosa, e assim por diante. Mas para compreender e ficar livre da dor, é preciso compreender o tempo e, por conseguinte, compreender o pensamento. Você não pode negar a dor e fugir ou escapar dela servindo-se de divertimentos, de igrejas ou de crenças organizadas, e nem pode aceitá-la ou adorá-la; e não fazer nenhuma dessas coisas exige uma grande dose de atenção, que é energia.

A dor tem raízes na autopiedade, e para compreender a dor é preciso que se processe inicialmente uma rude operação na autopiedade como um todo. Não sei se já observaram como vocês têm pena

de si mesmos quando dizem, por exemplo, "estou solitário". No momento em que surge a autopiedade, surge também o solo preparado para receber as raízes da dor. Não importa quanto você possa racionalizar a sua autopiedade, justificá-la, poli-la, encobri-la com idéias — ela ainda assim está presente, fazendo suas chagas lá nas suas profundezas. Assim, o homem que deseja compreender a dor deve começar por se tornar livre dessa trivialidade brutal, autocentrada e egotística que é a autopiedade. Você pode sentir autopiedade por estar doente, ou porque perdeu alguém por morte, ou porque não se satisfez e portanto está frustrado, embrutecido; mas qualquer que seja a causa, a autopiedade é a raiz da dor. E quando por fim você estiver livre da autopiedade, poderá olhar para a dor sem adorá-la ou fugir dela, ou dar a ela um significado sublime ou espiritual, tal como dizer que você precisa sofrer para encontrar Deus — o que é uma grande besteira. Apenas as mentes estúpidas e obtusas se conformam com a dor. Assim, não deve haver qualquer tipo de aceitação da dor, bem como não deve haver negação dela. Quando você estiver livre da autopiedade, terá despido a dor de todo sentimentalismo, de toda emotividade produzida pela autopiedade. Então você estará apto a encarar a dor com plena atenção.

Espero que vocês estejam fazendo isso enquanto prosseguimos e não se limitem a aceitar verbalmente o que está sendo dito. Percebam a própria aceitação tola da dor, sua racionalização, suas desculpas, sua autopiedade, seu sentimentalismo, sua atitude emocional em relação à dor, porque tudo isso é dissipação de energia. Para compreender a dor, vocês precisam dar toda sua atenção a ela, e nesta atenção não há lugar para desculpas, para sentimentos, para racionalização, não há lugar para qualquer tipo de autopiedade.

Espero estar sendo claro quando falo em dar atenção total à dor. Nessa atenção não há qualquer tentativa de resolver ou compreender a dor. Apenas olhar, observar. Qualquer tentativa de compreender, de racionalizar ou de escapar da dor, naquele estado de completa atenção no qual o que chamamos de dor pode ser compreendido.

Não estamos analisando, não estamos investigando analiticamente a dor de forma a nos livrarmos dela, pois este é outro truque da mente. A mente analisa a dor e, a seguir, imagina que a compreendeu e que está livre dela — o que é asneira. Você pode se ver livre de

determinado tipo de dor, mas a dor surgirá novamente, de outra forma. Estamos falando da dor como uma coisa global — da dor encarada dessa maneira —, seja ela sua, ou minha, ou de qualquer outro ser humano.

Para compreender a dor é preciso que haja a compreensão do tempo e do pensamento. É preciso que haja uma percepção involuntária de todas as fugas, de toda autopiedade, de todas as verbalizações, de forma que a mente se torne completamente silenciosa frente a algo que precisa ser compreendido. Não há então distinção entre o observador e aquilo que está sendo observado. Não se trata do fato de que *você*, o observador, o pensador, tem uma dor e a está percebendo, mas há apenas o *estado* de dor. Esse estado de dor indistinta é necessário, pois quando se olha para a dor como observador cria-se um conflito que embrutece a mente e dissipa energia, e portanto não há atenção.

Quando a mente compreende a natureza do tempo e do pensamento, quando arrancou todas as raízes da autopiedade, do sentimento, da emotividade e de todo o resto, então o pensamento — que criou toda essa complexidade — chega ao fim e não existe mais tempo; logo você está direta e intimamente em contato com aquilo a que chamou de dor. A dor é mantida apenas quando existe uma fuga, um desejo de fugir dela, de resolvê-la ou de adorá-la. Mas quando não existe nada disso porque a mente está em contato direto com a dor, e está portanto completamente silenciosa em relação a ela, então você descobrirá por si mesmo que a mente não está com dor, em absoluto. No momento em que a mente de alguém está completamente em contato com o fato gerador da dor, esse fato por si mesmo resolve todas as qualidades produtoras de dor, do tempo e do pensamento. E, por conseguinte, há o fim da dor.

Pergunto agora: como devemos compreender este fenômeno que chamamos de morte e que tanto nos assusta? O homem criou diversas formas tortuosas de lidar com a morte — adorando-a, negando-a, aferrando-se a um sem-número de crenças, e assim por diante. Mas para compreender a morte você, sem dúvida, precisa encará-la como algo totalmente novo; porque você, na verdade, nada sabe a respeito da morte; certo? Pode ser que você já tenha visto pessoas morrendo, e já tenha observado em si mesmo ou nos outros a chegada da velhice

com a sua deterioração. Você sabe que existe o fim da vida física por velhice, por acidentes, por doenças, por assassinato ou por suicídio, mas você não conhece a morte assim como conhece o sexo, a fome, a crueldade, a brutalidade. Você não sabe realmente o que é morrer, e enquanto isto não ocorrer, a morte não tem qualquer tipo de significado. Aquilo de que você tem medo é uma abstração, algo que você desconhece. Por não conhecer a plenitude da morte, ou quais são as suas implicações, a mente se assusta com ela — assusta-se com o pensamento, não com o fato que ela não conhece.

Peço que avancem comigo neste assunto. Se vocês morressem instantaneamente, não haveria tempo para pensar na morte e para ter medo dela. Mas existe um intervalo entre o agora e o momento em que a morte chega, e durante esse intervalo você terá bastante tempo para se preocupar, para racionalizar. Você quer atingir uma nova vida (se é que existe uma nova vida): todas as ansiedades, os desejos, o conhecimento que acumulou, desde que invente teorias ou acredite em alguma forma de imortalidade. Para você, a morte é algo distinto da vida. A morte está lá enquanto você está aqui, ocupado em viver — dirigindo um carro, fazendo sexo, sentindo fome, preocupando-se, indo para o escritório, acumulando conhecimentos, e assim por diante. Você não deseja morrer porque não acabou de escrever o seu livro, ou não aprendeu ainda a tocar maravilhosamente o violino. Assim, você separa a morte da vida e diz: "Vou compreender a vida agora, e em seguida compreenderei a morte." Mas as duas *não* são separadas — e esta é a primeira coisa a compreender. A vida e a morte são uma coisa só, estão intimamente relacionadas, e você não pode isolar uma delas e tentar compreendê-la sem considerar a outra. Entretanto, a maioria de nós faz isso: separa a vida em compartimentos estanques que não se relacionam. Se você é um economista, então a economia é toda a sua preocupação e você não se preocupa com nada além dela. Se você é um médico cuja especialidade é o nariz e a garganta, ou o coração, você vive naquele limitado campo de conhecimento por quarenta anos, e este é o seu céu quando você morre.

Lidar com a vida de forma fragmentária é viver em permanente confusão, em permanente contradição, desgraça. Você precisa enxergar a totalidade da vida, e só poderá enxergar essa totalidade quando

houver afeição, quando houver amor. O amor é a única revolução que produzirá ordem. De nada adianta adquirir mais e mais conhecimentos sobre matemática, sobre medicina, história, economia, e em seguida tentar agrupar todos os fragmentos; isto não resolverá nada. Sem amor, uma revolução conduz apenas à adoração do Estado, ou à adoração de uma imagem, ou a inumeráveis corrupções tirânicas e à destruição do homem. De maneira análoga, quando a mente, por estar assustada, mantém a morte a distância e a separa da vida diária, esta separação serve apenas para produzir mais medo, mais ansiedade, e a multiplicação das teorias sobre a morte. Para compreender a morte, você precisa compreender a vida. Mas a vida não é a continuidade do pensamento; é exatamente essa continuidade que produziu toda a nossa desgraça.

A pergunta então é: pode a mente trazer a morte da distância para o imediato? Percebem? Na realidade, a morte não é algo que está a distância; ela está aqui e agora. Está aqui quando você está falando, quando está se divertindo, quando está ouvindo, quando está indo para o escritório. Está aqui a cada minuto da vida, assim como o amor também está. Uma vez que você perceba este fato, então descobrirá que não tem medo da morte em absoluto. Não se tem medo do desconhecido e sim de perder o conhecido. Você tem medo de perder a família, de ser deixado só, sem companhia; tem medo da dor da solidão, de se ver sem as experiências, as posses que acumulou. Você tem medo de deixar que se vá o conhecido. O conhecido é recordação e a essa recordação a mente se aferra. Mas a memória é algo apenas mecânico — e os computadores o estão demonstrando maravilhosamente.

Para compreender a beleza e a extraordinária natureza da morte, é preciso estar livre do conhecido. No morrer para o conhecido reside o início do compreender a morte, pois então a mente se torna nova, fresca, e não existe temor. A partir daí pode-se entrar naquele estado chamado de morte. Assim, do princípio ao fim, a vida e a morte são uma só. O homem sábio compreende o tempo, o pensamento e a dor, e apenas ele pode compreender a morte. A mente que está a morrer a cada minuto, nunca acumulando, nunca reunindo experiências, é inocente, e portanto vive em permanente estado de amor.

Ojai, 7 de Junho de 1932

Questionador: O senhor disse que a morte, o amor e o nascimento são, em essência, uma única coisa. Como pode afirmar que não há distinção entre o choque e o sofrimento da morte e a bem-aventurança do amor?

Krishnamurti: Sabe o que você quer dizer com morte? A perda de um corpo, a perda da memória, e você pensa, tem esperança e acredita que haja uma oportunidade posterior. Algo que se foi daqui — eis o que você chama de morte. Mas para mim a morte surge através da continuidade da memória, e a memória não é senão o resultado de anseios, de se apegar, de desejar. Assim, para uma pessoa livre desses anseios não existe a morte, nem princípio ou fim, nem o caminho do amor, nem o caminho da mente, do sofrimento. Rogo que percebam o que pretendo explicar: na busca de um oposto nós criamos uma resistência. Se estou com medo, busco a coragem, e no entanto o medo ainda me acompanha pois estou simplesmente passando de um estado para o outro. Mas se eu me livro do medo, não conheço medo nem coragem; e afirmo que a maneira de fazer isso é através da percepção, de ser observador, de não tentar buscar coragem e sim se libertar do motivo que está agindo. Ou seja, se você está com medo, não crie um motivo para a coragem, porém trate de se libertar do medo. Isso é ação sem motivo. Vocês verão, se realmente compreenderam isso, que o tempo, que a morte como o futuro, cessaram. A morte é apenas o sentimento de uma imensa solidão e, assim, ao sermos tomados pela solidão, corremos para o outro, queremos nos unir ou tentar descobrir o que existe do outro lado — que para mim

consiste na busca de opostos —, e desta forma eles fazem com que a solidão se perpetue. Ao passo que, enfrentando a solidão, regozijando-se plenamente com ela, sabendo pela percepção, você destrói esta solidão do presente. Portanto, não existe morte.

Tudo se desgasta. As coisas são corpos, qualidades, resistências, obstáculos; todas elas se desgastam, precisam se desgastar, mas o homem que tanto em pensamento como em emoções é livre destas resistências e obstáculos, esse homem conhecerá a imortalidade, e não a continuação da própria limitação, da própria personalidade ou individualidade, o que não é senão uma série de camadas de anseios, apegos, desejos. Você pode discordar, mas se tiver se libertado do pensamento, se tiver penetrado através dessa autoconsciência, desse estado de alerta, através dessa chama intensa, então constata a imortalidade, que é a perfeita harmonia, que não é o "caminho do amor" ou o "caminho da dor", mas é aquele caminho onde cessou toda e qualquer distinção.

Bombaim, 14 de Março de 1948

Questionador: A morte é um fato que está bem à frente de todos, e no entanto seu mistério jamais é resolvido. Precisa ser sempre assim?

Krishnamurti: Por que existe o medo da morte? Quando nos aferramos à continuidade surge o medo da morte. A ação incompleta traz consigo o medo da morte. Existirá o medo de morte enquanto existir o desejo de continuidade em caráter, continuidade em ação, em capacidade, no nome, e assim por diante. Enquanto houver ação que busca resultado, deverá haver o pensador que busca a continuidade. O medo torna-se realidade quando esta continuidade é ameaçada pela morte. Assim, há o medo da morte enquanto houver o desejo de continuidade.

Aquilo que permanece se desintegra. Qualquer forma de continuidade, por mais nobre que seja, é um processo de desintegração. Na continuidade não há jamais renovação, e apenas pela renovação pode-se ficar livre do medo da morte. Se enxergamos a verdade disso, então veremos a verdade no falso. Assim nos libertaríamos do falso e não haveria mais o medo da morte. Desta forma, o viver — o experimentar —, está no presente e não como um meio de continuidade.

Será possível viver momento a momento em renovação? Existe a renovação ao se finalizar, e não na continuidade. No intervalo entre o finalizar e o iniciar de um outro problema, existe a renovação.

A morte, o estado de não-continuidade, o estado de renascimento, é o desconhecido. A morte é o desconhecido. A mente, que é o resultado da continuidade, não pode conhecer o desconhecido. Ela só

pode conhecer o conhecido. Ela só pode agir e ter sua existência no conhecido, que é contínuo. Assim, o conhecido teme o desconhecido. O conhecido não pode nunca conhecer o desconhecido, e assim a morte permanece um mistério. Se houver um final a cada novo momento, a cada novo dia, neste finalizar o desconhecido adquire existência.

A imortalidade não é a continuação do "eu". O eu e o meu advêm do tempo, de uma ação que visa a determinado fim. Não há, portanto, qualquer relacionamento entre o eu e o meu, e aquilo que é imortal, eterno. Gostaríamos de pensar que há uma relação, mas isto é uma ilusão. Aquilo que é imortal não pode ser encapsulado naquilo que é mortal. Aquilo que é imensurável não pode ser preso na rede do tempo.

Existe o medo da morte onde há a busca pela satisfação. A satisfação não tem fim. O desejo está constantemente procurando e mudando o objeto da satisfação, e por isso está preso na rede do tempo. Assim, a busca da auto-satisfação é outra forma de continuidade, e a frustração procura a morte como um meio de continuidade. A verdade não é contínua. A verdade é um estado de ser, e ser é ação sem tempo. Este ser é experimentado apenas quando o desejo, que dá origem à continuidade, está plena e completamente compreendido. O pensamento se baseia no passado e portanto o pensamento não pode conhecer o desconhecido, o imensurável. O processo de pensar precisa ter fim. Só então o incognoscível adquire existência.

Varanasi, 17 de Janeiro de 1954

Questionador: Tenho medo da morte. O que é a morte, e como posso deixar de ter medo dela?

Krishnamurti: É muito fácil fazer uma pergunta. Não existe uma resposta do tipo "sim" ou "não" para a vida. Mas nossas mentes pedem um "sim" ou um "não" porque elas têm sido treinadas para adquirir uma forma para pensar e não para compreender, para enxergar as coisas. Quando dizemos, "O que é a morte, e como posso vir a não ter medo dela?", queremos fórmulas, queremos definições, mas nunca sabemos como pensar sobre o problema.

Vamos ver se conseguimos examinar juntos o problema. O que é a morte? Deixar de ser, não é verdade? Chegar a um fim. Sabemos que existe um fim; vemos isto todos os dias à nossa volta. Mas não quero morrer, o "eu" sendo o processo: "Eu estou pensando, eu estou experimentando meu conhecimento" — tudo aquilo que cultivei, tudo aquilo contra o que resisti, o caráter, a experiência, o conhecimento, a precisão e a capacidade, a beleza. Não quero que tudo isso acabe. Quero continuar; ainda não terminei; não quero chegar a um fim. E no entanto existe um final. Obviamente cada organismo que está funcionando deve chegar a um final. Mas minha mente não quer aceitar isso. Assim, começo a inventar um credo, uma continuidade; desejo aceitar isso porque existe um condicionamento completo para que eu continue, e porque possuo teorias completas de que existe a reencarnação.

Não estamos discutindo se existe ou não a continuidade, se existe ou não o renascimento. Este não é o nosso problema. O problema é

que mesmo que você tenha tais crenças, ainda assim você tem medo. Porque, afinal de contas, não existe certeza; há sempre a incerteza. Existe sempre este ansiar por uma segurança. Assim a mente, conhecendo o final, começa a ter medo, deseja viver tanto quanto possível, busca mais e mais paliativos. A mente também acredita na continuidade após a morte.

O que é a continuidade? Será que a continuidade pressupõe tempo; não o mero tempo cronológico do relógio mas sim o tempo como um processo psicológico? Quero viver. Porque acredito que se trata de um processo contínuo sem qualquer fim, minha mente está sempre acrescentando, concentrando-se em si mesma na esperança de uma continuidade. Portanto, a mente pensa em termos de tempo, e se pode ter continuidade no tempo, então ela não tem medo.

O que é a imortalidade? A continuidade do "eu" é o que chamamos de imortalidade — o "eu" num nível mais elevado. Você espera que o eu continue. O eu está ainda no campo do pensamento, não está? Vocês já pensaram sobre isso. O eu, não importa quão superior você acredita que ele seja, é produto do pensamento; e como tal é condicionado, é nascido do tempo. Peço que não se limitem a seguir a lógica do que estou dizendo, mas que vejam o seu pleno significado. Na verdade, a imortalidade não é de tempo e portanto não é da mente, não é algo nascido dos meus desejos, das minhas solicitações, dos meus medos, das minhas necessidades.

Percebe-se que a vida tem um final, um final súbito. O que estava vivo ontem pode não estar vivo hoje, e o que vive hoje pode não viver amanhã. A vida certamente tem um final. É um fato, mas nós não admitiremos isso. Você hoje é diferente de ontem. Diversas coisas, diversos contatos, reações, compulsões, resistências, influências, mudam o "que era" ou fazem com que chegue ao fim. Um homem realmente criativo deve ter um fim, e ele aceita isso. Mas não aceitaremos isso porque nossas mentes estão muito acostumadas ao processo de armazenar. Dizemos, "Aprendi isto hoje", "aprendi isto ontem". Pensamos apenas em termos de tempo, em termos de continuidade. Se não pensarmos em termos de continuidade, haverá um final, haverá o morrer, e veremos tudo de forma mais clara, em toda a sua simplicidade, objetivamente.

Não admitimos o fato de um final porque a nossa mente procura, com a continuidade, segurança na família, na propriedade, na nossa profissão, em qualquer trabalho que façamos. Portanto, temos medo. Apenas a mente livre da busca aquisitiva de segurança, livre do desejo de continuar, do processo de continuidade, apenas esta conhecerá o que vem a ser a imortalidade. Mas a mente à procura da imortalidade pessoal, o eu querendo continuar, não saberá jamais o que é a mortalidade; essa mente jamais saberá o significado do medo e da morte, e jamais irá além disso.

Com Estudantes em Rajghat
22 de Janeiro de 1954

Questionador: Por que temos medo da morte?

Krishnamurti: A pergunta que fizeram foi: "Por que temos medo da morte?" Vocês sabem o que é a morte? Vocês vêem a folha verde; ela viveu todo o verão, dançou com o vento, absorveu a luz do sol, as chuvas a lavaram e quando o inverno chegou, a folha ficou murcha e morreu. Um pássaro a voar é lindo, mas também envelhece e morre. Vocês vêem corpos humanos sendo carregados para o lado do rio, para serem queimados. Então vocês sabem o que é a morte. Por que a temem? Porque, assim como a folha ou o pássaro, vocês estão vivos e se uma doença ou algo mais lhes acontece, sentem-se acabados. Nesse momento dizem: "Eu quero viver, quero aproveitar, quero ter isso que chamamos de vida acontecendo em mim." Então o medo da morte é o medo de chegar a um fim, não é verdade? Jogar críquete, aproveitar a luz do sol, ver o rio novamente, vestir suas velhas roupas, ler livros, encontrar seus amigos constantemente, tudo isto chega ao fim. Assim vocês se assustam com a morte.

Assustando-nos com a morte, sabendo que ela é inevitável, nós pensamos em como ir além dela e formamos várias teorias. Mas se soubermos como terminar, não haverá medo; se soubermos como morrer a cada dia, então não haverá medo. Compreendem isto? É um pouco fora do comum. Nós não sabemos como morrer porque estamos sempre acumulando, acumulando, acumulando. Pensamos sempre em termos do amanhã. "Eu sou isto e serei aquilo." Nunca nos completamos em um dia, não vivemos como se houvesse um

único dia para ser vivido. Vocês entendem sobre o que estou falando? Vocês estão sempre vivendo no amanhã ou no ontem. Se alguém dissesse que você iria morrer no fim do dia, o que faria? Não viveria plenamente aquele dia? Nós não vivemos a totalidade de um dia. Não valorizamos o dia, estamos sempre pensando o que seremos amanhã, sobre o jogo que terminaremos amanhã, na prova que acabaremos em seis meses, em como desfrutaremos nossa comida, que tipo de roupa compraremos e assim por diante, sempre amanhã ou ontem. E então nós nunca estamos vivendo, nós estamos realmente sempre morrendo de forma errada.

Se vivemos um dia e o terminamos e começamos novamente outro como se fosse algo novo, inédito, então não há o medo da morte. Morrer a cada dia em relação a tudo o que adquirimos, a todo o conhecimento, a todas as lembranças, a todas as lutas, não carregá-las para o outro dia — nisso há beleza e, mesmo havendo um fim, há renovação.

De Comentários sobre a Vida Segunda Série*

O Medo da Morte

Na terra vermelha em frente à casa, havia uma enorme quantidade de flores em forma de trompetes com corações dourados. Tinham grandes pétalas cor de malva e um suave perfume. Seriam varridas ao longo do dia, mas durante a escuridão da noite elas recobriam a terra vermelha. A trepadeira era forte, com suas folhas dentadas que cintilavam ao sol da manhã. Algumas crianças pisavam descuidadamente nas flores, e um homem entrando apressadamente no seu carro nem ao menos as olhou. Alguém que passava por ali pegou uma delas, cheirou-a e carregou-a consigo, para logo depois deixá-la cair. Uma mulher, provavelmente uma empregada, saiu de casa, apanhou uma flor e prendeu-a no cabelo. Como eram lindas aquelas flores e como murchavam rapidamente ao sol!

"Tenho sido sempre perseguido por algum tipo de medo. Quando criança, eu era tímido, acanhado e sensível, e agora tenho medo da velhice e da morte. Eu sei que todos têm de morrer, mas não há racionalizações para aplacar este medo. Eu me filiei à Sociedade de Pesquisa Psíquica, fui a algumas sessões e li o que os grandes mestres disseram sobre a morte; mas o medo dela permanece. Tentei até mesmo a psicanálise, mas isso também não surtiu efeito. Esse medo tor-

---

* Publicado pela Editora Cultrix, em tradução de Hugo Veloso, com o título de *Diálogos Sobre a Vida*.

nou-se um problema sério para mim; acordo no meio da noite com sonhos terríveis, e todos eles, de uma forma ou de outra, têm algo a ver com a morte. De forma estranha, eu vivo assustado com a violência e a morte. A guerra foi um pesadelo contínuo para mim, e agora encontro-me realmente bastante perturbado. Não é uma neurose, mas percebo que pode se transformar em uma. Fiz tudo o que estava ao meu alcance para controlar esse medo; tentei fugir dele, mas ao final da minha fuga não fui capaz de espantá-lo de vez. Assisti a algumas palestras estúpidas sobre reencarnação, e de certa forma estudei a literatura hindu e budista a esse respeito. Mas tudo isso se mostrou bastante insatisfatório, ao menos para mim. Não estou apenas com um medo superficial da morte; o que eu sinto é um profundo medo dela."

Como aborda o futuro, o amanhã, a morte? Está à procura da verdade sobre o assunto, ou está à procura de algo que o tranqüilize, uma afirmação gratificante sobre a continuidade ou o aniquilamento? Você quer a verdade ou uma resposta confortadora?

"Quando o senhor apresenta as coisas dessa forma, eu não sei realmente do que tenho medo; mas ainda assim, o medo não só está presente, como tem caráter de urgência.

Qual é o seu problema? Você quer se livrar do medo ou está em busca da verdade sobre a morte?

"O que o senhor quer dizer por verdade sobre a morte?"

A morte é um fato inevitável; faça o que fizer, ela é irrevogável, final e verdadeira. Mas você quer conhecer a verdade sobre o que está além da morte?

"Tudo o que estudei e as poucas materializações a que assisti em sessões tornam óbvio que existe algum tipo de continuidade após a morte. O pensamento, de alguma maneira, continua, como o senhor mesmo declarou. Assim como o autor de canções, de palavras e de imagens necessita de um receptor na outra extremidade, o pensamento que prossegue após a morte requer um instrumento através do qual ele possa se expressar. Esse instrumento pode ser um médium, ou o pensamento pode se encarnar de outra maneira. Isto tudo é vagamente claro e pode ser sentido e compreendido; mas mesmo tendo me apro-

fundado bastante neste assunto, há ainda um medo insondável que acredito seja definitivamente vinculado à morte."

A morte é inevitável. A continuidade pode ter fim, ou pode ser alimentada e mantida. Aquilo que tem continuidade não pode jamais se renovar. Não pode nunca ser o novo, não pode nunca compreender o desconhecido. Continuidade é duração, e aquilo que dura para sempre não é o eterno. Através do tempo, da duração, não existe o eterno. Deve haver um fim para que o novo possa surgir. O novo não está contido na continuação do pensamento. O pensamento é um movimento contínuo no tempo; esse movimento não pode enclausurar dentro dele um estado de existência que não é de tempo. O pensamento fundamenta-se no passado; sua própria existência é de tempo. O tempo não é apenas cronológico, mas também pensamento — enquanto movimento do passado, através do presente, em direção ao futuro —; é o movimento da memória, da palavra, da imagem, do símbolo, o registro, a repetição. Pensamento, memória, é um continuar através da palavra e da repetição. O final do pensamento é o começo do novo; a morte do pensamento é a vida eterna. É preciso haver um finalizar constante para que o novo possa vir a ser. Aquilo que é novo não é contínuo; o novo não pode jamais estar dentro do campo do tempo. O novo existe apenas na morte a cada momento. Deve haver morte todos os dias para que o desconhecido possa existir. O fim é o princípio, mas o medo impede o final.

"Eu sei que tenho medo, e não sei o que há por trás dele."

O que você quer dizer por medo? O que é o medo? O medo não é uma abstração; não existe independentemente, isoladamente. Torna-se realidade apenas em relação a alguma coisa. O medo se manifesta no processo de relacionamento; não há medo fora dos relacionamentos. Agora, do que será que você tem medo? Você afirma ter medo da morte. O que você quer dizer com morte? Embora tenhamos teorias e especulações, e haja certos fatos observáveis, a morte ainda é o desconhecido. O que quer que saibamos sobre ela, a morte ainda assim não pode ser trazida para o campo do conhecido; estendemos a mão para apanhá-la mas não o conseguimos. Associação é o conhecido, e o desconhecido não pode se tornar familiar; o hábito não pode dominá-lo, e então surge o medo.

Poderá um dia o conhecido, a mente, compreender ou incluir o desconhecido? A mão que se estende pode receber apenas o cognoscível; ela não pode segurar o incognoscível. Desejar experiência é dar continuidade ao pensamento; desejar experiência é dar força ao passado; desejar experiência é alargar o conhecido. Você quer experimentar a morte, não é verdade? Embora vivendo, você deseja saber o que é a morte. Mas você sabe o que é viver? Você conhece a vida apenas como conflito, confusão, antagonismo, momentos de alegria e de sofrimento. Mas o que é a vida? Luta e sofrimento, por acaso, constituem a vida? Neste estado ao que chamamos de vida desejamos experimentar algo que não se encontra em nosso próprio campo de consciência. Este sofrimento, esta luta, o ódio que se reveste de alegria, eis o que chamamos de vida. O oposto é a continuação do que existe, talvez um pouco modificado. Mas a morte não é o oposto. Ela é o desconhecido. O conhecível anseia por experimentar a morte, o desconhecido; mas faça o que fizer, é impossível experimentar a morte. Portanto, isso torna-se aterrador, não é verdade?

"O senhor apresentou tudo muito claramente. Se eu pudesse saber ou experimentar o que é a morte enquanto vivesse, então certamente o medo desapareceria."

Como você não pode experimentar a morte, você a teme. Pode a consciência experimentar aquele estado que não se torna realidade através do consciente? Aquilo que pode ser experimentado é a projeção do consciente, do conhecido. O conhecido só pode experimentar o conhecido; a experiência está sempre dentro do campo do conhecido; o conhecido não pode jamais experimentar algo que esteja além do seu campo. Experimentar é bastante diferente de experiência. O experimentar não está na esfera de ação do experimentador. Mas à medida que o experimentador se desvanece, o experimentador e a experiência tornam-se realidade, e então o experimentar é trazido para a esfera do conhecido. O conhecedor, o experimentador, anseia pelo estado de experimentar o desconhecido; e uma vez que o experimentador, o conhecedor, não pode penetrar no estado de experimentar, sente medo. Ele é o próprio medo; ele não se separa do medo. Esse experimentador não é um observador do medo; ele é o medo em si mesmo, é o próprio instrumento do medo.

"O que o senhor entende por medo? Eu sei que tenho medo da morte. Não sinto que eu *seja* o medo, mas tenho medo de algo. Eu tenho medo e sou separado desse medo. O medo é uma sensação distinta do 'Eu', que o observa e analisa. Eu sou o observador, e o medo é o observado. Como podem o observador e o observado ser um *só*?"

Você afirma que é o observador e que o medo é o observado. Mas será que é assim? Por acaso você é uma entidade separada das suas qualidades? Você não se identifica com as suas qualidades? Será que você não é os seus pensamentos, as suas emoções, e assim por diante? Você não é separado de suas qualidades, de seus pensamentos. Você é os seus pensamentos. O pensamento cria o "eu", esta entidade supostamente separada; sem o pensamento, o pensador não existe. Notando a impermanência de si mesmo, o pensamento cria o pensador como o permanente, o duradouro; e o pensador então torna-se o experimentador, o analisador, o observador separado do transitivo. Todos nós ansiamos por alguma forma de permanência, e ao notar a impermanência à nossa volta, o pensamento cria o pensador, que supostamente é permanente. O pensador então principia a desenvolver outras e mais elevadas formas de permanência: a alma, o atmã, o eu superior, e assim por diante. O pensamento é a base de toda essa estrutura. Mas essa é uma outra questão. Estamos lidando com o medo. O que é o medo? Vejamos o que é.

Você afirma que tem medo da morte. Uma vez que você não pode experimentá-la, você tem medo dela. A morte é o desconhecido, e você tem medo do desconhecido. Não é assim? Agora, pergunto, pode você ter medo de algo que não conhece? Se algo lhe é desconhecido, como isso pode meter-lhe medo? Na verdade, você não tem medo do desconhecido, da morte, e assim da perda do conhecido, pois isso pode lhe provocar sofrimento, ou privá-lo do seu prazer, da sua satisfação. É o conhecido que provoca o medo, não o desconhecido. Como poderia o desconhecido provocar medo? Ele não é mensurável em termos de prazer e sofrimento; ele é desconhecido.

O medo não pode existir por si mesmo; ele surge no relacionamento com algo. Na realidade, você tem medo do conhecido na sua relação com a morte, não é? Porque você se aferra ao conhecido, a

uma experiência, você se assusta com o que possa vir a ser o futuro. Mas "o que poderia vir a ser", o futuro, é meramente uma reação, uma especulação, o oposto "daquilo que é". Isto é verdade, não é mesmo?

"Sim, parece ser verdade."

E você sabe "o que é?" Compreende "o que é"? Por acaso você abriu a porta do armário do conhecido e olhou para dentro dele? Você não tem medo do que pode vir a descobrir ali? Você já se preocupou em indagar o conhecido, sobre aquilo que você possui?

"Não, nunca fiz isso. Sempre tomei por certo o conhecido. Aceitei o passado como se aceita a luz do sol ou a chuva. Nunca parei para pensar nisso: sempre se está inconsciente disso, como se está inconsciente da própria sombra. Agora que o senhor menciona, suponho que tenho medo também de descobrir o que poderia estar ali."

E por acaso não está a maioria de nós com medo de olhar para nós mesmos? Poderíamos descobrir coisas desagradáveis; assim, é melhor não olhar. Preferimos nos manter na ignorância do que pode haver por lá. Temos medo, não apenas do que pode haver no futuro, como também do que pode haver no presente. Temos medo de nos conhecer como somos, e este evitar "aquilo que existe" está nos fazendo ter medo do que poderia ser. Abordamos o assim chamado "conhecido" com medo, e também o desconhecido, a morte. Evitar "aquilo que existe" é desejo de satisfação. Buscamos segurança, solicitando constantemente que não haja perturbações, e é esse desejo de não ser perturbado que nos faz evitar o "o que existe", e temer o que *poderia* existir. O medo é a ignorância daquilo "que existe", e a nossa vida é gasta em permanente estado de medo.

"Mas o que pode alguém fazer para se livrar desse medo?"

Para se ver livre de algo é preciso compreendê-lo. O que existe é o medo ou simplesmente o desejo de não ver? É o desejo de não ver que produz o medo; e quando você não quer compreender o pleno significado "do que existe", o medo age se forma preventiva. Você pode levar uma vida de satisfações simplesmente evitando de forma deliberada qualquer indagação sobre o "o que existe", e muitas pessoas fazem isso; mas elas não são felizes, assim como não o são aquelas que se divertem com um estudo superficial de "o que existe".

Apenas aquelas que estão empenhadas em suas investigações podem ter a percepção da alegria; apenas elas se libertarão do medo.

"Então como pode alguém entender o 'o que existe'?"

O "o que existe" deve ser visto no espelho do relacionamento — do relacionamento com todas as coisas. O "o que existe" não pode ser compreendido no retraimento, no isolamento; não pode ser entendido se houver o intérprete, o tradutor que nega ou aceita. O "o que existe" só pode ser compreendido quando a mente está totalmente passiva, quando ela não está atuando sobre o "o que existe".

"Não é extremamente difícil ter uma percepção passiva?"

Sim, é, enquanto houver pensamento.

Seattle, 3 de Agosto de 1950

Questionador: O que é a morte que se deve temer?

Krishnamurti: Você sabe o que é a morte? Você não tem medo disso?

Q: Tenho.

Q: Não.

K: Você não tem medo de chegar ao fim? Então você deve ter ficado saturado da vida! O que é a morte a não ser chegar ao fim? Você não teme deixar todas as suas lembranças, suas experiências, seus entes queridos, tudo aquilo que é você?

Q: Não conhecemos a morte; conhecemos apenas o que vem a ser a morte de outro.

K: A morte, obviamente, é algo que não conhecemos; podemos apenas experimentá-la indiretamente. Morrer é chegar a um fim, tanto física quanto psicologicamente.

Q: Não estamos preocupados com o problema da morte e, sim, com o problema do medo da morte.

K: Vamos então abordar juntos o problema; vamos experimentá-lo, explorá-lo em conjunto.

Temos medo da morte. Não temos medo de algo que conhecemos positiva e definitivamente. O medo existe apenas em relação ao que é incerto, que pode nos ferir, que nos faz inseguros. A morte é uma incerteza, e é por isso que a tememos. Se pudéssemos conhecer todo o seu conteúdo, toda a implicação da morte, toda a significação do

que está além, então não a temeríamos, não é verdade? Assim, como podemos vir a saber o que é morrer? Como poderemos, enquanto vivos, conhecer a morte?

Q: Como podemos conhecê-la sem experimentá-la?

K: Veremos isso num minuto. Como é difícil para nós compreender os caminhos da mente! A mente quer converter o desconhecido em conhecido — e esta é uma das nossas dificuldades. A mente diz: "Se eu não souber o que há por trás da morte, tenho medo; mas se você me assegurar que há uma continuidade, então eu deixo de ter medo." A mente está em busca de certezas; mas, enquanto buscarmos certeza, deve haver medo. Não é da morte que temos medo e sim da nossa incerteza. Podemos funcionar apenas quando temos uma sensação de segurança, e se isto nos é tirado, nós nos assustamos. Assim, se pudermos descobrir o que é a morte, então nos livraremos do medo.

Q: Se eu pensar na morte como um final, como poderei ter uma sensação de segurança enquanto desejo continuar? De outro lado, como posso me livrar do meu desejo de certezas?

K: Só se pode ficar livre dele quando se percebe que não existem certezas.

Q: Mas queremos ter a certeza do futuro.

K: E podemos? Queremos nos assegurar de que vivemos no passado e teremos uma continuidade no futuro. Podemos ler tudo o que os livros de religião dizem; podemos ouvir a experiência de outras pessoas e procurar nos assegurar pelos médiuns; mas será que isso nos tornará livres do medo? Enquanto estivermos buscando certezas, deveremos temer as incertezas. Por favor: não se trata de um quebra-cabeça. A busca pelo oposto, pela antítese daquilo que somos, o desejo de evitar, de fugir do que somos, dá origem ao medo, não é? Então, é óbvio que é preciso vir a saber o que é o medo. O que é o medo?

Existe o fato da morte, e afirmamos que temos medo desse fato. O medo torna-se realidade por causa do fato ou por causa da palavra *morte*? A sensação é independente da palavra? Respondemos a pa-

lavras. Palavras tais como *Deus*, *amor*, *comunismo* e *democracia* produzem em nós respostas nervosas e psicológicas bem definidas, não é verdade? Quando acreditamos em "Deus" e falamos sobre "Ele", nos sentimos melhor. Palavras tais como *morte*, *ódio*, *alemães*, *russos*, *hindus* e *negros*, todas elas possuem um significado extraordinariamente profundo para nós. Portanto, precisamos descobrir se essa sensação que chamamos de medo é uma realidade ou não se trata de um mero resultado das palavras que usamos.

Q: A realidade é o significado que damos à palavra.

K: Vamos examinar isso. Se queremos ardentemente nos livrar do medo, é preciso descobrir como abordá-lo adequadamente. É possível identificar inúmeros fatores que nos fazem temer isso que chamamos de morte, mas me pergunto se não existe ainda uma outra causa, se a própria palavra *morte* não é responsável pelo nosso medo devido ao seu significado, às associações que evoca na nossa mente. Por favor, me acompanhem, e veremos o que surge daí. A palavra *morte* não é a morte em si mesma, e ainda assim tem grande significado para nós, não é verdade?

Q: A palavra carrega uma conotação de finitude.

K: Sim, e também de todos os medos da raça, da classe, do indivíduo. Nossas mentes foram condicionadas, não apenas por essa palavra, mas por palavras tais como *capitalismo*, *fascismo*, *paz*, *guerra*, e muitas outras. Não é assim? Palavras, símbolos, imagens, têm uma grande dose de importância para nós, muito mais do que fatos, porque podemos pensar sem palavras. A palavra é a imagem, o símbolo, e para nós, pensar é verbalizar, simbolizar, imaginar, rotular. Se não possuímos imagens, símbolos, ou palavras, não teríamos memória, não é? Assim, não é o *fato* da morte e, sim, a palavra *morte* que nos produz a sensação de medo. Não? Podemos ver também aparecer o medo quando a mente, que está acostumada às certezas, se confronta com a incerteza; quando a mente, que é o resultado do conhecido, do passado, se confronta com o desconhecido, o futuro.

A próxima pergunta então é: Será que existiria o sentimento que chamamos de medo se não déssemos e ele o nome de "medo"? O sentimento existiria sem a palavra?

Q: A palavra é apenas um rótulo para o sentimento. Temos de dar um nome para o sentimento; esta é a única forma de reconhecê-lo.

K: Quando consideramos o medo da morte, o que surge primeiro: o sentimento ou a palavra? A palavra produz sentimento, ou será o sentimento independente da palavra? Esta é, na verdade, uma questão bastante importante, pois se pudermos nos aprofundar nela, acredito que poderemos descobrir algo muito significativo.

Quando nos confrontamos com o fato da morte, damos um nome a ele, e o nome nos dá uma sensação de insegurança, que nos desagrada e nos faz ter medo. A morte é algo novo; o fato da morte é um desafio novo, não é verdade? No entanto, a partir do momento em que lhe demos um nome, nós passamos a incluí-lo no antigo. Sempre que a mente encontra um fato novo, um incidente novo, uma sensação nova, imediatamente ela o rotula, o reconhece, o identifica, pois acreditamos ser este o único meio de compreender o que quer que seja: tornar antigo o novo. É desta forma que a mente opera, não é? É isso o que fazemos imediatamente. A mente não pode pensar sobre o novo, por isso sempre o traduz em termos do antigo. Pensar é um processo de verbalizar, não é? Quando somos desafiados pelo fato que chamamos de morte, reagimos pensando nele, e esta verbalização gera o medo. O problema agora é saber se é possível, quando desafiados por aquilo que denominamos *morte*, não reagir verbalmente.

Q: Eu diria que não.

K: Se você não tentou, como pode dizer "sim" ou "não"? Quando em lhe faço essa pergunta, você está sendo desafiado por algo, e sua reação imediata é a de procurar encontrar uma resposta; sua mente põe-se a operar, e de imediato surgem as palavras. Por favor, observe a sua mente e verá que, quando lhe perguntam algo que você não sabe, a mente não permanece silenciosa e tenta compreender o novo, mas de imediato põe-se a buscar nos antigos registros da memória a resposta correta.

Q: A conclusão lógica do seu raciocínio seria a de parar o processo de pensar.

K: Por favor, não se trata aqui de um raciocínio lógico; trata-se de observação efetiva. Você verá o que sucede se experimentar. Quando a mente encontra algo novo para o que não tem resposta, para o que não existem palavras, ela se torna silenciosa. Quando vemos algo totalmente novo que não reconhecemos e não podemos identificar com nada que já conhecemos, não lhe damos nome. Observamos para descobrir o que é, e não há verbalização neste estado de observação atenta. A partir do momento em que começamos a verbalizar, qualquer experiência deixa de ser nova e, transforma-se no antigo, não é verdade?

Q: Se é completamente novo, não há sobre o que verbalizar.

K: Certamente. Portanto, a morte é algo novo se não verbalizamos a seu respeito. Embora seja uma palavra, o conteúdo dessa palavra e a sua qualidade de condicionamento foram além dela. Podemos então olhar a morte. Pergunto agora: qual o estado da mente que é desafiada pelo novo e não verbaliza a respeito, não reage de imediato, voltando-se para as antigas recordações, os antigos registros, de forma a encontrar a resposta correta? E não é também nova esta mente? Os antigos condicionamentos se desfizeram, a agitação cessou, a procura terminou. E quando o desafio é novo, e a mente é nova, onde está o medo?

Q: A mente é nova, mas o desafio é ainda o antigo, mesmo sem um nome.

K: A morte é antiga apenas quando a reconhecemos, e só podemos reconhecê-la por meio de palavras, por meio da memória, que é o condicionamento do indivíduo. A morte é antiga por possuir todas as conotações do medo, da crença, da consolação, da fuga. Nós sempre a abordamos com o conhecido; nossa abordagem é a antiga abordagem, e assim a reconhecemos como morte. Mas se tivermos uma nova abordagem, se nos aproximarmos dela com a mente renovada, completamente despojada do antigo, poderá não mais se tratar daquilo a que chamamos de morte; poderá ser algo totalmente diferente.

Q: Precisamos saber para o que estamos olhando, mesmo que não lhe demos um nome.

K: Isso é o que estou propondo que façamos. Vamos tentar descobrir se é possível para a mente interromper o processo de verbalização e limitar-se a olhar. E pergunto, se a mente puder fazê-lo, existirá então isso para o que a mente está olhando, e isto é o novo, separado da própria mente, que é também o novo? Existirá uma distinção entre o desafio e o observador que olha o desafio?

Q: O observador cria o desafio.

K: Você responde depressa demais. Por favor, não traduza o que estou dizendo aos seus próprios termos, porque então estará perdendo todo o seu significado.

Q: Se ambos forem novos, então, como poderemos afirmar que eles são o mesmo ou diferentes?

K: Quando a mente é nova, estará o desafio, que também é novo, fora dela?

A dificuldade com tudo isso é que, a menos que realmente o experimentemos, ele terá pouco significado para nós. Aquilo que é novo não tem morte, está continuamente sendo, não é nunca o antigo. Apenas o antigo teme chegar ao fim; e se nos aprofundarmos nesta questão em sua totalidade, veremos que é possível para a mente ser livre, não apenas do medo da morte, mas também do medo em todas as suas formas.

De Palestras na Europa 1968:
Paris, 28 de Abril de 1968

Para tecer considerações sobre o medo e a dor, é preciso examinar os problemas da morte e da velhice. A morte pode ocorrer por doença, em função de um acidente, ou por velhice e decadência. Existe o fato óbvio do organismo físico que chega ao fim. E também o fato óbvio do organismo que envelhece, fica velho, doente, e morre. E, à medida que envelhecemos, observamos o problema que isto representa, a sua feiúra, como à medida que envelhecemos nos tornamos mais tolos, mais insensíveis. A velhice torna-se um problema quando não se sabe viver. Pode ocorrer de nunca se ter vivido — viveu-se em luta, sofrimento, conflito, o que é comprovado pelo nosso rosto, pelo nosso corpo, pelas nossas atitudes.

Quando o organismo físico se aproxima do fim, a morte é certamente inevitável. Talvez os cientistas venham a descobrir alguma pílula que garanta a continuidade por mais cinqüenta ou cem anos, mas ainda assim, lá no fim está a morte. Permanece o problema da velhice, a perda da memória, o tornar-se senil, mais e mais inútil para a sociedade, e assim por diante. E há a morte, morte como algo inevitável, desconhecido, muito desagradável, muito temida. Por ficarmos assustados com ela, nós nem falamos nela ou, se falamos, elaboramos teorias, fórmulas confortadoras, seja a "reencarnação" do Oriente ou a "ressurreição" do Ocidente. Ou talvez aceitemos intelectualmente a morte e digamos que ela é inevitável e que "como tudo morre, eu também irei morrer". Racionalização, uma crença confortadora, ou uma fuga, é tudo a mesma coisa.

Mas o que é a morte? Além da entidade física que chega ao fim, o que é a morte? Ao formular esta pergunta, é preciso que se indague: o que é viver? As duas perguntas não podem ser separadas. Se você diz: "Eu realmente quero saber o que é a morte", jamais saberá a resposta a menos que saiba o que é estar vivo. É o que é o seu viver? Desde o momento em que nascemos até a nossa morte, a vida consiste numa luta infindável, num campo de batalha, não apenas dentro de nós mesmos, mas também com nossos vizinhos, com a esposa, filhos, marido, com tudo — é uma batalha de sofrimento, de medo, ansiedade, culpa, solidão e desespero. E desse desespero se originam as invenções da mente, tais como os deuses, sábios, santos, a adoração de heróis, os rituais e a guerra — guerra verdadeira, matar uns aos outros. Eis a nossa vida. Eis o que chamamos de vida, na qual podemos ter alguns momentos de alegria, uma luz esporádica nos olhos, mas esta é a nossa vida. E a esta vida nós nos aferramos porque dizemos: "Ao menos eu a conheço, e é melhor ter isso do que não ter nada."

Portanto, temos medo de viver, e temos medo de morrer, do fim. E quando a morte chega inevitavelmente, tenta-se expulsá-la. Nossa vida é uma agonia longa e prolongada de uma batalha travada com nós mesmos, com tudo e com todos à nossa volta. E a essa batalha damos o nome de amor; é um prazer enorme, um desejo enorme, com sua satisfação, seja sexualmente ou de outra forma — tudo isso é a nossa vida, da manhã à noite.

A menos que compreendamos o que é viver, o mero buscar de um meio de nos livrarmos da morte é absolutamente inútil. Quando se compreende o que é viver, o que significa pôr fim ao sofrimento, pôr fim à luta, não transformar a vida num campo de batalha, então será visto interiormente, psicologicamente, que viver é morrer — morrer para tudo a cada dia, a todas as acumulações que foram feitas, de forma que a mente se renova, fica pura e inocente a cada dia. E isso requer enorme atenção. Mas isso não pode ocorrer enquanto não houver um fim no sofrimento, ou seja, o medo, e portanto o fim do pensamento. Então a mente está completamente silenciosa — não tola, nem estúpida, não tornada insensível pela disciplina e por todos os outros truques que se aprende com o estudo da ioga e de similares.

Então o viver é morrer, o que significa que não existe morte sem amor. O amor não é uma recordação. Vida, amor e morte caminham juntos; não são fenômenos distintos. E, portanto, a vida consiste em viver cada dia num estado de frescor; e para alcançar essa claridade, essa inocência, é preciso que haja a morte daquele estado da mente no qual existe sempre o centro, o "eu".

Sem amor não há virtude. Sem amor não há paz; não há relacionamentos. Esta é a fundação sobre a qual a mente deve se apoiar para caminhar rumo à dimensão em que apenas a verdade existe.

De Palestras na Europa 1968: *Amsterdã, 19 de Maio de 1968*

Precisamos compreender um outro fenômeno da vida, que é a morte: morte por velhice ou doença, e morte acidental, causada por doença, ou naturalmente. É inevitável que envelheçamos, e a idade se revela na maneira pela qual vivemos a nossa vida — ela demonstra no nosso rosto se satisfizemos nossos apetites rudemente, brutalmente. Perdemos a sensibilidade, a sensibilidade que possuíamos quando jovens, inocentes e em pleno frescor. E à medida que ficamos mais velhos, vamos ficando insensíveis, tolos, sem percepção, e gradualmente nos dirigimos para o túmulo.

Portanto, existe a velhice. E há esse extraordinário fenômeno chamado morte, de que a maioria de nós tem profundo pavor. Se não estamos apavorados, racionalizamos este fenômeno intelectualmente e aceitamos os ditames do intelecto. Mas ainda assim, ela está lá. E, obviamente, existe o fim do organismo, do corpo. E aceitamos isso com naturalidade, porque vemos tudo morrer. Mas o que não aceitamos é o fim psicológico, do "eu", com a família, com a casa, com o sucesso — tudo aquilo que eu fiz e o que ainda tenho de fazer; as satisfações e as frustrações — e existe algo mais a fazer antes que eu me vá! E a entidade psicológica, temos medo que isto vá chegar ao fim — o "eu", o "Eu", a "alma", em suas várias formas, e palavras que damos ao centro do nosso ser.

E será que isto chega ao fim? Será que existe uma continuidade? O Oriente diz que há uma continuidade: existe a reencarnação: nascer melhor da próxima vez se você viveu corretamente. Se você acredita

em reencarnação, como toda a Ásia o faz (não sei porque eles o fazem, mas isto dá a eles enorme bem-estar), então nesta idéia está implícita, se você observar bem, a idéia de que tudo o que você faz a cada dia é tremendamente importante. Pois na próxima vida você pagará por isso ou será recompensado, dependendo de como tiver vivido. Assim, o que importa não é o que você acredita que vá acontecer na próxima vida, mas o que você é e como você vive. E isso também está implícito quando você fala sobre ressurreição. *Aqui* (no Ocidente) vocês simbolizaram isso numa pessoa e adoram esta pessoa, porque vocês pessoalmente não sabem como renascer novamente em sua vida *agora* (não "no céu, à mão direita de Deus", o que quer que isto signifique).

Assim, o que importa é como você vive *agora* — não quais sejam as suas crenças, mas sim o que você é, o que você faz. Mas temos medo que o centro, chamado o "eu", possa chegar ao fim. Perguntamos: Ele chega ao fim? Por favor, escutem isso!

Vocês têm vivido em pensamento; isto é, vocês têm dado tremenda importância ao pensamento. Mas o pensamento é antigo; o pensamento nunca é novo; o pensamento é a continuação da memória. Se vocês viveram ali, obviamente existe algum tipo de continuidade. E é uma continuidade que está morta, superada, acabada. É algo velho; apenas aquilo que acaba pode ter algo de novo. Desta forma, morrer é bastante importante para se compreender; morrer, morrer para tudo o que se conhece. Não sei se alguma vez o tentaram. Libertar-se do conhecido, libertar-se de suas recordações, ainda que por poucos dias, libertar-se de seus prazeres, sem discussões, sem medos, morrer para sua família, para sua casa, para seu nome, tornar-se completamente anônimo. Apenas a pessoa que é completamente anônima está em estado de não-violência, não possui violência. E assim pode morrer a cada dia, não como uma idéia, mas realmente — *façam* isso realmente alguma vez!

Sabem, a pessoa acumulou tanto, não apenas livros, casas, a conta bancária, mas também interiormente, as lembranças de insultos, de elogios, as lembranças de feitos neuróticos, a lembrança de se apegar à própria experiência particular que lhe proporciona uma posição. Morrer para tudo isso sem discutir, sem argumentar, sem nenhum

tipo de medo, simplesmente abandonar tudo. Faça isso alguma vez, e você verá. Costumava ser tradição no Oriente que um homem rico, a cada cinco anos mais ou menos, abria mão de tudo, inclusive do seu dinheiro, e começava de novo. Não se pode fazer isso nos dias de hoje; há muita gente, todos querendo seu trabalho, a explosão populacional, e tudo mais. Mas fazê-lo psicologicamente — não abandonando a esposa, as roupas, o marido, os filhos, ou casa, mas interiormente — significa não estar preso a nada. Nisso reside grande beleza. Afinal de contas, é amor, não é? Amor não é apego. Quando existe apego, existe medo. E o medo inevitavelmente torna-se autoritário, possessivo, opressivo, dominador.

A meditação, portanto, é a compreensão da vida, o que representa buscar a ordem. A ordem é virtude, que é luz. Esta luz não deve ser acesa por qualquer outro, não importa quão experiente, erudito ou espiritualizado ele seja. Nenhuma pessoa da terra ou do céu pode iluminar isso, a não ser você mesmo, em sua própria compreensão e meditação.

Morrer para tudo dentro de si mesmo! Pois o amor é inocente e puro, jovem, claro. Deste modo, se você estabeleceu essa ordem, essa luz dentro de si mesmo, então poderá ir adiante. Isso significa que a mente, tendo produzido a ordem — que não é de pensamento — a mente nesse momento se torna basicamente quieta, silenciosa, com naturalidade, sem esforço, sem qualquer disciplina. E à luz desse silêncio todas as ações podem ter lugar — o viver diário, a partir desse silêncio. E se alguém tiver tido a sorte de ir assim tão longe, então nesse silêncio existirá um movimento bastante diferente, que não é do tempo, que não é das palavras, que não é mensurável por pensamento, porque é sempre novo. E é este algo imensurável que o homem vem procurando de forma incessante. Mas você precisa atingir isto; não pode ser-lhe dado. Não é a palavra ou o símbolo; estes são destrutivos. Mas para que isto ocorra, você precisa ter completa ordem, beleza, amor. Portanto, você precisa morrer para tudo aquilo que conheça psicologicamente, de modo que sua mente esteja clara, não torturada, de maneira que veja as coisas como elas são, tanto externa quanto interiormente.

De O Vôo da Águia: *Fragmento: Londres, 20 de Março de 1969*

O que é a morte? Qual é a relação entre amor e morte? Acredito que encontraremos essa relação quando compreendermos o significado da morte. Para compreender isso é preciso obviamente compreender o significado de viver. E o que é na realidade o nosso viver — a vida diária, não aquele fenômeno ideológico ou intelectual, que consideramos que deveria ser, mas que é realmente falso? O que é na realidade a nossa vida diária de conflito, desespero, solidão, isolamento? Nossa vida é um campo de batalha onde se luta, adormece e desperta. Tentamos escapar disso de diversas maneiras: por intermédio da música, da arte, dos museus, entretendo-nos com assuntos religiosos ou filosóficos, elaborando uma série de teorias, sendo apanhados pelo conhecimento — qualquer coisa, menos pôr um fim a este conflito, a esta batalha que chamamos vida, com seu constante sofrer.

E pode esse sofrimento da vida diária terminar? A menos que a mente mude radicalmente, nosso viver tem pouquíssimo significado — ir ao escritório todos os dias, ganhar o sustento, ler uns poucos livros, ser capaz de citar com precisão, ser bastante bem informado —, uma vida que é vazia, uma verdadeira vida burguesa. E então, quando se apercebe dessa situação, passa-se a inventar um sentido para a vida, a buscar um significado para dar a ela. Procura-se pelas pessoas inteligentes que possam nos dar o significado, o objetivo da

vida — o que é outra forma de escapar da vida. Este tipo de viver precisa passar por radical transformação.

Por que temos medo da morte, como acontece com muitos? Do que temos medo? Por favor, observem os seus medos sobre o que chamamos morte, medos de chegar ao fim dessa batalha que chamamos vida. Temos medo do desconhecido, do que pode acontecer; temos medo de deixar as coisas conhecidas, a família, os livros, o apego à nossa casa e mobília, às pessoas que nos cercam. Temos medo de perder as coisas conhecidas; e o conhecido é este viver em sofrimento, dor e desespero, com ocasionais lampejos de alegria. Essa batalha constante não tem fim; é isso o que chamamos viver; é isso o que temos medo de perder. Porventura será o "eu" — resultado de todo esse processo de acumulação — que está com medo de chegar ao fim e, portanto, clama por futuras esperanças e, portanto, é preciso que haja a reencarnação? A idéia de reencarnação — em que todo o Oriente acredita — é a de que você renascerá numa próxima vida um pouco mais acima nos degraus da escada. Você foi um lavador de pratos nesta vida; na próxima, será um príncipe, ou o que quer que seja — alguém cuidará de lavar os pratos para você. Para aqueles que acreditam na reencarnação, o que você é nesta vida é de muita importância, pois o que você é, o modo como você se comporta, quais são os pensamentos, quais são as suas atividades — a próxima vida está dependendo de tudo isso: ou você ganha uma recompensa ou é punido. Mas eles não dão a mínima importância para a maneira como se comportam; para eles trata-se apenas de mais uma forma de crença, tal como a crença de que existe um céu, Deus, o que quiserem. Na verdade, tudo o que importa é o que você é agora, hoje, como você realmente se comporta, não apenas externamente mas também interiormente. O Ocidente tem a sua própria forma de consolação sobre a morte; ele a racionaliza; tem o seu próprio condicionamento religioso.

O que é a morte, realmente: o fim? O organismo irá terminar, porque ele envelhece, ou por acidente ou doença. Poucos de nós envelhecem com beleza, pois somos entidades torturadas; nossa face o demonstra à medida que envelhecemos — e há a tristeza da velhice, as recordações das coisas do passado.

Pode alguém morrer para tudo o que é conhecido psicologicamente, dia a dia? A menos que haja liberdade em relação ao que é conhecido, aquilo que é possível jamais poderá ser apreendido. Assim como estamos, nossas possibilidades estão sempre dentro do campo do conhecido; mas quando há liberdade, então essa possibilidade é imensa. Pode alguém morrer psicologicamente para todo o seu passado, para todos os seus apegos, os seus medos, para a ansiedade, a vaidade e o orgulho, de forma tão completa que amanhã desperta como um novo ser humano? Você dirá: "Como isso pode ser feito? Qual é o método?" Não existe método, pois um método implica um amanhã. Implica que você praticará e atingirá algo, amanhã, depois de muitos amanhãs. Mas pergunto: pode você imediatamente perceber a verdade disto — percebê-la realmente, não teoricamente —, que a mente não pode ter frescor, ser inocente, jovem, cheia de vitalidade e paixão, a menos que haja um fim, psicologicamente, para tudo o que está ligado ao passado? Todavia, não queremos deixar ir embora o passado, pois nós *somos* o passado; todos os nossos pensamentos se baseiam no passado; todo o conhecimento é o passado; portanto, a mente não pode deixá-lo ir; qualquer esforço que ela faça para deixá-lo ir é parte do passado, o passado ansiando por atingir um estado diferente.

A mente deve tornar-se extraordinariamente quieta, silenciosa. E ela se torna extraordinariamente quieta, sem nenhuma resistência, sem nenhum sistema, quando percebe este assunto por completo. O homem sempre buscou a imortalidade. Ele pinta um quadro, põe nele o próprio nome. Esta é uma forma de imortalidade, de deixar um nome atrás de si; o homem quer sempre deixar algo de si para trás. Mas o que tem ele para deixar — a não ser o conhecimento tecnológico — o que tem ele de seu para deixar? O que é ele? Você e eu, o que somos, psicologicamente? Você pode possuir uma enorme conta bancária, ser mais esperto do que eu, ou isto ou aquilo, mas psicologicamente o que somos? — Um amontoado de palavras, recordações, experiências, e isto queremos passar para um filho, colocar num livro ou num quadro. "Eu". O "eu" se torna extremamente importante; o "eu" em oposição a comunidade, o "eu" desejando identificar-se, desejando preencher-se, desejando se tornar algo grande

— você sabe, todo o resto. Quando você observa este "eu", percebe que ele é um amontoado de recordações, de palavras vazias. E é a isto que nos aferramos; esta é a verdadeira essência da separação entre "você" e "eu", "eles" e "nós".

Quando compreendemos tudo isso — quando observamos isso, não por intermédio de outro mas através de nós mesmos, observamos cuidadosamente sem qualquer tipo de julgamento, avaliação, supressão, apenas observamos —, então percebemos que o amor só é possível quando há a morte. O amor não é uma lembrança. O amor não é prazer. Tem-se afirmado que o amor tem relação com o sexo — de volta novamente à distinção entre amor sagrado e profano, com aprovação de um e condenação do outro. Certamente o amor não é nenhum dos dois. É impossível chegar a ele, completamente, a menos que se morra para o passado, uma morte para todo o trabalho mental, para todo o conflito, para todo o sofrimento. Então existe amor. Então se pode fazer o que se deseja.

Saanen, 27 de Julho de 1972

Vocês gostariam de investigar cuidadosamente o que é a morte? Muitas das pessoas aqui presentes são jovens e podem viver por longo tempo, mas há aqui também muita gente de bastante idade, inclusive eu; nós somos aqueles que estão partindo e vocês são os que estão chegando. Mas vocês que estão chegando estão indo, e vocês também precisam enfrentar a morte. Assim, iremos investigar isso; ou seja, procuraremos ter alguma introvisão, isto é, uma visão intuitiva sobre o assunto. Você não poderá jamais ter qualquer introvisão sobre o assunto se tiver algum tipo de medo, e o medo surge apenas quando você está apegado ao que é conhecido. O conhecido são as suas imagens, o seu conhecimento, aquilo tudo a que você se apega, seus objetos, suas opiniões, julgamentos, cultura, sua timidez, polidez (estão acompanhando?), tudo isto está no campo do conhecido. Se você está com medo, você nunca terá uma introvisão sobre todo esse problema da morte.

Em quero descobrir, assim como vocês, o que vem a ser a morte. Por que tenho medo da morte? Por que me assusto tanto com a velhice e com o súbito fim? Na verdade, a plena compreensão do que vem a ser a morte é um assunto bastante complexo, realmente muito complexo. E exatamente essa complexidade torna a pessoa assustada, pois lembra um mecanismo muito complicado que você não se atreve a tocar por não saber nada a respeito dele. Mas se você o aborda com simplicidade, o que significa que na realidade está tentando aprender sobre ele, então você está apreciando o assunto — não a idéia da morte, mas apreciando a investigação; a abordagem, a pesquisa. Desse

modo, está aprendendo, e você não pode aprender se não estiver feliz; logo, você não pode ter medo. Este é o ponto básico.

Portanto, se vocês querem realmente entrar no assunto, é preciso ter bem claro que suas mentes, ou seja, seus pensamentos, não devem criar medos, medo do que consideram chegar ao fim, do que consideram penetrar em algo desconhecido.

Agora, em primeiro lugar, eu preciso descobrir — porque não tenho medo, compreendem, não estou interessado no medo em absoluto — se existe algo permanente como o "eu". "Permanente" é aquilo que tem continuidade. Posso deixar meus objetos para o meu irmão, para o meu filho, ou para quem quer que seja, e portanto eles podem permanecer na família, ou podem ser vendidos para algum antiquário e, nesse caso, alguém mais irá comprá-los. O que eu quero é descobrir se existe algo substancial, contínuo, permanente como o "eu", e que está amedrontado com a morte.

Existe algo permanente em mim, em você? — permanente no sentido de continuidade no tempo, uma duração no espaço como o "eu"? O "eu" é o nome — certo? Tem este nome alguma permanência? Ou será que o pensamento dá permanência ao nome? Por si mesmo ele não tem permanência, mas o pensamento, identificando-se com o corpo, com a imagem, com o conhecimento, com todas as experiências, dores, prazeres, agonias, identificando-se com tudo isso, adquire uma qualidade de permanência. Por outro lado, existirá algo permanente, algo que tenha continuidade, apesar da não-existência do corpo? Estão interessados em tudo isso? Vocês irão enfrentar isso, quer gostem ou não. Irão enfrentar isso acidentalmente, ou por meio da doença ou da decadência natural do organismo. É inevitável. Você pode evitá-lo vivendo mais tempo, sendo mais saudável, tomando mais pílulas, e assim por diante. Mas no fim subsiste este fato — a não ser que eu descubra por mim mesmo que há algo permanente além da morte, o que significa atemporal, que não pode ser corrompido pela civilização, pela cultura, algo que, a despeito de toda experiência, de todo conhecimento, estímulos e reações, tem sua própria existência e prossegue como o "eu". Então o homem disse: "Não existe o 'eu', mas existe Deus." Na Ásia eles explicam de maneira diferente, mas ainda assim é o ato do pensamento que diz: "Existe

a alma." É um ato do pensamento que diz: "Existe Brahman", tal como dizem na Índia. E é ainda o ato do pensamento — pensamento que está amedrontado pelo desconhecido. O pensamento é o conhecido, o pensamento é o tempo, o pensamento é o antigo, o pensamento nunca é livre. Porque o pensamento é a resposta da memória, da experiência, do conhecimento — portanto, é sempre velho, jamais livre — e, sendo do tempo, ele torna-se incerto da atemporalidade, ou seja, além do tempo. Assim, ele diz: "Não sou importante; o 'eu' é transitório, é criado pela cultura, pelo tempo, por acidente, pela família, pela tradição; desenvolveu certas tendências, idiossincrasias; possui seus condicionamentos; mas, para além disso tudo, existe a alma, existe algo imenso em mim que é o permanente." Tudo isso é o processo do pensamento. E, quando confrontado com algo inevitável como é a morte, o final, o pensamento diz: "Não posso tolerar isto"; portanto, ele diz: "Deve haver uma vida futura", ou então ele diz: "Acredito que existe uma vida futura", ou "Existe o céu e eu irei sentar-me ao lado de Deus" — ele quer ser confortado em face de algo completamente desconhecido. E existem milhares de pessoas que o confortarão. Todas as igrejas organizadas lhe oferecerão isso; você quer isso, e para isso elas existem.

Mas se você percebe que isso é ainda a ação do pensamento e, por conseguinte, baseada no medo, na imaginação, no passado, você nota que esse é o campo do conhecido. Ou seja, estou *preso* ao campo do conhecido, com todas as suas variedades, mudanças, atividades, e o que peço é ser confortado. Por ter encontrado consolação no passado, eu vivi nos domínios do conhecido; este é o meu território. Conheço os seus limites, as suas fronteiras. As fronteiras são a minha consciência, que é o seu conteúdo. Tudo isso me é bastante familiar, e a morte é algo que não conheço; eu não quero isso.

Então eu me pergunto: minha vida foi o passado; eu vivo no passado; eu ajo no passado; esta é a minha vida. Ouçam isto! A minha vida, vivendo no passado, é uma vida morta. Compreendem? A minha mente, que vive no passado, é uma mente morta. E o pensamento diz: "Isto não é morte; o futuro é a morte." Então tomo isto como um fato. Estão me acompanhando? Eu tomo isto como algo profundamente real. E portanto, a mente, verificando isso, na verdade

morre para o passado; ela usará o passado, mas perdeu seus grilhões; o passado perdeu seus valores, seus grilhões, sua vitalidade. E a mente, portanto, tem a sua própria energia, que não é derivada do passado. Assim, viver é morrer — compreendem? Logo, viver é amar, o que significa morrer. Porque, se não existe apego, então existe amor. Se não existe apego ao passado — o passado tem o seu valor, que pode ser usado, que deve ser usado como conhecimento —, então minha vida é uma constante renovação, é um movimento constante no campo do desconhecido, no qual existe o aprender, o mover-se. Portanto, a morte é a solidão definitiva. E portanto existe um tipo completamente diferente de vida.

Saanen, 21 de Julho de 1963

Eu gostaria de falar sobre uma questão bastante importante que é a morte, morte não apenas do indivíduo, mas a morte como uma idéia que existe disseminada em todas as partes da terra e que, ao longo dos séculos, tem sido encarada como um problema jamais resolvido. Não existe apenas o medo individual da morte, mas também uma atitude enorme e coletiva frente à morte, na Ásia, bem como nos países do Ocidente, e que precisa ser compreendida. Iremos então considerar em conjunto todo este assunto.

Ao considerar um problema tão vasto e significativo, as palavras servem apenas para que nos comuniquemos, para nos permitir manter uma comunhão uns com os outros. Mas a palavra por si só pode facilmente tornar-se um obstáculo quando tentamos compreender uma questão profunda como esta da morte, exceto se lhe dedicarmos *toda* a nossa atenção, e não nos limitarmos a tentar encontrar uma razão para a sua existência, apenas de forma verbal, loquaz ou intelectual.

Antes, ou talvez durante o processo de compreender este extraordinário fenômeno chamado morte, precisaremos compreender também o significado de *tempo,* que é outro elemento de extrema importância em nossas vidas. O pensamento cria o tempo, e o tempo controla e molda o nosso pensamento. Estou usando a palavra *tempo* não apenas no sentido cronológico de ontem, de hoje e amanhã, mas também no sentido psicológico — o tempo que o pensamento inventou como um meio de atingir, de alcançar, de adiar. Ambos influenciam muito as nossas vidas, não é verdade? É preciso que se tenha consciência do tempo cronológico; de outra forma, eu e você não poderíamos marcar um encontro em determinado lugar. O tempo cro-

nológico é obviamente necessário nos eventos de nossas vidas; este é um ponto absolutamente claro sobre o qual não precisamos nos aprofundar. Assim, o que devemos explorar, discutir e compreender é o processo *psicológico* total que denominamos tempo.

Por favor, se vocês se limitarem a ouvir as palavras e não procurarem enxergar as implicações ocultas que estão por trás delas, temo que não possamos ir muito adiante. Muitos de nós somos escravizados pelas palavras e pelos conceitos ou fórmulas que as palavras reuniram. Mas não coloquem tudo isso de lado simplesmente, pois cada um de nós possui uma fórmula, um conceito, uma idéia, um ideal — racional, irracional ou neurótico — de acordo com o qual se vive. A mente se guia por determinado padrão, por uma determinada série de palavras, que se transformou num conceito, numa fórmula. Isto é verdadeiro para cada um de nós e, por favor, não se enganem a esse respeito — existe uma idéia, um padrão, de acordo com o qual moldamos a nossa vida. Mas se queremos compreender essa questão de vida e morte, todas as fórmulas, padrões e ideações — que existem porque não compreendemos o que é viver — precisam desaparecer. Um homem que vive plenamente, completamente, sem medo, não tem nenhuma *idéia* sobre viver. Sua ação é pensamento, e seu pensamento é ação; não são duas coisas separadas. Mas, por temermos aquilo que chamamos de morte, nós a separamos da vida; pusemos a vida e a morte em compartimentos distintos e estanques com um grande espaço entre eles, e vivemos de acordo com a palavra, de acordo com a fórmula do passado, da tradição daquilo que já ocorreu. A mente presa a este processo não pode jamais enxergar todas as implicações da vida e da morte ou compreender o que é a verdade.

Assim, ao investigar comigo essa questão, se o fizerem como um cristão, um budista, um hindu, ou como o que quer que seja, vocês estarão completamente perdidos. E se trouxerem para essa investigação os resíduos das suas diferentes experiências, o conhecimento que adquiriram nos livros ou por intermédio de outras pessoas, de novo ficarão, não apenas desapontados, mas também bastante confusos. O homem que se dispuser realmente a empreender esta investigação deve antes de mais nada livrar-se de tudo o que constitui a sua formação — e esta é a nossa maior dificuldade. É preciso livrar-se

do passado, não como uma reação, mas sim porque sem essa liberdade é impossível descobrir algo novo. Compreender é liberdade, mas poucos de nós desejam ser livres. Preferimos antes viver na segurança de um esquema formado por nós mesmos ou no esquema construído pela sociedade. Qualquer desarranjo neste padrão é muito inquietante, e evitando estes distúrbios vivemos uma vida de negligência, morte e decadência.

Para investigar a imensa questão da morte, precisamos inevitavelmente estar cientes, não apenas da nossa escravidão a fórmulas e conceitos, mas também de nossos medos, do nosso desejo de continuidade, e assim por diante. Para investigar, precisamos estar renovados ao abordar o problema. Por favor, isso é de extrema importância. A mente precisa estar clara e não se prender a nenhum conceito ou idéia se quer penetrar em algo tão extraordinário como deve ser a morte. A morte deve ser algo extraordinário, e não esse fenômeno que tentamos frustrar e do qual temos tanto medo.

Psicologicamente, somos escravos do tempo, entendendo-se por tempo as lembranças do ontem, do passado, com todas as suas experiências acumuladas; não se trata apenas da sua memória como uma pessoa em particular, mas também da memória coletiva, da raça, do homem ao longo das eras. O passado é constituído das dores individuais e coletivas do homem, de suas desgraças e alegrias, de sua luta extraordinária pela vida, contra a morte, com a verdade, com a sociedade. Tudo isto é passado, o ontem multiplicado milhares de vezes; e para muitos de nós o presente é o movimento do passado em direção ao futuro. Não existem divisões exatas, tais como o passado, o presente e o futuro. O que aconteceu, modificado pelo presente, é o que acontecerá. Isto é tudo o que sabemos. O futuro é o passado modificado pelos acidentes do presente; o amanhã é o ontem reformulado pela experiência, pelas reações e pelo conhecimento de hoje. Isto é o que chamamos de tempo.

O tempo é algo que foi organizado pelo cérebro, e o cérebro, por seu turno, é o resultado do tempo, de milhares de ontens. Cada pensamento é resultado do tempo — é uma resposta da memória, é a reação dos anseios de ontem, de suas frustrações, falhas, dores, perigos iminentes; e com essa retaguarda, olhamos para a vida, con-

sideramos tudo. Se existe Deus ou não, qual é a função do Estado, a natureza do relacionamento, como superar ou se ajustar ao ciúme, à ansiedade, à culpa, ao desespero, à dor — encaramos todos estes problemas com aquele pano de fundo do tempo.

Mas o que quer que encaremos com este pano de fundo, estará distorcido, e quando a crise clamando por atenção é muito grande, se a abordamos com os olhos do passado, agimos de forma neurótica, o que a maioria de nós faz, ou construímos para nós mesmos um muro de resistência contra o fato. Este é todo o nosso processo de vida.

Por favor, estou expondo verbalmente tudo isso, mas se vocês se limitarem às palavras e não observarem o processo de pensamento em si, o que significa enxergar a vocês mesmos tal como realmente são, então não conseguirão uma completa compreensão da morte; e é preciso que haja essa compreensão se desejam ficar livres do medo e partir para algo bastante diferente.

Traduzimos continuamente o presente em termos do passado, e agindo desta forma damos continuidade ao que aconteceu. Para a maioria de nós, o presente é a continuação do passado. Encaramos os acontecimentos da nossa vida diária — que têm sempre sua novidade peculiar, sua significação característica — com o peso morto do passado, criando dessa maneira aquilo que chamamos de futuro. Se já observaram suas mentes, não apenas a consciente mas também a inconsciente, saberão que elas são o passado, que não existe nada nelas que seja novo, nada que não esteja corrompido pelo passado, pelo tempo. E existe o que chamamos de presente. Existirá um presente não afetado pelo passado? Existirá um presente que não condicione o futuro?

É pouco provável que vocês tenham pensado nisso antes, e assim precisaremos nos aprofundar mais. Muitos de nós querem viver apenas no presente, porque o passado é muito pesado, muito carregado, muito exaustivo, e o futuro muito incerto. A mente moderna diz: "Viva completamente no presente. Não se importe com o que vai acontecer amanhã, mas viva o hoje. De qualquer forma, a vida é uma desgraça tal que a maldade de um só dia já é o bastante; assim,

viva cada dia completamente e esqueça de tudo o mais." Evidentemente, esta é uma filosofia do desespero.

Será possível viver no presente sem trazer até ele o tempo, que é o passado? Certamente você pode viver nesta totalidade do presente apenas quando compreende a totalidade do passado. Morrer para o tempo significa viver no presente, e você só morre para o tempo se compreendeu o passado, o que significa compreender a própria mente — não apenas a mente consciente que vai para o escritório todos os dias, acumula conhecimentos e experiências, tem reações superficiais, e todo o resto, mas também a mente inconsciente, na qual estão enterradas as tradições acumuladas da família, do grupo, da raça. Enterrados também no inconsciente estão a enorme dor do homem e o medo da morte. Tudo isso é o passado, que é você, e você precisa compreender isso. Se não compreender *isso*, se não investigar os caminhos da sua própria mente e do seu coração, da sua ambição e dor, se não se conhece *completamente*, você não poderá viver no presente. Viver no presente é morrer para o passado. No processo de se conhecer, você se liberta do passado, que é o seu condicionamento — o seu condicionamento como comunista, como católico, protestante, hindu, budista, o condicionamento que lhe é imposto pela sociedade, e por suas próprias ambições, invejas, ansiedades, dores e frustrações. É o seu condicionamento que dá continuidade ao "eu", ao si-mesmo.

Se você não se conhece, nem o seu estado inconsciente e nem o consciente, toda a sua investigação será distorcida, cheia de preconceitos. Você não terá fundamentos para o pensamento que é lógico, racional, claro e sadio. Seu pensamento ocorrerá de acordo com certos padrões, fórmulas ou conjuntos de idéias, mas isto não é o verdadeiro pensar. Para pensar com clareza, logicamente, sem ficar neurótico, sem se deixar prender por qualquer forma de ilusão, é preciso que você conheça todo esse processo da sua própria consciência, que foi acumulada pelo tempo, pelo passado. E será possível viver sem o passado? Certamente isto é a morte. Compreendem? Voltaremos à questão do presente quando tivermos examinado por nós mesmos o que é a morte.

O que é a morte? Esta é uma questão tanto para os jovens como para os velhos; portanto, formulem a questão para vocês mesmos. Será a morte meramente o terminar do organismo físico? É disso que temos medo? Será o corpo o que desejamos que continue? Ou será alguma outra forma de continuísmo que desejamos? Todos nós verificamos que o corpo, a entidade física, se desgasta com o uso, pelas diversas pressões, influências, conflitos, necessidades, solicitações, dores. Alguns provavelmente prefeririam que o corpo pudesse durar por 150 anos ou mais, e talvez os médicos e cientistas venham finalmente a descobrir uma forma de prolongar a agonia na qual muitos de nós vivemos. Mas cedo ou tarde o corpo morre; o organismo físico chega ao fim. Como qualquer máquina, ele por fim se desgasta.

Para a maioria de nós, a morte é algo muito mais profundo do que o fim do corpo, e todas as religiões prometem algum tipo de vida após a morte. Ansiamos por uma continuidade; queremos estar seguros de que algo continua após a morte do corpo. Esperamos que a psique, o "eu" — o "eu" que vivenciou, lutou, conquistou, aprendeu, sofreu, desfrutou; o "eu", que no Ocidente é chamado de alma e no Oriente por outro nome — possa continuar. Portanto, nós estamos preocupados mesmo é com a continuidade, e não com a morte. Não queremos saber o que é a morte; não queremos compreender o extraordinário milagre, a beleza, a profundidade, a imensidão da morte. Não queremos investigar aquilo que não sabemos. Tudo o que queremos é continuar. Dizemos: "Eu que vivi por quarenta, cinqüenta, sessenta anos; eu, que tenho casa, família, filhos e netos; eu, que fui ao escritório dia após dia por anos a fio; eu, que tive brigas e apetites sexuais; eu quero continuar a viver." Isso é tudo com o que nos preocupamos. Sabemos que existe a morte, que o fim do corpo físico é inevitável, e assim dizemos: "Preciso estar seguro da minha continuidade após a morte." Temos portanto crenças, dogmas, ressurreição, reencarnação — mil formas de escapar da realidade da morte. E quando temos uma guerra, colocamos cruzes para os pobres rapazes que foram dizimados. Esse tipo de coisa vem acontecendo há milênios.

Nós jamais nos dedicamos por inteiro à tentativa de descobrir o que é a morte. Abordamos sempre a morte com a condição de que

precisamos nos assegurar de haver uma continuidade posterior. Dizemos: "Quero que o conhecido continue", entendendo-se por conhecido as nossas qualidades, ao nossas capacidades, a recordação de nossas experiências, as nossas lutas, satisfações, frustrações, ambições; e também o nosso nome e a nossa propriedade. Tudo isso é o conhecido, e queremos que tudo isso continue. Uma vez assegurados dessa continuação, então talvez possamos investigar o que seja a morte e se existe algo como o desconhecido — que deve ser algo extraordinário para se descobrir.

Assim vocês percebem a dificuldade. O que queremos é a continuação, e nunca nos perguntamos o que leva à continuação, o que dá origem a essa cadeia, a esse movimento de continuidade. Se observarem, perceberão que é apenas o pensamento que produz um senso de continuação — nada mais. Por intermédio do pensamento, você se identifica com a sua família, com a sua casa, com seus quadros ou seus poemas, com o seu caráter, com as suas frustrações, com as suas alegrias. Quanto mais você pensa num problema, mais você o enraíza e gera a continuação desse problema. Se você gosta de alguém, você pensa nessa pessoa, e é esse mesmo pensamento que produz um sentimento de continuidade no tempo. Obviamente, você precisa pensar, mas pode você pensar a respeito de um momento, nesse momento — e então deixar de pensar? Se você não disse: "Eu gosto disso, é meu — é o meu quadro, a minha auto-expressão, o meu Deus, a minha mulher, a minha virtude — e pretendo mantê-los", você não teria nenhum senso de continuidade no tempo. Mas você não pensa claramente, diretamente acerca de cada problema. Existe sempre o prazer que você quer conservar e a dor da qual você quer se livrar, o que indica que você pensa em ambos, e o pensamento dá continuidade a ambos. O que chamamos pensamento é a resposta da memória, de associações — o que, em essência, é o mesmo que a resposta de um computador. É preciso que você chegue ao ponto em que percebe por si mesmo a verdade disso.

Muitos de nós, na verdade, não queremos realmente descobrir por nós mesmos o que é a morte; ao contrário, queremos permanecer no conhecido. Se o meu irmão, o meu filho, a minha mulher ou meu marido morre, sinto-me miserável, solitário, cheio de autopiedade —

é o que chamo de sofrimento, e eu vivo neste estado miserável e confuso. Eu distingo a vida da morte, a vida de brigas, amarguras, desespero, desapontamentos, frustrações, humilhações, insultos, porque esta vida eu conheço, e a morte eu não conheço. Crença e dogma me satisfazem até que eu morra. Isso é o que acontece com a maioria de nós.

Esse senso de continuidade que o pensamento dá à consciência é bastante superficial, como percebem. Nada há nele de misterioso ou de enobrecedor, e quando você compreende todo o seu significado, você pensa — onde o pensamento for necessário — claramente, logicamente, de forma sadia, não sentimentalmente, sem essa constante necessidade de satisfação, de ser ou de se tornar alguém. Então você aprenderá como viver no presente, e viver no presente é morrer a cada momento. Você está então apto a investigar, porque sua mente, não estando mais amedrontada, está sem qualquer ilusão. É absolutamente necessário estar sem qualquer ilusão, e a ilusão existe apenas enquanto houver medo. Quando não há medo, não há ilusão. A ilusão surge quando o medo se enraíza na segurança, quer seja na forma de um relacionamento em particular, ou na de uma casa, de uma crença ou de uma posição e prestígio. O medo cria a ilusão. Enquanto persistir o medo, a mente estará tomada por diversas formas de ilusão, e esta mente não pode em hipótese alguma compreender o que é a morte.

Iremos agora investigar o que é a morte — ao menos irei investigar o assunto, apresentá-lo. Mas só é possível compreender a morte, viver com ela completamente, conhecer o seu profundo e pleno significado, quando não se tem medo e portanto ilusão. Libertar-se do medo é viver totalmente no presente, o que mostra que você não está funcionando de maneira mecânica quanto ao hábito de memória. Muitos de nós estão preocupados com a reencarnação, ou querem saber se continuarão a viver depois que o corpo morre, o que é bastante comum. Será que compreendemos a trivialidade desse desejo de continuidade? Será que enxergamos que quem exige continuidade é apenas o processo de pensar, o mecanismo do pensamento? Uma vez percebido esse fato, verifica-se a extrema superficialidade, a estupidez dessa exigência. Será que o "Eu" continua após a morte? Quem se

importa? E o que é este "Eu" que você quer que continue? Seus prazeres e sonhos, suas esperanças, desesperos e alegrias, suas propriedades e o nome que você carrega, seu pequenino caráter e o conhecimento que você adquiriu em sua vida limitada e estreita, e que foi obtido com a ajuda de professores, de literatos e de artistas. *Isso* é o que você quer que continue, e é apenas isso.

Agora, quer você seja jovem ou velho, é preciso acabar com tudo isso. Você precisa acabar com isso completamente, de modo cirúrgico, como um cirurgião opera com o bisturi. Então a mente estará sem ilusões e sem medo; a partir daí ela poderá observar e compreender o que é a morte. O medo existe apenas em função do desejo de se apegar ao que é conhecido. O conhecido é o passado vivendo no presente e modificando o futuro. Esta é a nossa vida dia após dia, ano após ano, até que morramos. Como pode uma mente como esta compreender algo além do tempo ou de motivos, algo totalmente desconhecido? Compreendem? A morte é o desconhecido, e você tem idéias sobre ele. Você evita encarar a morte, ou a racionaliza, dizendo que ela é inevitável, ou você tem uma crença que o conforta e que lhe dá esperança. Mas apenas uma mente madura, sem medo, sem ilusão, sem esta estúpida busca da auto-expressão e continuidade — é apenas uma mente assim que pode observar e descobrir o que é a morte — porque sabe como viver no presente.

Por favor, acompanhem isto. Viver no presente é estar sem desespero, pois não se vive ansiando pelo passado, e não há esperança no futuro. Portanto a mente diz: "O hoje basta para mim." Ela não evita o passado nem fica cega para o futuro, mas compreendeu a totalidade da consciência, que não é apenas individual mas coletiva; logo, não existe o "eu" separado dos muitos. Ao compreender a totalidade de si mesma, a mente compreendeu tanto o particular quanto o universal. Assim ela deixou de lado a ambição, o esnobismo, o prestígio social; tudo isso foi por completo afastado da mente, que está vivendo plenamente no agora e, portanto, morrendo para tudo o que conheceu, a cada minuto do dia. Então você descobrirá, se chegou até aqui, que a morte e a vida são uma só. Você está vivendo totalmente no presente, completamente atento, sem escolha, sem esforço; a mente está sempre vazia, e a partir desse vazio você olha,

observa, compreende e, portanto, vive e morre. O que tem continuidade jamais pode ser criativo. Apenas aquilo que termina pode saber o que vem a ser o criar. Quando a vida é também a morte, existe amor, existe verdade, existe criação; pois a morte é o desconhecido, assim como a criação, o amor e a verdade o são.

Querem fazer perguntas e discutir?

Q: Morrer é um ato da vontade, ou é o próprio desconhecido?

K: Senhor, já morreu o senhor para o seu prazer — apenas morrer para ele, sem discutir, sem reagir, sem tentar criar condições especiais, sem perguntar como irá abdicar de tudo, ou porque deveria abdicar de tudo? Alguma vez já fez isso? O senhor terá de fazer isso quando morrer fisicamente, não é verdade? Não se pode argumentar com a morte. Não se pode dizer para a morte: "Dê-me alguns dias mais de vida." Não há esforço de vontade no morrer — apenas se morre. Ou terá o senhor morrido alguma vez para algum de seus desesperos, de suas ambições — apenas os deixou, colocou-os de lado, como uma folha que morre no outono, sem nenhuma batalha de vontade, sem ansiedade quanto ao que irá acontecer com você se o fizer? Já? Acho que não. Quando sair daqui hoje, morra para algo a que o senhor se apega — seu hábito de fumar, sua exigência sexual, sua necessidade de se tornar um artista famoso, ou um poeta, ou isto ou aquilo. Apenas ponha de lado, varra da sua mente como faria com qualquer estupidez, sem esforço, sem escolha, sem decisão. Se o seu morrer a isso for total — e não apenas o abandonar do cigarro ou da bebida, algo que você faz com tremendo alarido — o senhor saberá o que significa viver no momento de forma suprema, sem esforço, com todo o seu ser. E então, quem sabe, uma porta poderá se abrir para o desconhecido.

Brockwood Park, 7 de Setembro de 1974

Sabem, a morte tem sido um dos problemas, provavelmente o maior problema da vida humana. O que tem sido a preocupação desde tempos antigos não é o amor, não é o medo, não são os relacionamentos, mas esta questão, este mistério, esta sensação de fim. Tentaremos aqui investigar o que vem a ser isto. Pode-se investigar o que é a morte, uma vez que a separamos da vida? Entendem a minha pergunta? Eu identifiquei a morte como algo no final da minha vida — certo? — algo que adiei, deixei de lado, criando um longo intervalo entre o viver e o morrer. Morrer é algo no futuro, algo de que se tem medo, que não se deseja, que deve ser completamente evitado. Mas ainda assim ela está sempre ali. Quer seja por acidente, doença ou velhice, está sempre ali. Quer você seja velho ou moço, doente ou cheio de alegria, está sempre lá. Muitos têm dito: "Viver é apenas um meio de morrer; morrer é muito mais importante do que viver; encare a morte muito mais do que a vida." Sabendo que existe a morte, as pessoas criaram toda sorte de consolação — consolação na crença, em ideais, na esperança de que se possa vir a sentar "ao lado direito de Deus" como recompensa por bom comportamento, e assim por diante. Na Ásia, todos acreditam em reencarnação. Aqui, vocês não têm uma esperança assim racionalizada, mas uma sentimental.

Quando se olha para tudo isso — as crenças, as consolações, o desejo de ser reconfortado, sabendo que existe um fim, a esperança de que na próxima vida você continuará, com toda a racionalização intelectual da morte —, você percebe que separou o morrer do viver.

O morrer é separado do viver, o viver diário com todos os seus conflitos, as desgraças, os apegos, os desesperos, as ansiedades, a violência, o sofrimento, as lágrimas e o riso. E por que terá a mente separado o morrer do viver? A vida que levamos, a vida diária, sua má qualidade, sua amargura, seu vazio, o sofrimento mental, a rotina, o escritório, entra ano sai ano, por cinqüenta anos ou mais, ou a fábrica, a tudo isso chamamos de vida. A luta, a batalha, a ambição, a corrupção, as afeições, alegrias e prazeres passageiros: isto é o que chamamos de vida. E dizemos que a morte não pode entrar nesse território, pois isso é tudo o que conhecemos, e a morte nós não conhecemos; portanto, mantenham-na afastada. Assim nos aferramos ao conhecido — por favor, observem isso em vocês mesmos —, ao conhecido, às lembranças de situações passadas, aos sofrimentos, às ansiedades, às recordações, às experiências, que são todo o conhecido e portanto o passado. Apegamo-nos ao passado, e a isto chamamos de conhecido. E o desconhecido é a morte, da qual se tem medo. Assim, há um enorme abismo entre o conhecido e o desconhecido. Preferimos nos apegar ao conhecido do que penetrar nos domínios do desconhecido, porque nossas mentes operam sempre dentro do conhecido, pois ali existe segurança. *Acreditamos* que existe segurança, *pensamos* que existem certezas, que existe permanência; e quando examinamos o conhecido com atenção, percebemos que ele é impermanente, que é totalmente incerto. E ainda assim nos aferramos a ele pois ele é tudo o que sabemos. Ou seja, conhecemos apenas o passado.

E a morte é algo que não conhecemos. No entanto, esta distinção existe, e existe porque o pensamento dividiu a vida em viver, morrer, amar, e tudo o mais. O pensamento destacou o artista, o homem de negócios, o socialista, o político. O pensamento distinguiu a vida como o conhecido, e a morte como algo desconhecido. Tudo isto são fatos.

E pode a mente, presa obstinadamente ao conhecido, indagar sobre o que é permanente? Pois, pelo que acreditamos, estamos presos a essa permanência: o relacionamento permanente entre você e o outro, a propriedade permanente de terras, de patrimônio, do dinheiro, do nome, da forma, das idéias. Mas pergunto: existe algo permanente

não como uma idéia mas como realidade? Por favor, pensem nisso! Existe algo permanente — "meu nome, minha reputação, minha casa, minha mulher, meus filhos, meus ideais, minha experiência"? Porém, a mente quer a permanência, pois nela está a segurança. Assim, verificando que nada existe de permanente aqui, *nada*, ela cria uma permanência em Deus, em uma idéia: e você descobre como é extraordinariamente difícil para o ser humano mudar suas idéias. Esta é sua batalha agora, entre você e o conferencista, porque você tem ideais, ou idéias, ou quadros, imagens que você acredita que sejam permanentes. Você aceitou a permanência como real. Então, de repente, aparece alguém que diz: "Veja, não existe nada permanente. Suas idéias, seus deuses, seus salvadores, você mesmo é não-permanente", e você se recusa a ver isto. A constatação da impermanência e da incerteza causa estragos na vida do indivíduo. Quanto maior a sua incerteza, mais neurótico você se torna, mais desequilibrado; quanto maior a insanidade do mundo, mais insanas também se tornam suas atividades. Logo, você precisa ter algo permanente e para isso cria um deus, uma crença, um ideal, uma conclusão, uma imagem. Tudo isso são ilusões, pois não há nada permanente mas, ainda assim, a menos que a mente disponha de algo essencialmente permanente, todas as suas atividades serão distorcidas, neuróticas e incompletas. *Existe* algo totalmente permanente? Estão acompanhando tudo isto? Pelo amor de Deus, acompanhem; trata-se da vida de vocês!

Se não há nada permanente, então a vida torna-se totalmente sem sentido. Existirá então algo permanente — não uma casa ou uma idéia, mas algo que esteja além e acima desta impermanência? Estamos investigando isto. É preciso que acompanhem com cuidado; de outra forma, perderão o sentido.

Vivemos no passado, e o passado tornou-se a nossa permanência, o nosso estado de permanência. Quando você observa e percebe a ilusão do passado, o que surge dessa percepção? Vejo que viver no passado encerra certos valores; sem o conhecimento do passado, não sei andar de bicicleta, não sei falar inglês, ou dirigir um automóvel, ou realizar certas tarefas tecnológicas, ou reconhecer você, o meu amigo, ou a minha mulher, os meus filhos. Mas existirá uma qualidade da mente que não seja produzida pelo pensamento e que em si

mesma seja impermanente? Existirá uma qualidade oriunda dessa percepção? Essa qualidade é a inteligência. Essa inteligência não é sua ou minha. É a inteligência, a inteligência capaz de ver o impermanente e de não se entregar a hábitos ou atividades neuróticas. Por ser inteligência, ela está sempre agindo corretamente. Compreendem?

Com esta inteligência iremos agora examinar a morte. Dizemos que a morte é algo desconhecido. Por sermos apegados a tudo o que é conhecido, o que tememos é o desaparecimento completo desse apego em suas mais diversas formas: apego ao meu nome, apego à minha família, ao meu trabalho, ao livro que escrevi, ao livro que pretendo escrever ou a uma concepção de Deus. A morte é o fim desse apego. Certo? E vivendo em seu dia-a-dia você pode se libertar do apego, e portanto incitar a morte? Compreende o que estou falando? Compreenderam? Estou sendo claro? Quero dizer, estou apegado ao meu livro, à minha reputação, à minha família, ao meu trabalho, ao meu orgulho, à minha vaidade, ao meu senso de honestidade, ao meu senso de glória, ou ao que quer que eu esteja apegado. A morte representa o fim deste apego. Mas posso terminar imediatamente esse apego — o que *é a morte*? Dessa forma eu trouxe a morte para o próprio momento de viver. Então não pode haver medo. Quando a mente percebeu a verdade que há nisso — que a morte é o fim de tudo aquilo a que você está apegado, quer se trate de seus móveis, do seu voto, de seus ideais e assim por diante — você trouxe esse fenômeno distante chamado morte para a ação imediata da vida, ou seja, o desaparecimento total de seus apegos. Portanto, a morte significa uma total renovação — compreendem? — uma total renovação da mente que ficara presa ao passado. Assim, a mente torna-se assombrosamente viva; não está mais vivendo no passado.

Se a mente é capaz de agir dessa forma, e trata-se de uma ação tremenda, de pôr fim completamente, dia após dia, a tudo aquilo a que estamos apegados, a cada dia e a cada minuto você estará vivendo com a vida e a morte juntas.

Disso resulta o problema: se você não for capaz de fazê-lo, o que sucederá? Entendem? Meu filho não pode fazer isso, ou meu amigo, meu irmão não pode fazer; você conseguiu mas eu não. Você se aplicou, você é diligente, é atento, você entendeu tudo isso radicalmente, profundamente; entendeu que você não depende mais de

nada. Acabar *imediatamente* com toda esta dependência, com esse apego: eis a morte. Então o que sucede aos que não penetram na inteligência, na excelência suprema dessa ação?

Vocês sabem que a maioria das pessoas vive no passado, vive sem pensar, vive sem a sanidade. O que acontece a essas pessoas? Você pulou para fora dessa corrente da vida, o que significa que tem compaixão; você sabe o que está fazendo; você está consciente de todo o significado do passado, do presente e do futuro, de tudo o que está envolvido neste processo. E eu não estou. Eu nem sequer o escuto, eu nem ligo, eu quero apenas ter bons momentos, quero me divertir, isto é tudo com o que me preocupo. Eu posso ter medo da morte, e tenho uma crença reconfortadora segundo a qual irei renascer numa próxima vida, ou que no final irei para o céu. Então o que acontece comigo? Você, que compreendeu tudo isso, está por conseguinte cheio de compaixão, e suas ações são supremamente inteligentes e portanto excelentes, e eu não estou nem um pouco interessado no que você está dizendo, fazendo, escrevendo ou pensando; estou preso a essa corrente, tal qual a maioria dos seres humanos está. Qual o seu relacionamento com o homem nessa corrente? Terá você algum relacionamento ou nenhum? Como pode você se relacionar com o insano quando você é são? Você pode ter compaixão, pode ser gentil, generoso, e tudo o mais, mas não terá relacionamentos. Então, o que fará?

Se você está fora dessa corrente, sua responsabilidade é viver essa vida. Mas não para ser um *exemplo*! Pois tornando-se um exemplo, você estará se tornando uma pessoa morta; então você terá um seguidor; então você se tornará uma autoridade; então você será a própria semente da destruição, você é a própria causa dessa corrente. Então, o que fazer? Você tem a responsabilidade de agir com inteligência. Como você compreendeu toda a questão, a percepção do mapa de tudo aquilo de que falamos produz inteligência, e você agirá de acordo com esta inteligência. E não em função do "eu gosto" ou do "eu não gosto". Essa é a responsabilidade.

Saanen, 30 de Julho de 1976

Krishnamurti: Se quiserem, vamos falar sobre a morte. Este é um problema imenso, vocês sabem. Querem realmente entrar neste assunto?

Teremos um diálogo sobre a morte — diálogo significa conversação, uma investigação feita por amigos, por duas pessoas ou por um pequeno grupo de pessoas que realmente estão preocupadas com a questão, não de forma teórica, mas que querem verdadeiramente descobrir o seu sentido. Nesse caso, estamos investigando; não estamos afirmando nada de forma dogmática. Quando investigamos corretamente um assunto, descobrimos a verdade que há nele. Para investigar corretamente deve haver liberdade. Se tenho medo da morte, então não posso investigar, pois esse medo irá deformar a minha investigação. Isso está claro? Ou se tenho uma crença sobre a morte ou sobre uma vida após a morte, isso também distorce a investigação.

Para se investigar um problema humano, tal como a morte, que é muito complexo, é preciso que haja liberdade para se olhar. Você não pode observar ou investigar se existe algum tipo de preconceito, de crença, de esperança ou de medo. Para indagar seriamente, não pode haver preconceitos que distorçam, medos, desejos de consolação, esperança, nada disso. A mente deve estar completamente livre para examinar. Eis a primeira providência para que se possa descobrir algo novo.

Todo ser humano quer a continuidade. Os antigos egípcios manifestavam isso de determinada maneira, e o homem moderno de outra maneira; aqueles enterravam ou incineravam os corpos, esperando que algo continuasse. Por parte de todo ser humano existe a sólida

exigência de que deve haver algum tipo de continuidade. Certo? Isso está presente em vocês, não é verdade? Olhem para isto. Então, o que é que continua? Existe alguma coisa que continua? Existe algo permanente? Ou será tudo impermanente? Vocês compreendem as minhas perguntas? Eu preciso descobrir. Antes de entrar na questão da morte, eu, você ou um outro ser humano, deve antes descobrir se existe algo permanente que continua. Continuidade implica permanência. Mas existe algo em você como ser humano que tenha continuidade?

Questionador: Existe a vontade de continuar.

K: Não, senhor, cuidado! A não ser a vontade, existe algo permanente — permanente querendo dizer contínuo, o que significa um movimento sem fim?

Q: Talvez.

K: Não, nem talvez. Examine bem o assunto antes. Existe o desejo de continuidade — desejo significando sensação, depois pensamento como desejo, e o desejo criando a imagem. Perceba a seqüência — sensação, pensamento, desejo, a formação da imagem. Afora o desejo, existe algo que seja permanente, ou seja, intocável pelo tempo? Isto é o que entendemos por permanência: o tempo não irá mudá-lo; portanto, trata-se de um movimento contínuo. Existe algo num ser humano que seja permanente?

Q: Continuidade implica tempo.

K: Isto é verdade, senhor. Continuidade significa tempo, e também significa que não existe tempo. Se é contínuo desde o início, sem jamais terminar, está além do tempo. Espere um minuto. Não quero investigar isto ainda. Existe algo no ser humano, em você ou em mim, que seja permanente?

Q: Existe um sentimento de existência, do si-mesmo.

K: Existe a sensação de existência; existe o sentimento do si-mesmo — o si-mesmo e a sensação de viver, desde a infância até o momento em que você morre —, existência, a sensação de viver. Ele disse que

o "Eu" é permanente; alguém disse isso. Então o que é o "Eu", o "eu"? A psique, a personalidade, o que é isso? Por favor, com seriedade! Não brinquem com esses assuntos: são muito sérios para quem quer realmente se aprofundar neles.

Q: O pensamento é memória.

K: Você está dizendo que pensamento é memória. E você está repetindo o que ouviu de alguém ou isso é uma verdade para você? Por favor, senhor, ouça cuidadosamente. Estamos tendo uma conversa ou investigando sobre o que é o "Eu" — sendo o "Eu" o sentimento de que você está vivo, de que você está existindo. Bem, e o que é este "Eu"? Será esse "Eu" permanente? Os antigos hindus afirmavam que esse "Eu" evolui, vida após vida, até atingir a perfeição, que é o princípio máximo, o Brahman. De forma que o "Eu" tem continuidade até que se torne perfeito e que seja absorvido pelo princípio máximo. Esta é a idéia da reencarnação. Reencarnar — por favor, ouçam esta palavra, *reencarnar*, isto é, nascer outra vez. Bem mas estamos perguntando o que é esse "Eu"? Será este "Eu" permanente? Não repitam algo que não tenha sido descoberto por vocês mesmos; caso contrário, estarão apenas repetindo o que alguém disse. Isso não tem nenhum valor. Será esse "Eu" permanente? Ou, em outras palavras, o que é esse "Eu"? Como ele se torna realidade? Será uma entidade espiritual, e portanto contínua, ou um episódio momentâneo, num fluxo, em constante mutação? Será ele, em essência, algo espiritual que é um processo não-material? Ou será um processo material? — entendendo-se por processo material a matéria construída com diversos incidentes, acidentes, impressões, situações ambientais impostas, família. Tudo isso é um processo material reunido pelo pensamento. O pensamento diz: "Sou diferente do pensamento." O "Eu" e o pensamento se separam e dizem: "O pensamento continuará; meu pensamento continuará." Certo?

Vocês precisam descobrir por sua própria conta, nesta investigação sobre a morte, se existe algo permanente, ou se tudo está em movimento. Tudo, tanto o processo material quanto a idéia de que você é um espírito, ambos estão em constante movimento — o mo-

vimento sendo tempo, tempo significando daqui para ali, cronologicamente, tempo sendo o cultivo da psique. Movimento — haverá portanto algo permanente ou no ser humano tudo está sendo submetido a mudanças?

Q: Existe algo permanente.

K: Ele diz que somos algo permanente, que existem alguns momentos na vida em que ocorrem realizações ou acontecimentos que estão além do tempo, e esse acontecimento é permanente. É isso o que esse senhor afirma. Quando isto ocorre, se se transformou numa recordação...

Q: Não é uma recordação, senhor.

K: Um momento, escute. Eu disse *se* se transformou numa recordação, então é um processo material, e você pode chamar isso de permanente. Se esse extraordinário estado de atemporalidade acontece, e se não é uma recordação, a pergunta então é: Ele continuará? Ou seja, você tem uma experiência sobre algo — não usarei nem mesmo a palavra *experiência* —, um acontecimento de algo que está além do tempo; enquanto não está registrado como recordação, ele permanece como além do tempo. No momento em que é registrado, ele passa a ser feito de tempo. Isso é simples. Será então este acontecimento alguma coisa contínua? Ou terá fim? Se for contínua, então será do tempo. Por favor, estou abordando isso cuidadosamente porque estaremos examinando um assunto que exige grande atenção e muita sensibilidade para ser descoberto. Nossa pergunta é: existe algo permanente? Cabe aos senhores responder.

Q: Nós queremos que exista algo permanente.

K: Existe o desejo de permanência — minha casa permanente, meu nome permanente, minha forma permanente; as lembranças, o apego, queremos tudo permanente. Toda segurança baseia-se em permanência. Precisamos descobrir por nós mesmo se existe algo permanente.

Vejam bem, por favor. Para mim, nada há de permanente — não estou impondo esta posição a vocês —, nada é permanente. O que

será então a morte se existe a continuidade do "eu", o "eu" com sua estrutura reunida pelo pensamento, o pensamento sendo a palavra, a palavra sendo o nome, o nome sendo ligado à forma? O nome, a forma deste corpo, o organismo, e toda a estrutura da psique, são agrupados pelo pensamento, é evidente. Percebem isso? Ou será que dizem: "Não, não, existe algo muito mais espiritual por trás disto!" Se existir algo muito mais espiritual por trás disso, e se vocês afirmam a sua existência, é ainda assim parte do pensamento. Compreendem? Se afirmam que por trás do véu do tempo — o que é uma boa expressão — existe algo basicamente atemporal, então vocês o reconheceram. Certo? E se o reconheceram, ele é parte da sua memória. E se é memória, é também um processo material de pensamento. Se esse algo por trás do véu é real, verdadeiro, e portanto impensável, vocês desconhecem. Quando afirmam que existe algo espiritual, uma essência espiritual, vocês já o contaminaram; portanto, não é mais espiritual. Compreendam isto uma vez e verão. Sabem, isto é um antigo artifício usado por muitos dos hindus que afirmam que Deus existe, que Brahman está dentro de você, e tudo o que você tem a fazer é se despojar, como das cascas de uma cebola. Compreendem? Ou seja: você estabeleceu um Deus em você pelo pensamento, e então o pensamento diz: "Preciso atingi-lo; portanto, deixe-me entrar em ação."

Assim, se todo pensamento for um processo material, e o que quer que ele tenha reunido for ainda um processo material, mesmo que ele diga: "Existe um eu permanente", ainda assim é parte da estrutura do pensamento. Então, o que é o término, a morte? Não sei se os senhores estão me acompanhando. Escutem apenas, olhem para isto; não me respondam, olhem antes de responder. Como a maioria de nós quer a continuidade e, portanto, tem medo da morte, o que ocorre então quando um fim é chamado de morte?

Deixe-me apresentá-lo de forma mais simples. Um ser humano comum diz: "Devo continuar. Tenho medo da morte." Mas *existe* um fim. Eu morro. Posso não querer morrer. Posso chorar a minha morte, posso lutar contra a morte, mas ela é inevitável. Assim, eu digo: quando existe o desejo de continuidade e há um fim, o que ocorre?

Existe a morte do organismo e existe a morte da psique. Elas se inter-relacionam, são psicossomáticas e tudo o mais. Um homem diz: "Eu preciso continuar. Eu quero continuar; é a minha vida. Pelo amor de Deus, me ajudem, pois o meu único desejo é continuar." E eu pergunto: "Está bem, meu amigo, o que acontece quando chega esse fim, que é inevitável? Pode vir a terminar por acidente, por doença, por diversos tipos de fim. O que acontece? Para descobrir o que acontece, você precisa investigar se a psique, o 'eu', é algo permanente ou impermanente. Se for impermanente, então, no final, o que acontece?" Por favor, não respondam! Examinem a questão! Descubram por vocês mesmos! Isso é de tremenda importância porque o homem diz: "Preciso descobrir a imortalidade." Os antigos egípcios encontravam a imortalidade nos túmulos, com a continuidade da vida diária pela eternidade. Se examinaram os túmulos egípcios ou leram sobre eles, sabem que seu desejo era este, sabem que eles queriam continuar pelos próximos mil ou por um milhão de anos. O Vale do Nilo era protegido — deserto dos dois lados — e isso dava aos egípcios um senso de permanência, e eles traduziam essa permanência como uma vida contínua. Vocês podem ler sobre isso, se tiverem interesse, podem examinar o assunto. E os antigos hindus diziam que o si-mesmo, embora sendo impermanente, deveria prosseguir até atingir o princípio da perfeição, o mais alto princípio, que é Brahman. Ou eles diziam que existe Deus em você, e através de várias encarnações você tornará o ego perfeito até ele atingir o mais alto princípio. E os cristãos têm a sua maneira própria, ressurreição e tudo o mais.

Mas o meu problema, como ser humano, é: embora o meu desejo seja o de continuidade, eu sei que a morte é inevitável. Infalivelmente, quer você goste ou não, ela está aí. E pergunto a mim mesmo: o que acontece quando há um fim?

Q: Trata-se de um grande choque.

K: Por favor, esta não é a minha questão. Discutiremos de forma diferente. Os senhores não estão respondendo à minha pergunta porque não a estão encarando; não estão olhando para ela, não estão colocando seus dentes nela para descobrir.

"Eu quero continuar, esta é a minha esperança, o meu desejo, a minha aspiração. Tenho estado por oitenta anos com a minha família, com meus objetos, meus livros, com tudo aquilo que acumulei ao longo de oitenta anos, e assim peço, por favor, conceda-me mais mil anos com as mesmas coisas." Mas vem a morte e diz: "Não, meu amigo, você vai morrer." O que acontece depois disso? Os seres humanos querem uma continuidade, e existe um fim. A continuidade é tudo o que o ser humano acumulou: conhecimento, coisas, idéias, apegos, propriedades, crenças, deuses. Tudo isto eu quero que continue pelo resto da eternidade. Mas vem a morte e diz: "Acabe com isso." Então pergunto: o que é que termina?

Q: A psique.

K: Tem certeza? Senhor, tenha cuidado; não se limite a especular. Eu realmente não gosto de discutir este tema com muita gente porque em geral não se lida com seriedade com esse assunto. Ele demanda grande seriedade e não basta apenas verbalizar o tempo todo. Eu disse: o desejo torna-se realidade através da sensação e do pensamento. Então, o pensamento, que é desejo, tem um nome, tal como K, a forma de K, e aí está todo o conteúdo da minha consciência, que foi armazenado pelo pensamento, e que eu quero que continue. Eu quero o pensamento com todo o seu conteúdo, com todos os seus apegos, toda a dor, todo o sofrimento; *isto* é o que eu quero que continue.

Quando o corpo físico morre, o processo material, que é a estrutura do cérebro, que é o processo do pensamento, morre. Compreendem? Eu gostaria de saber se percebem isto.

Q: (inaudível).

K: Senhor, eu sou o mundo, e o mundo é eu. Isto é um fato. Certo? O mundo é eu, não como uma idéia, não como uma teoria, mas como uma realidade. Que eu sou o mundo e que o mundo é eu é um fato tão real como o fato de que, se eu me ferir com um prego, vou sentir dor. O "eu" é reunido pelo pensamento. Trata-se de um processo material. O pensamento é matéria, um processo material, porque é a resposta da memória, que está armazenada no cérebro na forma de

conhecimento, e então, quando morre o cérebro, morre o processo material. O que ocorre então? Compreendem a minha pergunta?

Q: O processo material morre.

K: Senhora, vou dar um exemplo, sem ser indelicado; quando a senhora diz que o processo material morre, terá a senhora morrido para ele *agora*? Não quando chega a morte. Compreende? Vou lhe mostrar.

Eu sou o mundo e o mundo é eu. Minha consciência é a consciência do mundo. O conteúdo da minha consciência é o conteúdo da consciência do mundo. Esse conteúdo é reunido pelo pensamento — meus móveis, meu nome, minha família, minha conta bancária, minhas crenças, meus dogmas —, tudo isso está na minha consciência, que é a consciência do mundo. A menos que percebam isto, não poderão avançar na nossa investigação. Então esta consciência, que é um processo material, chega a um fim, porque o organismo falha por doença, por acidente, e assim por diante; então o cérebro se degenera e o processo do pensamento chega a um fim. O processo de pensamento, que agrupou o ego, o "eu", chegou ao fim. Ah, vocês não aceitam isso. Então eu pergunto: será possível morrer agora para tudo o que o pensamento armazenou como consciência, que é eu e o mundo? Eu gostaria de saber se entenderam a minha pergunta.

Q: Não podemos aceitar o que o senhor está dizendo. Isto é aniquilação.

K: Ele está afirmando: "Não podemos aceitar isto porque é total aniquilação." Isso nós não podemos aceitar. Por que não, se é verdade? Eis por que vocês querem algo permanente. Vocês querem algo que não tenha fim, que seja você mesmo, com todas as suas misérias, e tudo o mais. Então eu digo a mim mesmo: "Como eu sou o mundo e o mundo é eu, minha consciência é a consciência do mundo, e todo o conteúdo dessa consciência, que produz a consciência, é armazenado pelo pensamento; crenças, dogmas, rituais, tudo é acumulado pelo pensamento." Eu digo a mim mesmo: "Pode tudo isso morrer agora, não daqui a cinqüenta anos, mas *agora*?" Em outras palavras, pode esse conteúdo esvaziar-se agora? Compreendem? Ou seja, a morte é *agora*, não daqui a cinqüenta anos.

Quando você morre, seu corpo seca e seu cérebro termina. E todo o conteúdo da sua consciência não pode continuar tal como é, porque é o processo do pensamento. Assim, pergunto a mim mesmo, e a vocês — estou perguntando a *vocês* e não a mim mesmo, estou perguntando a vocês como seres humanos — vendo a razão de tudo isso, a lógica, e portanto indo além da lógica, a verdade de tudo isso, que você é o mundo e o mundo é você, e que a sua consciência é a consciência do mundo, quando você vê isso, tem uma introvisão disso, então podem todas as coisas que foram reunidas pelo pensamento chegar a um fim, não daqui a cinqüenta anos, mas *agora*? Compreenderam a minha questão? Por favor, isto é tremendamente importante.

Veja, senhor, parte da minha consciência é: eu acredito. A crença é parte da minha consciência. No mundo inteiro eles acreditam em algo: em Deus, no Estado perfeito, na minha experiência, em Jesus, em Buda. Acreditar é um ato comum aos homens. E essas crenças são acumuladas pelo pensamento, que é um processo material. Pode você encerrar *agora* essa crença tal como vai fazer ao morrer? Compreendem? Acabe imediatamente com a sua crença em algo e veja o que sucede, e não fique a dizer: "Estou assustado por vir a deixar minhas crenças, pois essas crenças me dão uma tremenda segurança." Você está buscando segurança numa ilusão; portanto, ela não é segurança em absoluto. E pode você morrer para isso agora? Apenas então você poderá responder o que vem a seguir. Mas antes de poder responder o que vem a seguir, você precisa agir. Palavras não são ação; teorias não são ação. Quando se atinge esta percepção de que a crença é uma das maiores causas do desejo humano — e que *é* uma ilusão porque é acumulada pelo pensamento — posso eu morrer para isto?

Pode você morrer para a crença, não para uma determinada crença em particular, mas para a *crença*? A maioria das pessoas tem ideais, e é um fenômeno bastante extraordinário você descobrir que, onde quer que esteja no mundo, cada ser humano tem ideais; não importa qual seja: nobre, ignóbil, real, e assim por diante. Bem, mas os ideais são obviamente armazenados pelo pensamento; trata-se de um processo material em oposição ao que *eu sou*. Pode então você morrer para isso?

A menos que morra para isso, você não poderá possivelmente responder à próxima pergunta, o que queremos descobrir antes de morrer. Eis ao que estamos nos aferrando, compreende? Se isso puder

ser dito, verbalizado, e então tornado comum, todos acreditarão. Tornar-se vulgar — uso aqui a palavra *vulgar* no sentido comum, ordinário, e não insultuoso e pejorativo. Então transforma-se numa crença e ficamos todos felizes. Mas morrer sem saber — compreende? Não, vocês não compreendem. Estamos lidando apenas com fatos, não com teorias, não com idéias projetadas, confortadoras ou enobrecedoras; estamos lidando com fatos reais da vida diária. Nossa vida diária é feita de coisas reunidas pelo pensamento. O pensamento é um processo material.

Deixe-me dizê-lo de outra maneira. Um ser humano não consegue pôr fim às suas dores, às suas desgraças, à sua confusão. Então ele é como o resto do mundo. Ele morre, mas a dor, a confusão, a desgraça, como um enorme campo, prossegue. Isto é um fato. Como um gigantesco volume de água num grande rio, existe essa imensa dor do homem. Pelo amor de Deus, percebam isto. Existe muita violência, ódio, ciúme; essa é a corrente principal. Nós, seres humanos, fazemos parte dessa corrente. A menos que eu morra para essa corrente, ela prosseguirá; a corrente, que é o mundo, prosseguirá. Portanto, o homem que se arriscar fora da corrente, o ser humano que se arriscar fora da corrente, saberá o que existe além do que é. Mas enquanto você permanecer nesta corrente, ou com um pé para fora, um pé para dentro, brincando — como faz a maioria de nós — você jamais descobrirá o que há além da morte. O que significa que é preciso morrer para tudo, sem esperança. Compreendem isto? Esta é das coisas mais difíceis. Um homem que morrer para tudo saberá o que é eterno. Compreendem?

Q: (inaudível).

K: Senhores, estão voltando às teorias! Vejam, olhem, senhores, por favor. Sabem que é uma das maiores dificuldades falar ou discutir, abordar certos temas com atenção tremenda até o fim. Poucas pessoas podem fazer isso. Isso é um assunto que demanda toda a sua atenção, não a verbalização, teorias e tudo o mais, mas sim uma atenção contínua. Poucos podem fazer isso. Poucos querem fazer isso. Eles podem fazer isso, mas são muito preguiçosos, muito desinteressados. Se você estiver realmente cativado, conquistado por isto, querendo descobrir, prestará completa atenção e, portanto, não existirão pala-

vras, mas um constante empurrar, empurrar, empurrar, sem saber ao certo para onde está indo. E isso é a morte. Quando você morre, há um fim em tudo o que você conhece. Então, pergunto, você não pode morrer agora para tudo o que conhece? Desse modo você descobrirá por você mesmo o que é a verdade na qual nada há de ilusão, nada há de pessoal. Não a minha verdade ou a sua verdade. A verdade.

Madras, 9 de Dezembro de 1959

Será possível viver em profundo senso de harmonia e beleza, com uma sensação de incessante satisfação — ou melhor, eu não diria de satisfação, pois a satisfação traz consigo a frustração —, mas existirá um incessante estado de ação no qual não existe a dor, o arrependimento, nenhum motivo para tristeza? E se existe um tal estado, como pode alguém chegar a atingi-lo? Ele não pode, evidentemente, ser cultivado. Não se pode dizer: "Serei harmonioso." Isto não significa nada. Supor que a pessoa deva se controlar de forma a se tornar harmoniosa é uma maneira bastante imatura de pensar. O estado de integração total, de ação unitária, surge somente quando não o estamos procurando, quando a mente não está lutando para se ajustar a um padrão de vida determinado.

A maioria de nós pensou muito pouco sobre tudo isso. Em nossas atividades diárias nós nos preocupamos apenas com o tempo, pois o tempo nos ajuda a esquecer; o tempo cura as nossas feridas, ainda que provisoriamente; o tempo dissipa os nossos desesperos, as nossas frustrações. Sendo tomado pelo processo do tempo, como pode alguém atingir esse estado extraordinário no qual não existe contradição, no qual o próprio movimento de viver é ação integrada, e a vida do dia-a-dia é realidade? Se cada um de nós se fizer esta pergunta com seriedade, penso que poderemos então comungar um com o outro no esclarecimento do problema; mas se você se limitar a escutar as palavras, então você e eu não estaremos em comunhão. Estamos em comunhão um com o outro apenas quando este é um problema para ambos. Assim, ele não é apenas o meu problema, que eu estou impondo a você ou que você está tentando interpretar de acordo com

as suas crenças e idiossincrasias. Este é um problema humano, um problema do mundo todo, e se ele estiver claro para cada um de nós, então o que eu estou dizendo, o que estou pensando e sentindo, produzirá um estado de comunhão entre nós, e juntos poderemos atingir grandes profundezas.

Então, qual é o problema? O problema é que, evidentemente, deve haver uma tremenda mudança, não apenas no nível superficial, nas atividades exteriores da pessoa, mas interiormente, profundamente; é preciso que ocorra uma revolução interior que transforme a maneira de pensar e que produza uma forma de viver que seja por si mesma ação total. E porque essa revolução não ocorre? Este é o problema para aqueles que o percebem. Vamos então mergulhar fundo em nós mesmos e descobrir a raiz desse problema.

A raiz do problema é o medo, não é verdade? Por favor, procurem-no em vocês mesmos, e não se limitem a ver em mim um orador que se dirige a uma platéia. Quero abordar esse problema com vocês porque, se vocês e eu o explorarmos juntos e se todos nós compreendermos algo que seja verdadeiro, então dessa compreensão surgirá uma ação que não é nem minha nem de vocês, e as opiniões, sobre as quais discutimos sem cessar, terão deixado de existir.

Sinto que existe um medo básico que precisa ser revelado — um medo muito mais profundo que aquele de perder o emprego, ou o de fazer algo errado, ou o medo da insegurança externa ou interna. Mas para que o abordemos com muita profundidade, precisamos começar com os medos que conhecemos, os medos dos quais temos consciência. Eu não preciso dizer-lhes quais são estes, pois vocês podem observá-los em si próprios: o medo da opinião pública, o medo de perder um filho, ou a esposa, ou o marido, através da trágica experiência chamada morte; o medo da doença, o medo da solidão, o medo de não ter sucesso, ou de não se realizar, o medo de não atingir o conhecimento da verdade, ou de Deus, ou do que quer que seja. O selvagem tem uns poucos medos, mas nós temos incontáveis medos cuja complexidade aumenta à medida que nos tornamos mais e mais "civilizados".

Bem, mas o que é o medo? Por acaso já sentiram realmente o medo? Você pode perder o emprego, pode não ser um sucesso; seu

vizinho pode dizer isto ou aquilo sobre você, e a morte está sempre à espreita logo ali na esquina. Tudo isso o amedronta, e você foge por intermédio da ioga, da leitura de livros, da crença em Deus, de diversas formas de diversão, e de tudo o mais. Assim, pergunto: vocês realmente sentiram o medo ou a mente sempre fugiu dele?

Considerem o medo da morte. Temendo a morte, você racionaliza o seu medo dizendo que a morte é inevitável, que tudo morre. O processo de racionalização é uma mera fuga do fato. Ou então você acredita na reencarnação, o que satisfaz e o conforta, mas o medo continua ali. Ou então você tenta viver totalmente no presente, esquecendo tudo sobre o passado e o futuro e preocupando-se exclusivamente com o agora, mas o medo prossegue.

Estou lhes perguntando se alguma vez conheceram o medo verdadeiro — não o medo teórico, aquele meramente concebido pela mente. Talvez eu não esteja explicando de forma bastante clara. Vocês conhecem o gosto do sal. Vocês experimentaram a dor, o desejo, a inveja, e sabem por vocês mesmos o significado destas palavras. Da mesma forma, sabem o que é o medo? Ou têm apenas uma *idéia* do que seja o medo, sem que realmente o tenham experimentado? Estou sendo claro?

Vocês têm medo da morte, mas o que é a morte? Vocês enxergam a inevitabilidade da morte, e porque não querem morrer, a temem. Mas jamais souberam o que é a morte; vocês têm apenas projetado uma opinião, uma idéia sobre ela. Ou seja, vocês têm medo de uma idéia sobre a morte. Isto é bastante simples e não percebo bem a nossa dificuldade.

Para realmente experimentar o medo, é preciso estar totalmente *com* ele; é preciso estar inteiramente *dentro* dele e não o evitar; você não pode ter crenças ou opiniões sobre ele. Mas não creio que muitos de nós tenham experimentado o medo dessa forma, pois sempre o estamos evitando, sempre estamos fugindo dele. Nunca permanecemos com ele, nunca o examinamos para descobrir do que se trata.

Será a mente capaz de viver com medo, uma vez que ela faz parte dele? Pode a mente mergulhar neste sentimento em vez de evitá-lo ou de tentar fugir dele? Acredito que seja principalmente o fato

de estarmos sempre fugindo do medo que nos faz viver vidas tão contraditórias.

Senhores, tem-se constantemente a percepção, em especial quando se fica mais velho, de que a morte está sempre à espera. Vocês temem a morte, não é? Mas como deve ser entendido esse medo? O que devem fazer para se libertar desse medo da morte? O que é a morte? Na verdade, ela é a cessação de tudo o que conheceram. Este é o fato verdadeiro. Se você sobrevive ou não, não é a questão. A sobrevivência depois da morte é apenas uma idéia. Você não sabe, mas você acredita, porque a crença o conforta. Você nunca aborda a questão da morte propriamente, porque a simples idéia de chegar ao fim, de penetrar no totalmente desconhecido, é um horror que desperta o medo em você. Estando com medo, você recorre a diversas formas de crença como meio de fuga.

Com certeza, para livrar a mente do medo, você precisa saber o que vem a ser morrer enquanto está em pleno vigor físico e mental, trabalhando e dando conta de tudo. Você precisa conhecer a natureza da morte enquanto vive. A crença não irá remover o medo. Você pode ler incontáveis livros sobre o que vem depois da morte, mas isso não fará a sua mente ficar livre do medo, porque a mente está acostumada exclusivamente à continuidade através da memória e, assim, a simples idéia de chegar ao fim é um horror. A freqüente rememoração de tudo o que você experimentou e de que desfrutou, de tudo aquilo que possuiu, o caráter que você construiu, seus ideais, suas visões, seu conhecimento — tudo isso vai acabar. E como pode a mente se libertar do medo? *Este* é o problema, e não se há ou não a continuidade após a morte.

Se pretendo me livrar do medo do fim, certamente preciso investigar a natureza da morte. Preciso conhecê-la; preciso saber o que é: preciso conhecer sua beleza, sua tremenda qualidade. Morrer deve ser algo extraordinário — penetrar em território jamais imaginado, totalmente desconhecido.

Mas como fará a mente para conhecer, enquanto vive, este final chamado morte? A morte é o fim. Trata-se do fim do corpo e talvez também da mente. Não estou discutindo se existe ou não a sobrevivência. Estou preocupado com o final. Será que posso ter um fim enquanto vivo? Não pode a minha mente — com todos os seus pen-

samentos, suas atividades, suas recordações — chegar ao fim enquanto estou vivo, enquanto o corpo ainda não está abatido pela velhice e pela doença ou desfeito por um acidente? Não pode a minha mente, que construiu a continuidade, chegar a um fim, não no último momento, mas *agora*? Ou seja, não pode a mente se livrar de todo o acúmulo de recordações?

Você é um hindu, um cristão, ou o que quer que seja. Você é moldado pelo passado, pelo costume, pela tradição. Você é cobiça, inveja, alegria, prazer, a apreciação de algo belo, a agonia de não ser amado, de não ser capaz de se satisfazer — você é tudo isso, o que é o processo de continuidade. Tome apenas uma forma dela. Você é apegado à sua mulher, às suas propriedades. Isso é um fato. Não estou falando em se desapegar. Você está apegado às suas opiniões, aos seus modos de pensar.

Mas não pode você chegar ao fim de todo esse apego? Por que você é apegado? Esta é a questão e não como se desapegar. Se você tenta se desapegar, você está apenas cultivando o oposto, e portanto a contradição continua. Mas no momento em que a mente estiver livre do apego, estará também livre do senso de continuidade que existe com o apego, não é verdade? Então, por que você se apega? Porque você teme que sem esse apego você não será nada; portanto, você *é* a sua casa, você *é* a sua mulher, você *é* a sua conta bancária, você *é* o seu emprego. Você é tudo isso. E se existir um final para esse senso de continuidade por meio do apego, um fim total, então você saberá o que é a morte.

Compreendem, senhores? Digamos que eu odeio, e carreguei esse ódio na minha memória por todos estes anos, lutando sempre contra ele. Posso, num instante, parar de odiar e abandonar isso com aquele finalizar definitivo próprio da morte?

A morte chega sem lhe pedir permissão; ela vem e se apossa de você; ela o destrói no mesmo instante. E pode você, da mesma forma, se despojar completamente do ódio, da inveja, do orgulho de possuir, do apego a crenças, a opiniões, a idéias, a um modo próprio de pensar? Você pode pôr tudo isso de lado num instante? Não existe um "como pôr tudo de lado", pois esta é apenas outra forma de continuidade. Deixar de lado a opinião, a crença, o apego, a cobiça ou a inveja, é morrer — morrer a cada dia, a cada momento. Se o fim de

toda ambição, a cada novo momento, for alcançado, você conhecerá então o extraordinário estado de não ser nada, o limite abissal de um movimento eterno, por assim dizer, e fará uma pequena visita ao outro lado desse limite, que é a morte.

Quero saber tudo sobre a morte, porque a morte pode ser realidade; ela pode ser aquilo a que chamamos de "Deus", esse fenômeno extraordinário que vive e se move e no entanto não tem começo e nem fim. Então eu quero saber tudo sobre a morte. Assim eu preciso morrer para tudo o que já conheço. A mente pode ter consciência do desconhecido apenas quando ela morre para o conhecido — morre sem qualquer motivo, sem esperança de recompensa ou medo de castigo. Nesse caso, eu posso descobrir o que é a morte enquanto estou vivo — e nessa descoberta está a libertação do medo.

É irrelevante saber se existe ou não uma continuidade depois da morte do corpo. Se você vai ou não nascer de novo é assunto trivial.

Para mim, viver não é diferente do morrer, porque na vida há morte. Não existe distinção entre morte e vida. Pode-se conhecer a morte porque a mente está morrendo a cada minuto, e exatamente nesse finalizar existe renovação, novidade, frescor, inocência — e não na continuidade. Mas, para a maioria de nós, a morte é algo que a mente realmente jamais experimentou. Para conhecer a morte enquanto se vive, todas as artimanhas da mente — que impedem o verdadeiro conhecer — devem cessar.

Será que vocês alguma vez souberam o que é o amor? Porque acredito que o amor e a morte caminham juntos. Morte, amor e vida são uma coisa só. Mas nós dividimos a vida, assim como dividimos a terra. Falamos de amor como sendo carnal ou espiritual e estabelecemos uma batalha entre o sagrado e o profano. Criamos uma distinção entre o que o amor é e o que *deveria ser*, de forma que nunca sabemos o que é o amor. O amor, certamente, é um sentimento total que não é sentimental, e no qual não existe o senso de separação. Trata-se de uma completa pureza de sentimento sem a qualidade separativa e fragmentária do intelecto. O amor não tem senso de continuidade. Onde há senso de continuidade, o amor já morreu, e ele tem o ranço do ontem, com todas as suas feias recordações, brigas e brutalidades. Para amar é preciso morrer.

A morte é amor — os dois não são distintos. Mas não fiquem hipnotizados pelas minhas palavras. Vocês precisam experimentar isso; precisam conhecer isso, prová-lo, descobrir isso por vocês mesmos.

O medo da solidão completa, do isolamento, de não ser nada, é a base, é a verdadeira raiz da nossa autocontradição. Porque temos medo de não ser nada, somos estilhaçados por diversos desejos, cada qual nos empurrando para uma direção diferente. Eis por que, se a mente pretende conhecer a ação total, não-contraditória, ação na qual ir para o escritório é o mesmo que não ir para o escritório, ou o mesmo que se tornar um saniasi, ou o mesmo que meditação, ou o mesmo que olhar à noite para o céu — é preciso que a mente esteja livre do medo. Mas não podemos estar livre do medo a menos que o tenhamos conhecido, e não podemos conhecer o medo enquanto buscamos caminhos e formas de fugir dele. Seu Deus é uma magnífica fuga do medo. Todos os seus rituais, seus livros, suas teorias e crenças, impedem-nos de realmente experimentar o medo. Você descobrirá que apenas no término existe a total cessação do medo — o fim do ontem, daquilo que foi, que é o solo onde o medo finca suas raízes. Então você descobrirá que amor, morte e vida são uma coisa só. A mente está livre apenas quando tudo aquilo que foi acumulado pela memória foi jogado fora. A criação está no terminar, não na continuidade. Só então existe a ação total que é viver, amar e morrer.

De Comentários sobre a Vida Terceira Série: *Vida, Morte e Sobrevivência*

Era uma velha árvore, um tamarindo magnífico, com folhas novas e macias, carregada de frutos. Por ter crescido ao lado de um rio caudaloso, fora sempre muito bem regada e proporcionava sombra abundante para homens e animais. Sob ela constantemente havia algum tipo de agitação e de barulho, conversas em voz alta, ou um bezerro a chamar a mãe. Era de proporções elegantes e, recortada contra o céu azul, exibia sua esplêndida figura. Sua vitalidade ignorava a idade. Testemunhara incontáveis acontecimentos, tantos já eram os verões em que observara o rio com todas as idas e vindas ao longo de suas margens. Era um rio fascinante, largo e santificado, e de todas as regiões do país acorriam os peregrinos para se banharem em suas águas sagradas. Era percorrido em silêncio por barcos de velas escuras e quadradas.

Nas noites de lua cheia, quando ela surgia redonda e avermelhada, deixando um rastro prateado sobre as águas tremulantes, havia muita alegria no vilarejo vizinho, bem como no vilarejo do outro lado do rio. Nos dias santificados, os moradores dos vilarejos vinham para as margens do rio, cantando suas canções alegres e ritmadas. Traziam seu alimento e, falando e rindo bastante, banhavam-se no rio; em seguida, depositavam uma grinalda ao pé da grande árvore e espalhavam cinzas amarelas e vermelhas ao redor do seu tronco pois, assim como todas as árvores, esta também era sagrada. Quando, finalmente, cessavam os gritos e o alarido e todos já haviam retornado

às suas casas, uma ou duas lamparinas deixadas por algum aldeão piedoso permaneciam a queimar; essas lamparinas consistiam em uma vela de fabricação caseira sobre um pires de terracota com óleo, que os aldeões a muito custo podiam comprar.

Então a árvore reinava soberana; tudo lhe pertencia: a terra, o rio, as pessoas, as estrelas. Logo depois ela se recolhia a si mesma, para adormecer até vir a ser tocada pelos primeiros raios do sol da manhã.

Com certa freqüência traziam o corpo de algum morto para a margem do rio. Nessas ocasiões, revolviam o solo próximo à água e ali depositavam pesadas toras sobre as quais, com madeira mais leve, construíam um pira; no topo dessa pira deitavam o corpo, recoberto por um tecido branco imaculado. Feito isso, o parente mais próximo do morto ateava fogo com uma tocha, e gigantescas labaredas irrompiam na escuridão, iluminando a água e as faces silenciosas dos familiares enlutados e dos amigos sentados em volta da fogueira. A imponente árvore absorvia parte da luz e transmitia sua paz para as labaredas dançarinas. Passavam-se várias horas antes que o corpo fosse totalmente consumido, mas todos permaneciam sentados até que não restasse nada além de brasas e pequenas línguas de fogo. Em meio a este profundo silêncio, subitamente uma criancinha se punha a chorar, e um novo dia começava.

Ele fora um homem bastante conhecido. Jazia agora à beira da morte na pequena casa atrás do muro, cujo jardim, antes bastante cuidado, encontrava-se então abandonado. Estava cercado pela esposa, pelos filhos e por outros parentes chegados. Podiam passar-se meses, quem sabe até mais, antes que ele se fosse, mas eles se mantinham todos ao seu redor e, o quarto estava sobrecarregado pela dor. Assim que entrei, ele pediu a todos que saíssem e, embora relutando, eles nos deixaram, a não ser um pequeno garoto, entretido no chão com seus brinquedos. Quando todos tinham saído, ele fez um gesto apontando uma cadeira e permanecemos sentados por algum tempo sem dizer palavra, enquanto os ruídos da casa e da rua enchiam o quarto.

Ele falava com dificuldade. "Sabe, tenho pensado bastante ao longo dos anos sobre a vida e muito mais sobre a morte, pois de há

muito tempo sofro desta doença. A morte parece algo muito estranho. Li inúmeros livros que tratam deste problema, mas eram todos bastante superficiais."

E não são superficiais todas as conclusões?

"Não tenho tanta certeza. Se a pessoa puder chegar a algumas conclusões profundamente satisfatórias, elas terão certa significação. O que há de errado em se chegar a conclusões, contanto que elas sejam satisfatórias?"

Não há nada de errado, mas será que isto não traça um horizonte ilusório? A mente tem a capacidade de criar inúmeras formas de ilusão, e ser tomado por elas parece bastante desnecessário e imaturo.

"Eu vivi uma vida de fartura e fiz tudo aquilo que acreditei ser meu dever, mas eu sou humano, é claro. De qualquer maneira, esta vida está acabada agora, e eis-me aqui uma inutilidade, embora felizmente minha mente não tenha sido ainda afetada. Tenho lido muito e continuo ávido por saber o que acontece depois da morte. Será que eu continuo ou não resta nada depois da morte do corpo?

Senhor, se me permite a pergunta, por que está tão preocupado em saber o que acontece depois da morte?

"Mas todo o mundo quer saber, não quer?"

Provavelmente sim, mas se nem sabemos o que é viver, como poderemos compreender o que é a morte? Viver e morrer podem ser o mesmo, e o fato de os termos separado pode ser a origem de enorme dor.

"Conheço tudo quanto você disse sobre isso em suas palestras, mas ainda assim eu quero saber. Por favor, eu lhe peço, me diga: o que sucede depois da morte? Não o direi a ninguém."

Por que você está lutando tão desesperadamente para saber? Por que não permite que flua todo o oceano de vida e de morte, sem ficar insistindo nesse assunto?

"Eu não quero morrer", disse ele, com sua mão segurando o meu pulso. "Sempre tive medo da morte; e embora eu tenha tentado me consolar com racionalização e crenças, elas apenas agiram como um fino verniz sobre esta intensa agonia do medo. Tudo o que li sobre a morte não passou de uma tentativa de fugir deste medo, de encontrar

um meio de escapar dele, e é pela mesma razão que estou lhe pedindo agora para saber."

Será que algum tipo de fuga libertará a mente do medo? Será que o próprio ato de fugir não alimenta o medo?

"Mas você pode me dizer, e o que disser será verdade. Esta verdade me libertará..."

Permanecemos em silêncio por alguns instantes. Pouco depois ele voltou a falar.

"Este silêncio me faz mais bem do que todo o meu interrogatório angustiado. Eu gostaria de permanecer assim e morrer silenciosamente, mas minha mente não permite. Minha mente deixou de ser apenas o caçador e transformou-se também na caça. Estou sendo torturado. Sinto uma dor física aguda, mas que não é nada em comparação com o que está se passando na minha mente. Existe alguma continuidade identificada após a morte? Este 'eu' que se divertiu, que sofreu e conheceu — irá ele permanecer?"

O que é este "eu" ao qual sua mente se apega e que você quer que continue? Por favor, não responda, ouça em silêncio, está bem? O "eu" existe apenas por meio de uma identificação com a propriedade, com um nome, com a família, com fracassos e sucessos, com tudo aquilo que você foi e que quer ser. Você é aquilo com o que você se identificou; você é feito de tudo isso, e sem isso você não é. É esta identificação com pessoas, objetos e idéias que você deseja que continue, mesmo depois da morte; mas isto é algo vivo? Ou trata-se apenas de um amontoado de desejos contraditórios, de buscas, satisfações e frustrações que fazem com que a dor se torne mais importante do que a alegria?

"Pode mesmo ser isto que você está sugerindo, mas ainda assim é melhor do que não saber absolutamente nada."

Melhor o conhecido do que o desconhecido, não é verdade? Mas o conhecimento é muito pequeno, muito mesquinho, muito limitador. O conhecimento é dor e, no entanto, você anseia pela sua continuação.

"Pense em mim, tenha compaixão, não seja tão inflexível. Se ao menos eu soubesse, poderia morrer feliz."

Senhor, não lute tão desesperadamente para saber. Quando cessam todas as tentativas, então acontece algo que não foi a mente que

produziu. O desconhecido é maior do que o conhecido; o conhecido é apenas um barco no oceano do desconhecido. Deixe tudo acontecer e passar.

Nesse momento, sua esposa entrou para lhe dar algo de beber e a criança levantou-se e correu para fora do quarto, sem olhar para nós. Ele pediu à mulher que fechasse a porta ao sair e que não deixasse a criança entrar novamente.

"Não estou preocupado com a minha família; o futuro dela está garantido. Estou preocupado é com o meu próprio futuro. Eu sei, do fundo do meu coração, que o que você está dizendo é verdade, mas minha mente é como um cavalo a galopar sem cavaleiro. Você me ajudará ou eu não tenho mais como ser ajudado?"

A verdade é algo muito estranho: quanto mais você a persegue, mais ela teima em se esconder. Você não a pode capturar por mais sutil e esperto que seja; você não a pode prender na rede do seu pensamento. Verifique isto e deixe que tudo se vá. Na jornada da vida e da morte, você precisa caminhar sozinho; nesta jornada não pode haver consolação na sabedoria, na experiência, nas recordações. A mente precisa estar purgada de tudo aquilo que acumulou em sua urgência de se sentir segura; seus deuses e virtudes devem ser restituídos à sociedade que os nutriu. Deve haver um processo completo e não-contaminado. É preciso haver solidão completa e não-contaminada.

"Meus dias estão contados, minha respiração está curta, e você está me pedindo algo muito difícil: que eu morra sem saber o que é a morte. Mas estou bastante instruído. Deixe em paz minha vida, e que possa haver uma bênção sobre ela."

Bombaim, 10 de Janeiro de 1960

A maioria de nós vive num mundo de mitos, de símbolos, de faz-de-conta, que é muito mais importante para nós do que o mundo da realidade. Porque não compreendemos o mundo real do dia-a-dia com todos os seus sofrimentos e disputas, tentamos escapar dele criando um mundo de faz-de-conta, um mundo de deuses, de símbolos, de idéias, e de imagens; e onde existir esta fuga do real para o imaginário, existirá sempre a contradição, a dor. Se pretendemos nos libertar da dor, precisamos, com certeza, compreender o mundo da fantasia para o qual estamos fugindo. Os hindus, os muçulmanos, os budistas, os cristãos, todos têm seus mundos imaginários de símbolos e de imagens, e ficam aprisionados nesses mundos. Para eles, o símbolo tem maior significado e é muito mais importante do que viver; isso está profundamente fixado no seu inconsciente, e desempenha um papel importante na vida de todos aqueles que pertencem a uma ou outra das diversas culturas, civilizações ou religiões organizadas. Assim, para que venhamos a nos libertar da dor, acredito que é importante, antes de mais nada, compreender o mundo de fantasia em que vivemos.

Se caminhar pela estrada, verá o esplendor da natureza, a extraordinária beleza dos campos verdejantes e do céu aberto, e escutará o riso alegre das crianças. Mas, a despeito de tudo isso, há uma sensação de dor. Existe a angustia da mulher grávida; existe a dor que acompanha a morte; existe a dor que surge quando algo que você está esperando não acontece; existe a dor quando uma nação se arruína e se deteriora; e a dor da corrupção, não apenas no sentido coletivo mas também no individual. Existe dor na nossa própria casa,

se examinar bem: a dor da impossibilidade de se satisfazer, a dor da sua própria pequenez ou incapacidade, e diversas dores inconscientes.

Existe também o sorriso na vida. Sorrir é maravilhoso — rir sem motivo, ter a alegria no coração sem razão, amar sem buscar nada em troca. Mas um sorriso destes raramente ocorre conosco. Vivemos sob o fardo da dor; nossa vida é um processo de sofrimento e disputas, uma contínua desintegração, e quase nunca sabemos o que é amar com todo o nosso ser.

Pode-se ver este processo doloroso ocorrendo em cada rua, em cada casa, em cada coração humano. Existe o sofrimento, a alegria passageira, e uma gradual decadência da mente, e estamos sempre em busca de um meio de fugir. Queremos encontrar uma solução, um meio ou um método que alivie o fardo da vida, e dessa forma jamais olhamos realmente para a dor. Tentamos escapar por meio de mitos, de imagens e de especulação; temos a esperança de encontrar algum caminho para evitar este peso, para ficar adiante da onda de dor.

Penso que tudo isso nos é familiar. Não estou ensinando-lhes sobre a dor. E seria absurdo se de repente vocês tentassem sentir dor enquanto estão ouvindo, ou se tentassem sentir-se felizes; não teria sentido. Mas quando se está ciente da estreiteza, da superficialidade e da mesquinhez da própria vida, se se observa suas brigas incessantes, seus fracassos, as inúmeras tentativas feitas e que não produziram nada a não ser um sentimento de frustração, então inevitavelmente se experimenta aquilo a que chamamos de dor. Em qualquer que seja o nível, seja ele apenas superficial ou bastante profundo, é preciso que se saiba o que é a dor. A dor nos acompanha como a nossa sombra, e parecemos incapazes de solucioná-la. Sendo assim, se me permitem, eu gostaria de trocar idéias com vocês sobre como dar fim à dor.

A dor pode ter fim, mas isso não é atingido por intermédio de nenhum método ou sistema. Não existe dor quando há a real percepção do que está ocorrendo. Quando você vê claramente o que está ocorrendo — quer seja o fato de que na vida não há satisfação, ou o fato de que seu filho, seu irmão ou seu marido está morto; quando você percebe o fato tal como ele realmente é, sem interpretação, sem

ter opinião a respeito, sem ideação, ideais ou julgamentos, então acredito que ocorra o cessar da dor. Mas para a maioria de nós existe a vontade do medo, a vontade da insatisfação, a vontade da satisfação.

Por favor, não se limitem a escutar o que está sendo dito mas tomem ciência por si mesmos; olhem para suas próprias vidas como se fosse a sua face refletida num espelho. Num espelho você vê o que *é* — a própria face — sem distorção. Por favor, olhem agora para vocês da mesma forma, sem atitudes do tipo "gosto" ou "não gosto", sem qualquer aceitação ou negação do que vêem. Olhem simplesmente para vocês mesmos, e verão que a vontade do medo está imperando em suas vidas. Onde há a vontade — vontade de ação, de insatisfação, de satisfação, de preenchimento — existe sempre o medo. Medo, vontade e dor caminham juntos; não se separam. Onde existe vontade, existe medo; onde existe medo, existe dor. Por *vontade* eu entendo a determinação que nega ou aceita. Seguramente, estas são as diferentes formas de vontade, não é? Pois onde existe vontade, existe conflito.

Olhem para isto e compreendam não apenas o que estou dizendo, mas também as implicações da vontade. A menos que compreendamos as implicações da vontade, não seremos capazes de compreender a dor.

A vontade é o resultado das contradições do desejo; ela nasce dos empurrões conflitantes do "eu quero" e do "eu não quero", não é verdade? As diversas urgências, com suas contradições e reações, criam a vontade de satisfação ou de descontentamento, e nesta vontade existe o medo. A vontade de adquirir, de ser, de se tornar — isto, certamente, é a vontade que engendra a dor.

O que queremos dizer com dor? Você vê uma criança com um corpo sadio e um rosto adorável, com olhos brilhantes e inteligentes e um sorriso feliz. E à medida que cresce, ela é submetida à máquina a que se dá o nome de educação. Trata-se de fazer com que essa criança se amolde a um determinado padrão da sociedade, e aquela alegria, aquele desfrutar espontâneo da vida, está destruído. É muito triste ver acontecer isto, não é? É triste perder alguém que você ama. É triste verificar que reagimos a todos os desafios da vida de forma medíocre e mesquinha. E por acaso não é triste quando o amor acaba

nas águas paradas deste imenso rio da vida? É também triste quando a ambição o move e você a assume — apenas para encontrar a frustração. É triste verificar como é pequena a mente — não a mente do outro, mas a sua própria. Embora ela possa adquirir uma grande quantidade de conhecimentos, embora possa ser bastante esperta ou erudita, a mente ainda assim é algo bastante superficial e vazio; e verificar isto traz uma sensação de tristeza e de dor.

Mas existe uma tristeza muito mais profunda do que qualquer uma dessas: a tristeza que surge com a constatação da solidão, do isolamento. Embora você esteja entre amigos, no meio de uma multidão, numa festa ou conversando com sua esposa ou marido, você subitamente se dá conta de uma imensa solidão; há uma sensação de completo isolamento que traz a dor. E há também a dor da saúde precária.

Sabemos que existem essas diversas formas de dor. Podemos realmente não ter conhecido todas elas, mas se formos observadores, atentos à vida, saberemos que elas existem, e a maioria de nós deseja fugir delas. Nós não queremos compreender a dor; nós não a queremos encarar. Nós não dizemos: "Do que se trata?" Estamos preocupados apenas em escapar da dor. É muito natural; trata-se de um movimento instintivo de desejo; mas aceitamos isso como inevitável e assim as fugas se tornam mais importantes do que o fato da dor. Ao escapar da dor nós nos perdemos no mito, no símbolo; sendo assim, jamais investigamos para tentar descobrir se existe um fim para a dor.

Afinal de contas, a vida traz problemas. A cada minuto a vida apresenta um desafio, faz uma solicitação; e se a resposta dada é inadequada, esta inadequação produz uma sensação de frustração. Eis porque, para a maioria de nós, as diversas maneiras de fugir se tornaram tão importantes. Fugimos apegando-nos a crenças e a religiões organizadas; fugimos por meio de símbolos, de imagens, quer sejam gravados pela mente ou pelas mãos. Se não consigo solucionar meus problemas nesta vida, haverá sempre a próxima vida. Se não consigo pôr fim à dor, então deixo-me perder nos divertimentos; ou, tratando-se de alguma forma séria de mente, volto-me para os livros, para a aquisição de conhecimentos. Fugimos também pelo comer em de-

masia, pelo falar incessante, pelas brigas, pelo se tornar muito deprimido. Tudo isto são fugas, e não apenas elas se tornam extraordinariamente importantes para nós, como também nós lutamos em nome delas — a sua religião contra a minha, a sua ideologia contra a minha, o seu ritualismo contra o meu anti-ritualismo.

Observem a si mesmos, e por favor não fiquem hipnotizados pelas minhas palavras. Afinal, não estou falando sobre nenhuma teoria abstrata; falo sobre as suas próprias vidas, tal como as vivem dia após dia. Eu as estou descrevendo, mas não se satisfaçam com esta descrição. Percebam a vocês mesmos através dessa descrição, e verão como suas vidas estão presas às diversas formas de fuga. Eis porque é tão importante examinar o fato, considerar, explorar, se aprofundar naquilo "que é", porque o "o que é" não tem tempo, não tem futuro. O "o que é" é eterno. O "o que é" é vida; o "o que é" é morte, o "o que é" é amor, no qual não existe satisfação ou frustração. Estes são fatos, as verdadeiras realidades da existência. Mas a mente que foi alimentada e condicionada pelas formas de fuga, acha tremendamente difícil encarar o "o que é"; sendo assim, ela devota anos e anos ao estudo de símbolos e mitos, sobre os quais se escreveram volumes e mais volumes, ou ela se perde em cerimônias, ou na prática de um método, sistema ou disciplina.

O que é importante, certamente, é observar o fato e não se prender a opiniões ou a meramente discutir o símbolo que representa o fato. Compreendem? O símbolo é a palavra. Considerem a morte. A palavra *morte* é o símbolo usado para transmitir todas as implicações do fato — medo, dor, o extraordinário sentimento de perda, de solidão, de pequenez e de isolamento, de profunda e avassaladora frustração. A palavra *morte* nos é bastante familiar, mas poucos de nós percebem as implicações do fato. Praticamente, jamais olhamos para a face da morte e compreendemos tudo o que de extraordinário está contido nela. Preferimos fugir pela crença na existência de um mundo posterior, ou nos apegarmos à teoria da reencarnação. Possuímos estas explicações confortadoras, uma verdadeira multiplicidade de idéias, de afirmações e negações, com todos os símbolos e mitos que as acompanham. Observem a vocês mesmos. Isto é um fato.

Onde existe o medo, existe a vontade de fugir; é o medo que cria a vontade. Onde existe ambição, a vontade é impiedosamente insaciável. Enquanto existir insatisfação — a sede insaciável de satisfação que perdura sem cessar, e que resiste a todas as suas tentativas de preenchimento —, esta insatisfação produz sua própria vontade. Você deseja que a satisfação prossiga ou aumente, daí a vontade a ser satisfeita. A vontade em todas as suas diferentes formas abre inevitavelmente as portas à frustração, e a frustração é dor.

Portanto, há pouco sorriso nos seus lábios e nos seus olhos; há pouca placidez em suas vidas. Parecemos incapazes de olhar o mundo com tranqüilidade e de descobrir por nós mesmos se existe uma maneira de pôr fim à dor. Nossa ação é produto da contradição, com sua constante tensão, que unicamente pressiona o si-mesmo e multiplica nossos sofrimentos. Percebem isto, não é?

Afinal de contas, vocês estão sendo perturbados. Eu os estou deixando confusos com seus símbolos, seus mitos, seus ideais, seus prazeres, e vocês não gostam desta perturbação. O que vocês querem é fugir; portanto, vocês dizem: "Diga-me como me ver livre da dor." Mas pôr fim à dor não é o mesmo que se livrar da dor. Você não pode "se ver livre" da dor, assim como não pode adquirir amor. O amor não é algo a ser cultivado pela meditação, pela disciplina ou através da prática da virtude. Cultivar o amor é destruir o amor. Da mesma forma, a dor não deve terminar pela ação da vontade. Por favor, compreendam isto. Você não pode se livrar dela. A dor precisa ser abraçada; é preciso aprender a conviver com ela, a compreendê-la; é preciso tornar-se íntimo da dor. Mas você não tem intimidade com a dor, não é verdade? Você pode até dizer: "Eu conheço a dor", mas será que conhece? Terá você vivido com ela? Ou, tendo sentido dor, não terá você fugido dela? Na verdade, você não conhece a dor. Fugir é o que você sabe. Você conhece apenas os meios de escapar à dor.

Assim como o amor não pode ser cultivado ou adquirido pela disciplina, também a dor não pode terminar por nenhum mecanismo de fuga, através de cerimônias ou de símbolos, através do trabalho social dos "benfeitores", do nacionalismo ou de qualquer dessas tolices criadas pelo homem. A dor precisa ser compreendida, e compreender não é do tempo. A compreensão surge quando há uma ex-

plosão, uma revolta, uma tremenda insatisfação com tudo. Mas, vocês percebem, nós procuramos encontrar um caminho fácil no trabalho social; nós nos perdemos no emprego, na profissão; freqüentamos os templos, adoramos uma imagem; agarramo-nos a um determinado sistema ou crença. Tudo isto, seguramente, são meios de se evitar, meios de se manter a mente sem encarar o fato. Olhar simplesmente para o "o que é" jamais é doloroso. A dor nunca advém de se perceber o fato de que se é vazio. Mas no momento em que você pretende transformar sua vaidade em algo diferente, então começa a luta, a ansiedade e a ilusão — que finalmente conduzem à dor.

Você realmente olha para aquilo que ama, não olha? Se você ama o seu filho, você olha para ele; você observa sua delicada face, os olhos bem abertos, seu extraordinário sentido de inocência. Quando você ama uma árvore, você olha para ela com todo o seu ser. Mas jamais olhamos para as coisas dessa forma. Perceber a significação da morte requer um tipo de explosão que queima instantaneamente todos os símbolos, todos os mitos, os ideais, as crenças confortadoras, de maneira que você se torna capaz de olhar para a morte integralmente, totalmente. Mas de maneira muito infeliz e triste, é provável que você jamais tenha olhado para nada dessa forma total. Certo? Será que você já olhou para seu filho totalmente, com todo o seu ser — ou seja, sem preconceitos, sem aprovação ou condenação, sem dizer ou sentir: "Ele é o *meu* filho"? Se puder fazer isso, descobrirá que isso revela uma extraordinária significação e beleza. Então não há você e a criança — o que não implica uma identificação artificial com a criança. Quando você olha de forma total, não existe identificação porque não existe separação.

Da mesma forma, pode alguém olhar para a morte de forma total? — o que significa não ter medo. É o medo, com a sua vontade de fugir, que acabou por criar todos estes mitos, símbolos e crenças. Se puder olhar para ela de forma total, com todo o seu ser, então você verá que a morte tem um significado muito diferente porque desse modo não existe medo. É o medo que nos leva a exigir que saibamos se existe ou não uma continuidade após a morte, e o medo encontra a sua própria resposta na crença de que *existe* ou de que *não existe*. Mas quando você pode olhar de forma completa aquilo a que cha-

mamos de morte, não existe tristeza. Afinal de contas, se morre o meu filho, o que é que eu sinto? Sinto-me perdido. Ele foi-se para nunca mais voltar e eu fico com uma sensação de vazio, de solidão. Ele era o meu filho, em quem eu investi toda a minha esperança de imortalidade, de perpetuar o "eu" e o "meu"; agora que esta esperança da minha própria continuidade se desfez, sinto-me profundamente desolado. Portanto, eu realmente detesto a morte; é algo abominável, que deve ser colocado de lado, pois me expõe a mim mesmo, e eu a coloco de lado através da crença, através das diversas formas de fuga. Assim, o medo continua, produzindo a vontade e engendrando a dor.

Dessa forma, não se atinge o fim da dor por meio de nenhuma ação da vontade. A dor só pode chegar ao fim quando se rompe com tudo aquilo que a mente inventou como seu próprio meio de fuga. Você abandona completamente os símbolos, os mitos, as crenças e as ideações, porque você quer realmente saber o que é a morte e conhecer a dor; é uma urgência abrasadora. O que sucede então? Você está num estado de intensidade: não aceita nem nega, pois você não está tentando fugir. Você está encarando o fato. E quando você encara assim o fato da morte, da dor, quando você encara assim tudo aquilo com que se confronta minuto a minuto, então você descobre que ocorre uma explosão que não é mais engendrada gradualmente pelo lento movimento do tempo. Dessa maneira, a morte passa a ter um significado bastante diferente.

A morte é o desconhecido, bem como a dor. Você realmente não conhece a dor; não conhece a sua profundidade, a sua extraordinária vitalidade. Você conhece a reação à dor, mas não a ação da dor. Você conhece a reação à morte, mas não a ação da morte, no que ela implica; você não sabe se ela é feia ou bonita. Mas conhecer a natureza, a beleza e o encanto da morte e da dor é o fim da morte e da dor.

Vejam. Nossas mentes funcionam mecanicamente no conhecido, e com o conhecido abordamos o desconhecido: a morte, a dor. Pode haver uma explosão, de forma que o conhecido não contamine a mente? Você não pode se livrar do conhecido. Isto seria estúpido e tolo e não o levaria a lugar algum. O que importa é não permitir que a

mente seja contaminada pelo conhecido. Mas essa não-contaminação da mente pelo conhecido não ocorre pela determinação, por nenhum ato da vontade. Ela surge quando você passa a ver o fato como ele é, e você pode enxergar o fato como ele é — o fato da morte, da dor — apenas quando lhe dedica atenção total. Atenção total não é concentrada; é um estado de completa percepção no qual não há exclusão.

Assim, terminar a dor reside em fazer face à totalidade da dor, o que significa perceber o que é a dor. Isto indica, realmente, o abandono de todos os seus mitos, de suas lendas, tradições e crenças — o que você não pode fazer gradualmente. Eles precisam ser descartados imediatamente, já. Não existe método pelo qual se possa descartá-los. Isto acontece quando você dedica toda a sua atenção para algo que quer compreender, sem nenhum desejo de fugir.

Conhecemos apenas de forma fragmentária esse extraordinário fenômeno a que chamamos de vida; jamais encaramos a dor, a não ser filtrada pelas telas das fugas; jamais vimos a beleza e a imensidão da morte, e a conhecemos apenas através do medo e da tristeza. Pode haver a compreensão da vida, da significação e da beleza da morte, apenas quando a mente, no preciso instante, percebe aquilo que *é*.

Sabem, embora nós os diferenciemos, o amor, a morte e a dor são o mesmo; porque, seguramente, amor, morte e dor são o incognoscível. No momento em que você conhecer o amor, você terá deixado de amar. O amor está além do tempo; ele não tem fim nem começo, ao passo que o conhecimento tem. E quando você diz: "Eu sei o que é o amor", você não sabe. Você conhece apenas uma sensação, um estímulo. Você conhece a reação ao amor, mas esta reação não é amor. Da mesma maneira, você não sabe o que é a morte. Você conhece apenas as reações à morte, e descobrirá a plena significação e profundidade da morte apenas quando as reações tiverem cessado.

Por favor, escutem isso como algo que realmente diz respeito a cada ser humano, quer esteja ele no mais alto ou no mais baixo estrato da sociedade. Este é um problema para cada um de nós e é preciso que o conheçamos assim como conhecemos a fome, o sexo, ou como ocasionalmente conhecemos a graça divina ao olhar para o topo de

uma árvore ou para o céu aberto. Percebem? A graça divina surge apenas quando a mente está em estado de não-reação. É uma graça divina conhecer a morte, porque a morte é o desconhecido. Sem compreender a morte, você pode passar sua vida toda à procura do desconhecido, e jamais o encontrará. É como o amor que você não conhece. Você não sabe o que é o amor; você não sabe o que é a verdade. Mas o amor não deve ser buscado; a verdade não deve ser buscada. Quando você *busca* a verdade, é uma reação, uma fuga do fato. A verdade está no que *é*, não na reação ao que *é*.

Bombaim, 7 de março de 1962

Eu gostaria de falar sobre a questão da morte, entendida como idade e maturidade, tempo e negação, e isso vem a ser amor. Mas, antes de entrar nesse assunto, penso que é importante termos bem claro e termos profundamente compreendido que o medo de qualquer natureza distorce e produz ilusões, e que a dor entorpece a mente. A mente obscurecida ou a mente presa a qualquer tipo de ilusão não pode, em hipótese alguma, compreender a extraordinária questão da morte. Nós buscamos refúgio na ilusão, na fantasia, no mito, em várias formas de história. E uma mente assim aleijada não pode jamais compreender aquilo a que chamamos de morte, nem pode compreender que foi obscurecida pela dor.

O medo e a dor não são questões sobre as quais se possa filosofar ou que se possa banir do pensamento por meio de uma fuga. Eles estão ali presentes, como a sua sombra, e é preciso lidar com eles direta ou indiretamente. Não podemos carregá-los dia após dia, não importa quão profundamente possamos considerá-los. Quer sejam conscientes ou inconscientes, precisam ser compreendidos de imediato. A compreensão é imediata; a compreensão não vem com o tempo. Não se trata do resultado de um contínuo buscar, procurar, indagar, solicitar. Ou você a vê totalmente, completamente, num relance, ou simplesmente não a vê.

Eu gostaria de abordar esse fenômeno chamado morte, o qual nos é tão familiar. Já observamos a morte, já a vimos, mas nunca a experimentamos; ainda não nos foi dada a oportunidade de atravessar os seus portais. Deve ser um estado extraordinário. Eu gostaria de entrar nisso, não de forma sentimental ou romântica, nem com uma

série de crenças estruturais pré-fabricadas, mas verdadeiramente, como um fato, para compreendê-lo, assim como compreendo aquele corvo a crocitar sobre a mangueira — tão fatualmente quanto aquilo. Mas para compreender algo fatualmente, você precisa dedicar-lhe total atenção; enquanto você escuta aquela ave ali na árvore — você não se esforça, você escuta; você não diz: "É um corvo. Que aborrecido ele é! Quero escutar alguma outra ave", mas fica escutando aquilo, assim como ao que está sendo dito. Mas quando você quer ouvir apenas o orador e resiste ao pássaro e ao ruído que ele está fazendo, você não ouvirá nem o pássaro nem o orador. E receio que seja isso o que fazem muitos de vocês quando ouvem falar sobre um problema complexo e profundo.

Muitos de nós jamais doaram a mente de forma total, completa. Vocês nunca empreenderam uma jornada de pensamento em direção ao seu final. Vocês nunca brincaram com uma idéia e observaram toda a sua implicação e foram além dela. Assim, será muito difícil se vocês não prestarem toda a sua atenção, se não escutarem facilmente, com prazer, com uma graça e jovialidade em que não existe restrição nem esforço. Para muitos de nós isto é muito difícil de fazer — escutar — porque estamos sempre a traduzir o que está sendo dito, e nunca *escutamos* o que está sendo dito.

Quero entrar nessa questão da morte como um fato, não a sua morte ou a minha, ou a de outro alguém — alguém de quem você gosta ou alguém de quem você não gosta —, mas a morte como um problema. Sabem, somos muito dominados pelas imagens, pelos símbolos; os símbolos têm para nós uma extraordinária importância, mais fatual do que a própria realidade. Quando falo sobre a morte, você de imediato pensa em alguém que perdeu, e isto o impedirá de encarar o fato. Irei abordá-lo de diversos ângulos, de diferentes maneiras — não apenas o que é a morte ou o que vem depois da morte. Estas são questões bastante imaturas. Quando se compreende tudo o que há de extraordinário implicado a morte, não se faz esta pergunta: o que vem depois? Precisamos considerar a maturidade. Uma mente madura jamais perguntará se existe uma vida depois ou se existe continuidade.

Precisamos compreender o que é o pensamento maduro, o que vem a ser a maturidade e o que é a idade. Muitos de nós sabem o que é a idade, porque envelhecemos, gostemos ou não. Idade não é maturidade. Maturidade não tem nada a ver com conhecimento. A idade pode conter conhecimento mas não maturidade. Mas a idade pode prosseguir com todo o conhecimento, com todas as tradições que adquiriu. A idade é um processo mecânico de um organismo que envelhece em constante utilização. Um corpo usado constantemente em lutas, no trabalho, na dor, no medo — um organismo que é dirigido — logo envelhece, tal como uma máquina. Mas um organismo que envelheceu não é uma mente madura. É preciso que compreendamos a diferença entre idade e maturidade.

Nascemos jovens, mas a velhice logo nos é trazida pela geração anterior, já envelhecida. A geração passada, que envelheceu no conhecimento, na decrepitude, na feiúra, impõe isto sobre a mocidade. Eles já são velhos em idade, e morrem. Isto se repete com todas as gerações presas à estrutura prévia da sociedade. E a sociedade não deseja um novo indivíduo, uma nova entidade; ela o quer respeitável, ela o molda, o forma e assim destrói o frescor e a inocência do jovem. Fazemos exatamente isso com todas as crianças, aqui e pelo mundo inteiro. E essas crianças, quando atingirem a fase adulta, estarão já com idade e jamais amadurecerão.

A maturidade é a destruição da sociedade, da estrutura psicológica da sociedade. A menos que você seja implacável consigo mesmo, e a menos que se liberte completamente da sociedade, você jamais amadurecerá. A estrutura social, a estrutura psicológica de cobiça, inveja, poder, posição, obediência — se você não estiver livre de todo esse psicologismo, então jamais amadurecerá. E você necessita de uma mente amadurecida. A mente que ao atingir a maturidade se vê só, a mente que não se deixa aleijar, que não se estraga, que não carrega fardos de qualquer natureza — apenas essa mente é madura.

E você precisa compreender isto: amadurecer não é uma questão de tempo. Se você enxerga claramente e sem nenhuma distorção a estrutura psicológica da sociedade na qual nasceu, cresceu e foi educado, então, no exato instante em que você a vê, você está fora dela. Portanto, a maturidade ocorre no instante e não no tempo. Não se

pode amadurecer gradualmente; a maturidade não é como um fruto de uma árvore. O fruto da árvore precisa de tempo, escuridão, ar fresco, sol, chuva; e neste processo ele se desenvolve, até ficar pronto para cair. Mas a maturidade não se desenvolve; a maturidade é no instante — ou você é maduro ou não é. Eis porque é tão importante ver psicologicamente como a sua mente está presa à estrutura da sociedade, sociedade que fez você respeitável, sociedade que fez com que você se conformasse, que o conduziu dentro do padrão de suas atividades.

Acredito que se possa enxergar plenamente, imediatamente, a natureza venenosa da sociedade, tal como se enxerga um vidro com o rótulo "veneno". Quando você o vê dessa maneira, você não o toca, pois sabe do seu perigo. Mas você ignora que a sociedade é perigosa, que não há nada de mais mortal para quem é maduro. Porque maturidade é aquele estado da mente que é completamente só; ao passo que esta estrutura social psicológica jamais o deixa a sós, mas está sempre a moldá-lo, consciente ou inconscientemente. A mente amadurecida é mente completamente só; por ter compreendido, ela se tornou livre. E essa liberdade surge num instante. Você não pode trabalhar para obtê-la, não pode buscá-la, não pode se disciplinar no intuito de atingi-la; e nisso reside e beleza da liberdade. A liberdade não é resultado do pensamento; o pensamento nunca é livre, não pode nunca ser livre.

Se compreendemos a natureza da maturidade, então podemos examinar o tempo e a continuidade. Para a maioria de nós, o tempo é uma realidade verdadeira. O tempo do relógio é uma realidade verdadeira — leva tempo para você ir à sua casa; leva tempo para adquirir sabedoria; leva tempo para aprender certas técnicas. Mas será que existe um outro tempo, além deste tempo? Existe o tempo psicológico? Construímos o tempo psicológico, o tempo coberto pela distância, pelo espaço, entre "eu" e o que desejo ser, entre "eu" e o que deveria ser, entre o passado que era "eu" através do presente que é o "eu" até o futuro que será o "eu". Assim o pensamento cria o tempo psicológico. Mas existe este tempo? Para averiguar por si mesmo, você precisa considerar a continuidade.

O que você entende pela palavra *continuidade*? E qual o significado interno desta palavra, tão freqüente nos nossos lábios? Sabe, se você pensar, por exemplo, no prazer que teve, e pensar de forma constante, dia após dia, a cada minuto, isso dá ao prazer passado uma continuidade. Se você pensa em algo doloroso, seja do passado ou do futuro, isto produz continuidade. É muito simples. Eu gosto de alguma coisa, e penso nela; o pensar nela estabelece um relacionamento entre o que foi, o pensamento que pensa nela e o fato de que eu gostaria de tê-la novamente. Por favor, isto é bastante simples se você se dedicar; não é nada complexo. Se você não compreender o que vem a ser continuidade, não entenderá o que vou dizer sobre a morte. É preciso entender o que eu disse, não como uma teoria ou uma crença, mas como uma realidade que você próprio vê.

Se você pensa o tempo todo na sua mulher, na sua casa, nos seus filhos, ou no seu trabalho, você estabeleceu uma continuidade, não foi? Se você tiver um problema, um medo, um sentimento de culpa, e se você pensa sempre nele, você terá estabelecido uma continuidade. E nossas mentes funcionam nessa continuidade; todo o nosso pensamento é esta continuidade. Você é psicologicamente violento, e pensa em deixar de ser violento, o ideal; assim, pensando em não ser violento, você estabeleceu a continuidade de ser violento. Por favor, é importante compreender isso. É muito simples, basta perceber esse mecanismo: o pensamento, pensar em algo confere-lhe continuidade, seja ela agradável ou desagradável, quer lhe traga dor ou alegria, quer seja do passado, quer seja algo que vai acontecer amanhã ou na semana que vem.

É, portanto, o pensamento que estabelece continuidade na ação — tal como ir para o escritório dia após dia, mês após mês, durante trinta anos, até que sua mente fique inerte. E você também estabelece uma continuidade com a sua família. Você diz: "É a *minha* família." Você pensa nela; tenta protegê-la e tenta construir uma estrutura, uma proteção psicológica para ela e em torno de você. E assim a família torna-se tremendamente importante, e você está destruído. A família destrói; ela é mortal por fazer parte da estrutura social que tolhe o indivíduo. Tendo estabelecido a continuidade, física e psicologicamente, o tempo torna-se muito importante — não o tempo do relógio

mas o tempo como meio de alcançar, tempo como meio de atingir psicologicamente, de ganhar, de ter êxito. Você não pode ter êxito, você não pode vencer, a menos que pense nisso, a não ser que entregue sua mente a isso. Assim, psicologicamente, interiormente, o desejo de continuidade é o instrumento do tempo, e o tempo gera o medo; e o pensamento como tempo teme a morte.

Se você, interiormente, não dispõe de tempo algum, então a morte o invade num instante; isso não é algo a ser temido. Isto é, se a cada minuto do dia o pensamento não dá continuidade seja ao prazer ou à dor, ao preenchimento ou à falta de preenchimento, ao insulto, ao elogio, a tudo aquilo a que o pensamento dá atenção, então há a morte a cada minuto. É preciso que se morra a cada minuto — não teoricamente. Eis porque é tão importante compreender este mecanismo do pensamento. O pensamento é meramente uma resposta, um reflexo do passado; ele não tem validade, como tem a árvore que você realmente vê.

Para compreender a extraordinária significação da morte — existe um significado para a morte sobre o qual falarei logo mais —, você precisa compreender esta questão da continuidade, perceber o que há de verdade nela, entender o mecanismo do pensamento que cria a continuidade.

Gosto do seu rosto; penso nele e estabeleci um relacionamento de continuidade com você. Não gosto de você; penso nisso e o demonstro. Mas se você não pensar no que lhe dá prazer ou provoca dor, ou no amanhã, ou no que você vai conquistar — se vai ter êxito, se vai conquistar fama, notoriedade, e todo o resto — se você não pensa em absoluto na sua virtude, na sua respeitabilidade, no que os outros dizem ou não dizem, se você é total e completamente indiferente, então não existe continuidade.

Mas não sei se você é realmente indiferente a tudo. Não me refiro a se tornar acostumado às situações. Você se acostumou à feiúra de Bombaim, ao cheiro das ruas, à maneira como vive. Você se acostumou a tudo isso; mas isto não implica que você seja indiferente. Se se acostumar, se criar o hábito, embrutecerá a mente, tornará a mente insensível. Mas, ser indiferente é algo completamente distinto. A indiferença surge quando você nega, invalida um hábito. Quando

você vê a feiúra e se dá conta dela, quando vê o céu azul ao entardecer e se dá conta dele, nem desejando nem negando, nem aceitando nem repelindo, jamais fechando a porta para nada e, assim, sendo completa e interiormente sensível a tudo o que o cerca, então disto brota uma indiferença que tem força extraordinária. E o que é forte é vulnerável, porque não existe nenhuma resistência. Mas a mente que se limita a resistir, ela deixa-se prender pelo hábito, e portanto é tola, embrutecida e insensível.

A mente que é indiferente está ciente da péssima qualidade da nossa civilização, do nosso pensamento, da feiúra dos relacionamentos; tem plena consciência da rua, da beleza de uma árvore, ou de uma bela face, de um sorriso; e ela nem nega nem aceita, apenas observa — não intelectualmente, não friamente, mas com aquela indiferença calorosa e afetuosa. Observação não é desapego, porque não existe apego. Apenas quando a mente está apegada — à sua casa, à família, a algum trabalho — é que se pode falar em desapego. Mas, sabem, quando se é indiferente, existe uma doçura nisso, existe um perfume nisso, existe, nisso, uma qualidade de tremenda energia. (Este pode não ser o significado desta palavra no dicionário). É preciso ser indiferente — à saúde, à solidão, ao que as pessoas dizem ou deixam de dizer —, indiferente ao fato de se ter ou não ter êxito, indiferente à autoridade.

Se você ouvir alguém dando um tiro, fazendo muito barulho com uma arma, você poderá facilmente se acostumar com isso, e poderá se fazer de surdo; isto não é indiferença. A indiferença vem do fato de você ouvir esse barulho sem resistência, caminhar com esse barulho, cavalgar infinitamente nesse barulho. Então esse barulho não o afetará, não o perverterá, não o tornará indiferente. Então você ouve cada barulho do mundo — o barulho dos seus filhos, da sua mulher, dos pássaros, o ruído que fazem os políticos com toda a sua conversa — você ouve completamente tudo isso com indiferença e portanto com compreensão.

A mente que pretende compreender o tempo e a continuidade deve ser indiferente ao tempo e não procurar preencher o espaço que você chama de tempo com divertimentos, com adorações, com ruídos, com leituras, indo ao cinema, ou com quaisquer que sejam os meios

que você esteja usando agora. E preenchendo tempo com pensamento, com ação, com divertimentos, com excitações, com bebidas, com mulheres, com homens, com Deus, com sua sabedoria, você lhe deu continuidade, e assim jamais saberá o que é morrer.

Você percebe; morte é destruição. É o final; você não pode discutir com ela. Você não pode lhe dizer: "Não, espere alguns dias mais." Você não pode discutir, não pode implorar; ela é o final, é absoluta. Jamais encaramos algo final, absoluto. Sempre damos a volta, e eis porque tememos a morte. Podemos inventar idéias, esperanças, medos, e ter crenças tais como "iremos passar pela ressurreição, vamos nascer de novo" — estas são todas as formas ardilosas da mente, ansiando por continuidade, que é do tempo, que não é um fato, que é meramente do pensamento. Sabem, quando falo da morte, não estou falando da sua morte ou da minha — estou falando de *morte*, esse fenômeno extraordinário.

Para você, um rio significa o rio com o qual você está familiarizado, o Ganges, ou aquele que passa por sua aldeia. De imediato, assim que a palavra *rio* é mencionada, a imagem de um rio em particular surge na sua mente. Mas você jamais conhecerá a verdadeira natureza de todos os rios, o que vem a ser um rio verdadeiro, se o símbolo de um rio determinado surgir em sua mente. O rio é a água espumante, as margens magníficas, as árvores nas margens — não um determinado rio, mas a qualidade de rio de todos os rios, a beleza de todos os rios, as curvas sinuosas de cada córrego, cada queda-d'água. O homem que enxerga apenas um determinado rio tem uma mente mesquinha e superficial. Mas a mente que vê o rio como movimento, como água — não de um determinado país, não de uma determinada aldeia, mas sua beleza —, esta mente está fora do particular.

Se você pensa numa montanha, sendo natural da Índia e tendo sido criado com todos os chamados livros religiosos e todo o resto, você provavelmente visualizará o Himalaia. Para você, montanha significa Himalaia. Assim, você de imediato tem uma imagem dele, mas a montanha não é o Himalaia. A montanha não pertence a país algum, é aquela altura no céu azul, coberta de branco, formada pelos ventos e pelos terremotos.

A mente que pensa amplamente nas montanhas ou nos rios, não os vinculando a países, essa mente não é mesquinha, não é tomada da pequeneza. Se você pensa numa família, pensa logo na *sua* família, e assim a família torna-se algo morto. E você não pode nunca discutir amplamente o assunto de uma família em geral porque você está sempre se referindo, pela continuidade do pensamento, àquela família em particular à qual você pertence.

Assim, quando falamos da morte, não estamos falando da sua morte ou da minha. Não importa muito, na realidade, se você ou eu morramos; iremos morrer, cheios de felicidade ou em desgraça — morrer feliz por ter vivido plenamente, completamente, com todos os sentidos, com todo o seu ser, plenamente vivo, em plena saúde, ou morrer miseravelmente, como uma pessoa aleijada pela idade, frustrada, cheia de dor, jamais tendo conhecido um dia de felicidade ou de riqueza, jamais tendo tido um momento no qual tenha presenciado o sublime. Assim, estou falando da Morte, não da morte de uma determinada pessoa.

A morte é o fim. E do que temos medo, do que estamos apavorados, é do final — o final do seu trabalho, o ir embora, o deixar de lado, o fim da sua família, da pessoa a quem você pensa que ama, o final de tudo aquilo em que você pensou continuamente durante anos. Você teme é o fim. Não sei se você já pensou de forma deliberada, consciente e proposital, em terminar algo — seu hábito de fumar, de beber, de ir à igreja, seu desejo de poder —, terminar completamente, no mesmo instante, tal qual um cirurgião que extrai um câncer. Alguma vez já tentou cortar aquilo que lhe é mais prazeroso? É fácil cortar o que é doloroso, mas não é nada fácil cortar deliberadamente, com precisão cirúrgica e compadecida, o que lhe dá prazer, sem saber o que irá acontecer no instante seguinte ao corte. Se cortar sabendo o que vai acontecer, então você não está operando. Se o fez, saberá o que é morrer.

Se você já cortou tudo ao seu redor — cada raiz psicológica, esperança, desespero, culpa, ansiedade, sucesso, apego —, então desta operação, deste negar de toda a estrutura da sociedade, deste desconhecimento do que vai acontecer com você quando estiver operando completamente, deste negar total advém a energia para encarar aquilo

a que chamamos de morte. O próprio morrer para tudo aquilo que você conheceu — o cortar deliberadamente tudo o que conheceu — é morrer. Tente isso a qualquer hora — não como um ato consciente, deliberado e virtuoso para descobrir —, apenas tente, brinque com isso; pois você aprende mais com o jogo do que com um esforço consciente e deliberado. Quando você assim negar, você terá destruído. E precisa destruir, pois seguramente é da destruição que surgirá a mente purificada e sem nódoas.

Não há nada psicológico construído pela geração passada que seja digno de ser mantido. Examine a sociedade, o mundo que a geração passada criou. Se alguém tentasse fazer o mundo mais confuso, mais miserável, não o poderia fazer. Você precisa varrer tudo isso instantaneamente, jogar tudo na lixeira. E para cortar fora tudo isso, para varrer tudo, para destruir tudo você precisa compreender e precisa de algo ainda mais do que a compreensão. Uma parte dessa compreensão é a compaixão.

Percebem, nós não amamos. O amor surge apenas quando não há nada, quando você negou o mundo todo — não esta enormidade chamada "mundo", mas o seu mundo, o pequeno mundo no qual você vive —, a família, o apego, as brigas, a dominação, o seu sucesso, as suas esperanças, as suas culpas, as suas obediências, os seus deuses e os seus mitos. Quando você nega todo esse mundo, quando absolutamente nada houver restado, nem deuses, nem esperanças, nem desesperos, quando não mais houver busca, então deste grande vazio surgirá o amor, que é uma extraordinária realidade, que é um fato extraordinário não conjurado pela mente, que tem continuidade com a família através do sexo, através do desejo.

E se você não tiver amor — que é realmente o desconhecido —, faça o que fizer, o mundo continuará sendo um caos. Apenas quando você nega totalmente o conhecido — aquilo que você sabe, suas experiências, seu conhecimento, não o conhecimento tecnológico mas o conhecimento das suas ambições, das suas experiências, da sua família —, quando você nega completamente o conhecido, quando você o varre para longe, quando morre para tudo isso, você verá que existe um extraordinário vazio, um espaço extraordinário na mente.

E apenas esse espaço pode saber o que é o amor. E apenas nesse espaço existe criação — não a criação de crianças ou de colocar uma pintura numa tela, mas aquela criação que é energia total, o incognoscível. Mas, para atingir isto, você precisa morrer para tudo o que conheceu. E neste morrer há grande beleza, há uma inesgotável energia de vida.

Londres, 12 de Junho de 1962

Eu gostaria de falar do tempo e da morte, e também daquilo a que damos o nome de amor.

Não estamos lidando com idéias. Idéias são pensamentos organizados, e os pensamentos não solucionam os nossos problemas mais profundos e psicológicos. O que realmente dissolve os nossos problemas é fazer frente a eles, não através da tela do pensamento, mas pelo entrar direta e vividamente em contato com eles, enxergando-os de verdade e sentindo o fato. Se posso usar a palavra, é preciso que eu esteja *emocionalmente* — não sentimentalmente mas emocionalmente — em contato com o fato. Se nos apoiarmos exclusivamente no pensamento, não importa quanto ele seja esclarecido, bem-organizado, sadio, racional e lógico, nossos problemas psicológicos jamais serão resolvidos. Porque é o pensamento que cria todos os nossos problemas. Aquele que se dispuser a examinar detidamente esta questão da morte e não fugir dela, deverá descobrir por si mesmo como o pensamento cria o tempo, e como o pensamento nos impede de compreender o sentido, a significação e a profundidade da morte.

A maioria de nós teme a morte, e tentamos escapar desse medo pela racionalização da morte ou por meio de diferentes crenças, racionais ou irracionais, mais uma vez produzidas pelo pensamento. Entrar nesta questão da morte exige, segundo penso, que a mente seja, não apenas lógica e sadia, mas que ela seja também capaz de olhar diretamente o fato, para ver a morte como ela é e não ser dominada pelo medo.

Para compreender o medo, precisamos compreender o tempo. Não me refiro ao tempo do relógio, o tempo cronológico. Isto é bas-

tante simples; isto é mecânico; não há muito o que entender. Falo sobre o tempo psicológico: o olhar para trás vendo dias e dias passados, tudo aquilo que conhecemos, sentimos, apreciamos, reunimos e armazenamos em nossa memória. A recordação do passado molda o nosso presente, que por sua vez se projeta no futuro. Todo esse processo constitui o tempo psicológico, ao qual o pensamento está preso. O pensamento é o resultado do ontem que passa pelo hoje em direção ao amanhã. O pensamento do futuro é condicionado pelo presente, que por sua vez é condicionado pelo passado.

O passado é composto de tudo aquilo que a mente consciente aprendeu na escola, os trabalhos que executou, o conhecimento tecnológico que acumulou, e assim por diante, sendo que tudo isso faz parte do processo mecânico de recordar; mas também é feito de conhecimento psicológico, das situações que se viveu e guardou, das recordações que estão ocultas profundamente no inconsciente. A maioria de nós não dispõe de tempo para investigar o inconsciente; estamos muito ocupados, empenhados nas nossas atividades diárias; então o inconsciente dá diversos sinais e intimações na forma de sonhos, e estes sonhos então requerem interpretação.

Tudo isso, tanto os processos conscientes como os inconscientes, é tempo psicológico — tempo entendido como conhecimento, experiência, distância entre o "o que é" e o que "deveria ser", tempo entendido como meio de atingir, de obter êxito, de satisfazer, de se tornar. A mente consciente é moldada pelo inconsciente, e é muito difícil entender os motivos ocultos, as razões e compulsões do inconsciente, porque não descobrimos o caminho para o nosso inconsciente por meio de um esforço consciente. Ele deve ser abordado de maneira negativa, não pelo processo positivo de análise. O analista está condicionado pelas suas recordações, e sua abordagem positiva ao que ele não conhece e do que não está totalmente ciente é de muito pouca significação.

Da mesma forma, é preciso abordar a morte negativamente, porque não sabemos o que ela é. Já vimos outros morrerem. Sabemos que existe a morte por doença, velhice e decadência, morte por acidente e morte intencional, mas não sabemos realmente o que seja morrer. Podemos racionalizar a morte. Vendo a velhice chegar para

nós — a senilidade gradual, a perda de memória, e assim por diante —, podemos dizer: "Bem, a vida é um processo de nascer, crescer e decair, e o término do mecanismo físico é inevitável." Mas isso não traz o profundo conhecimento do que seja a morte.

Assim como a vida, a morte deve ser algo extraordinário. A vida é uma totalidade. Sofrimento, dor, angústia, alegria, idéias absurdas, bens, inveja, amor, o sofrimento atroz da solidão — tudo isso é vida. E para compreender a morte, precisamos compreender o todo da vida; não tomar apenas um de seus fragmentos e viver com esse fragmento, como a maioria de nós faz. Na própria compreensão da vida está a compreensão da morte, pois as duas não são separadas.

Não estamos lidando com idéias ou crenças, porque elas não solucionam nada. O homem que pretende conhecer o significado de morrer, que realmente pretende experimentar e conhecer o pleno significado disso, deve ter ciência da morte na vida; ou seja, ele deve morrer a cada dia. Fisicamente não se pode morrer a cada dia, embora haja uma mudança fisiológica ocorrendo a cada momento. Refiro-me ao morrer psicológico, interior. Tudo aquilo que armazenamos, como experiência, conhecimento, os prazeres e as dores que conhecemos — morrer para tudo isso.

Mas, vejam, a maioria de nós não quer morrer, pois está contente com a própria vida. E nossa vida é muito feia; ela é má, invejosa, uma luta constante. Nossa vida é uma desgraça, com lampejos ocasionais de alegria, que logo se tornam apenas recordações, e nossa morte é também uma desgraça. Mas morrer realmente é morrer psicologicamente para tudo aquilo que conhecemos — o que significa ser capaz de enfrentar o amanhã sem saber o que é o amanhã. Isto não é uma teoria ou uma crença fantasiosa. A maioria das pessoas tem medo da morte e, por isso, acredita na reencarnação, em ressurreição, ou se aferra a outro tipo de crença. Mas o homem que realmente quer saber o que é a morte não está preocupado com crenças. Simplesmente acreditar é imaturo. Para descobrir o que é a morte, você precisa aprender a morrer psicologicamente.

Não sei se alguma vez tentaram morrer para algo que lhes é muito próximo e lhes dá imenso prazer — morrer para isso, não com a

razão, não com a convicção ou com um motivo, mas simplesmente morrer para isso como uma folha que cai de uma árvore. Se puder morrer dessa forma a cada dia, a cada minuto, então você conhecerá o fim do tempo psicológico. E me parece que, para a mente madura, para a mente realmente disposta a investigar, a morte neste sentido é muito importante. Porque investigar não é buscar com um motivo. Você não pode descobrir o que é verdadeiro se tem um motivo, ou se está condicionado por uma crença ou por um dogma. Você precisa morrer para tudo isso — morrer para a sociedade, para a religião organizada, para as diversas formas de segurança às quais a mente se aferra.

Crenças e dogmas oferecem segurança psicológica. Vemos que o mundo está uma confusão; existe a confusão universal, e tudo está mudando depressa. Vendo tudo isso, queremos algo que seja duradouro, permanente, e assim nos apegamos a uma crença, a um ideal, a um dogma, a alguma forma de segurança psicológica; e isto nos impede de realmente enxergar o que é verdadeiro.

Para descobrir algo novo, você precisa abordá-lo com a mente inocente, uma mente que seja jovem, fresca, não contaminada pela sociedade. A sociedade é a estrutura psicológica da inveja, da cobiça, da ambição, do poder, do prestígio; e para descobrir o que é verdadeiro é preciso morrer para toda essa estrutura, não teórica ou abstratamente, mas morrer realmente para a inveja, para a busca "do mais". Enquanto houver a busca "do mais" de qualquer forma, não pode haver compreensão da enorme implicação da morte. Todos nós sabemos que mais cedo ou mais tarde morreremos fisicamente, que o tempo está passando, e que a morte irá nos pegar e, tendo medo, inventamos teorias, reunimos idéias a respeito da morte, criamos racionalizações. Mas isso não é compreender a morte.

Não se pode argumentar com a morte física; você não pode pedir para a morte esperar mais um dia. Ela é absolutamente final. E não será possível morrer para a inveja da mesma forma, sem argumentações, sem perguntar o que acontecerá a você amanhã se morrer para a inveja ou para a ambição? Isto significa, na realidade, compreender todo o processo do tempo psicológico.

Estamos sempre pensando em termos de futuro, planejando psicologicamente para o amanhã. Não estou falando do planejar da vida prática; este é um assunto completamente diferente. Mas, psicologicamente, queremos ser alguém amanhã. A mente esperta persegue o que ela foi e o que será, e nossas vidas são construídas nesta busca. Somos o resultado das nossas recordações, sendo a memória o tempo psicológico. E será possível, sem esforço, facilmente, morrer para todo este processo?

Todos vocês querem morrer para tudo o que é doloroso, e isso é relativamente fácil. Mas estou me referindo a morrer para o que lhe dá grande prazer, uma grande sensação de riqueza interior. Se você morrer para a lembrança de uma experiência estimulante, para suas visões, para suas esperanças e satisfações, então você estará se defrontando com uma extraordinária sensação de solidão, e não terá nada em que se apoiar. As igrejas, os livros, os professores, os sistemas filosóficos — você não poderá confiar mais em nenhum deles, o que na verdade não importa, porque se você confiar em qualquer deles, então estará ainda com medo, estará ainda com inveja, cobiçando, ambicioso, buscando poder.

Infelizmente, quando não confiamos em nada, geralmente nos tornamos amargos, cínicos, superficiais, e então passamos a viver no dia-a-dia, dizendo que isso é o bastante. Mas não importa quão esperta ou filosófica seja a mente, isso conduz a uma vida muito superficial e mesquinha.

Não sei se alguma vez tentaram ou experimentaram isto: morrer sem esforço para tudo o que vocês conhecem, não superficialmente, mas verdadeiramente, sem perguntar o que vai acontecer amanhã. Se puderem fazer isso, chegarão a uma extraordinária sensação de solidão, a um estado de vazio em que não há o amanhã — e se vocês atravessarem isso, não haverá um desespero árido. Muito pelo contrário!

Afinal de contas, a maioria de nós é terrivelmente solitária. Você pode ter uma ocupação interessante, pode ter família e muito dinheiro, pode ter o amplo conhecimento de uma mente cultivada; mas se você colocar tudo isto de lado quando estiver só consigo mesmo, conhecerá esta extraordinária sensação de solidão.

Mas, vejam, neste exato momento nos tornamos muito amedrontados. Nós nunca enfrentamos esta solidão; nunca passamos por este vazio para descobrir o que ele é. Ligamos o rádio, lemos um livro, conversamos com amigos, vamos à igreja, ao cinema, bebemos — e tudo isso está no mesmo nível, pois tudo isso oferece uma fuga. Deus é uma força agradável, assim como a bebida. Quando a mente está buscando uma fuga, não há muita diferença entre Deus e a bebida. Sociologicamente, talvez, a bebida não seja boa, mas fugir através de Deus tem também os seus inconvenientes.

Assim, para compreender a morte, não verbal ou teoricamente, mas realmente experimentá-la, é preciso morrer para o ontem, para todas as lembranças, as feridas psicológicas, os elogios, os insultos, a mesquinhez, a inveja — é preciso morrer para tudo isso, o que significa morrer para si mesmo. Porque tudo isso é o indivíduo. E então você descobrirá, se tiver chegado até aqui, que existe uma solitude que não é solidão. Solidão e solitude são muito diferentes. Mas você não pode atingir a solitude sem passar a compreender o estado de solidão no qual os relacionamentos não significam absolutamente mais nada. Seu relacionamento com a sua mulher, com o seu marido, com o seu filho, a sua filha, os seus amigos, o seu trabalho — nenhum desses relacionamentos tem mais qualquer significado quando você está em completa solidão. Estou certo de que alguns de vocês já experimentaram esse estado. E quando puderem passar por ele e ir além dele, quando não mais estiverem atemorizados pela palavra *solidão*, quando tiverem morrido para tudo aquilo que conheceram, e a sociedade tiver deixado de exercer influência sobre vocês, então conhecerão o outro. A sociedade só influencia você enquanto você pertence a ela psicologicamente. A sociedade não pode exercer nenhum tipo de influência sobre você a partir do momento em que você rompe os laços que o prendem a ela. A partir daí você está livre das garras da moralidade social e da respeitabilidade. Mas, passar por esta solidão sem fugir, sem verbalizar, o que significa estar completamente com ela, requer grande dose de energia. Você precisa de energia para viver com o que é feio e não deixar que ele o corrompa, assim como você necessita de energia para viver com

o que é bonito e não se habituar a ele. Essa energia não contaminada é a solitude à qual você deve chegar.

E dessa negação, desse vazio total, surge a criação.

Seguramente, toda criação tem lugar no vazio e não quando sua mente está cheia. A morte só tem sentido quando você morrer para todas as suas vaidades, superficialidades, para todas as suas incontáveis recordações. Então existe algo que está além do tempo, algo a que você não pode chegar se tiver medo, se se entregar a crenças, se for tomado pelo sofrimento.

Nova Delhi, 6 de Novembro de 1963

Para abordar todo o problema da morte, não de forma teórica mas fatualmente, você precisa de humildade. Estou usando a palavra *humildade*, não como uma virtude que é cultivada pelo orgulhoso ou pelo vão, mas como o estado natural da mente que surge quando você está investigando realmente e querendo realmente descobrir por sua própria conta. Porque a virtude não cresce dentro dos limites do tempo. É uma flor que se torna realidade involuntariamente. Não é preciso procurar pela virtude ou cultivá-la. Se o fizer, ela deixará de ser virtude. Para enxergar a verdade segundo a qual cultivar a virtude não é mais virtude, exige que a mente esteja num estado de humildade, porque sem humildade você não pode aprender. Uso aqui a palavra *aprender*, não no sentido de acumulação, que é conhecimento. Estamos usando a palavra *aprendizagem* no sentido da mente que não está procurando, que não está buscando um fim com um motivo; isto é muito frágil, rápido, é capaz de ver o que é verdadeiro imediatamente. E para fazer isso você precisa da extraordinária humildade que carrega em si mesma aquela qualidade peculiar de austeridade de observação. Austeridade, tal como a conhecemos, é desagradável e brutal; ela se torna estreita, intolerante, opinosa, dogmática — mas isso não é austeridade. Usamos aqui a palavra *austeridade* no sentido de que a mente que observou, que enxergou o que é verdadeiro, está, exatamente em função dessa observação, num estado de liberdade do qual resulta a disciplina que é austera.

Deve existir essa austeridade com humildade, e nesse nível iremos nos comunicar uns com os outros. Você não irá aprender nada com o orador. Se o fizer, o orador se transformará em autoridade. Portanto, você deixa de ser realmente um observador — uma pessoa que está procurando com avidez descobrir o que é verdadeiro e colocar de lado o que é falso; você se transformará num mero seguidor, e um seguidor não pode jamais descobrir o que é verdade. A verdade deve ser descoberta a cada novo momento, e você precisa descobri-la — e não se limitar a seguir a descrição verbal. Você precisa descobri-la com todo o seu ser, e para descobri-la você precisa de humildade.

Dentre tudo o que se observa no mundo e em si mesmo, está aquele peculiar estado da mente constantemente declinando e se deteriorando. Não sei se já observaram por si mesmos a própria mente, não na teoria, não em termos de uma fórmula ou em termos de sucesso e não-sucesso, mas com a qualidade da mente que pode sustentar a eficiência, a clareza, a capacidade de observar o que é verdade, sem opinião, sem um pensamento. Quando se observa, não apenas a mente dos outros, mas também a própria mente, descobre-se que há um ligeiro declínio, não porque se tenha atingido um cume a partir do qual se começa a declinar; descobre-se que não se tem a agudeza, a clareza, a energia e a precisão necessária para a observação, para uma observação arrazoada, sem nenhum tipo de sentimentalismo. A maioria de nós é dura, estabelecida em crenças, confortadoras, com um trabalho, uma família para manter, e vivemos na escuridão da segurança. Quando se começa a observar por si mesmo a própria mente, percebe-se como, à medida que se cresce, à medida que o organismo físico amadurece, gradativamente ela começa a declinar. Nós aceitamos essa desintegração, essa deterioração, e não nos damos conta. E quando nos damos conta disso, isso se torna um tremendo conflito: como manter a mente que está se tornando pior, que está declinando? Provavelmente, nós nunca nos perguntamos se a mente precisa mesmo declinar. Provavelmente, nunca descobrimos por nós mesmos, por não nos fazermos esta pergunta, se é possível interromper esse declínio, essa deterioração.

Afinal de contas, o declínio da mente, a piora da sensibilidade, a aspereza de toda a nossa observação — isso é verdadeiramente a morte, não é? Assim, não devemos descobrir por nós mesmos se é possível a qualquer tempo fortalecer uma qualidade da mente que não experimente declínio? Quando uso a palavra *mente*, incluo nela o cérebro — a totalidade — não apenas a capacidade de adquirir determinada técnica e de fazer funcionar essa técnica pelo resto da sua vida e depois morrer. Emprego a palavra *mente* no sentido, não apenas da mente consciente, mas também da mente inconsciente, na qual o cérebro está incluído — o cérebro com todas as suas reações, o cérebro que pensa, que age, que se irrita, que reage a todos os estímulos nervosos. E nós observamos, à medida que envelhecemos, que isso começa a declinar. Observem os velhos; observem todos os velhos políticos; observem como até mesmo os jovens querem cair na trilha de um determinado pensamento e passar a correr ao longo desse sulco.

Assim, parece-nos ser bastante importante descobrir por nós mesmos se é possível manter essa clareza de observação de maneira real e não teoricamente — realmente no sentido da vida presente, do presente ativo. Uso a palavra *presente*, não com o sentido de tempo, como amanhã ou ontem ou agora. O presente ativo está sempre presente; ele não tem amanhã ou ontem. Você não deve ter a idéia de que vai ter esta energia ativa e vital amanhã; você deve se dar conta do presente ativo com toda a sua capacidade, não apenas a capacidade tecnológica, mas com todas as suas potencialidades estéticas, com todas as suas afeições, seus sofrimentos, suas dores, as frustrações, as ambições, as falhas e a agonia desesperançada. Será possível perceber tudo isso e manter a clareza da observação e a pureza da investigação? Se isso não for possível, qualquer ação que façamos não terá sentido vital. Ela se torna mecânica.

Por favor, observem com a própria mente. Vocês não estão ouvindo o orador. Não se deixem tomar pelas palavras do orador. Ele está apenas descrevendo, e a descrição não é o fato. A palavra não é a coisa; a palavra *árvore* não é o fato, que é a árvore. Se vocês realmente observarem a árvore, a palavra terá pouca importância.

Estamos fazendo uma pergunta fundamental, e vocês precisam procurar e descobrir a verdade dela. A pergunta é: Pode a mente jamais perder sua clareza, sua capacidade de raciocinar — não de acordo com certo preconceito, não segundo certa moda ou opinião ou conhecimento — e se manter num estado saudável, sem quaisquer cantos escuros, inexplorados e apodrecidos? Será possível? Para descobrir isso, é preciso ter consciência das causas desse declínio. Vejam bem: estamos usando a palavra *causa* apenas para indicar a origem do fato de a mente se embotar. Apenas descobrir esta causa não o fará libertar a mente. Você pode descobrir as causas da sua doença, mas precisa fazer algo a respeito, precisa ir a um médico, talvez precise se submeter a alguma operação; você precisa agir. Mas muitos de nós acreditam que simplesmente descobrindo as causas nós solucionamos todo o problema. E assim a repetição prossegue. A repetição é um dos fatores da deterioração — o processo repetitivo, a formação de hábitos e o viver nestes hábitos. Assim, a descoberta dessas causas não irá libertar a mente do fator de deterioração.

Um dos principais fatores de deterioração é a imitação, imitação psicológica — não o colocar uma camisa ou um paletó, ou ir para o escritório, ou aprender determinada técnica, que você repete; isto é muito superficial. É o mecanismo formador de hábitos da mente que, em estados psicológicos, funciona em crenças, em dogmas, em opiniões.

Se você observar, verá como a sua mente funciona pelo hábito. Ela funciona pelo hábito porque está essencialmente temerosa de não estar segura. Sendo assim, um dos fatores reais de deterioração é o medo, medo psicológico, não o medo natural e normal de ser picado por uma cobra e, portanto, se proteger — isto é assunto diferente.

Você sabe, uma das nossas dificuldades é que estamos sempre satisfeitos com as respostas óbvias, e assim sempre fazemos as perguntas óbvias. Considere o problema da simplicidade — "ser simples". Nossa resposta imediata, que é bastante óbvia, corriqueira e banal, é: você deve possuir apenas duas mudas de roupa e fazer apenas uma refeição. Então você deverá ser considerado bastante simples. Isso não é simplicidade em absoluto — isso beira o exibicionismo e a aceitação tradicional do que seja ser simples. Mas a sim-

plicidade é algo completamente diferente. Ser simples significa ter uma mente clara, sem conflitos, sem ambição, uma mente realmente incorruptível pelos seus próprios desejos. Mas nós nos satisfazemos com muita facilidade com o óbvio. Dizemos que um homem é santo porque ele leva uma vida bastante simples, faz uma refeição por dia e só tem duas roupas; e acreditamos ter resolvido o problema da simplicidade. Ele pode estar levando uma vida infernal intimamente. Um homem em conflito, não importa quão santo ele seja, não é um homem simples, nem é um homem religioso.

Ao tentar descobrir quais são os fatores da degeneração, o indivíduo não deve se contentar com as perguntas e respostas óbvias. É preciso empurrá-las para longe e ir além delas, escarafunchar para achar a verdade do assunto, e isso demanda energia. E essa energia só pode surgir quando você não está realmente preocupado com o que possa suceder à sua vida particular quando você é simples. Para descobrir os fatores de deterioração, você precisa investigar; precisa fazer a pergunta fundamental, que é: pode a mente viver sem hábitos, sem se ajustar? Isso representa toda a investigação sobre a autoridade, não apenas a autoridade imposta, mas também a autoridade das próprias experiências, do seu conhecimento, sabedoria, visões, e tudo o mais. Assim, começa-se a perceber que existe a deterioração enquanto houver conflito de qualquer natureza, em qualquer nível, consciente ou inconscientemente. E a maior parte de nossas vidas é um conflito odioso, sem nenhuma solução, sem nenhum resultado — um conflito interminável.

A questão então é saber se o hábito, o conflito e a imitação podem ter fim, não lá na frente, não quando você morrer, mas agora, no presente ativo. Por imitação entendo, não a imitação superficial, mas a psicológica, imitação profundamente arraigada que se denomina um método, que se ajusta a uma disciplina, a um padrão — o modelo hindu, o modelo americano, o modelo russo ou o modelo católico, e assim por diante. A imitação surge apenas quando existe essa necessidade imperiosa, essa busca por uma segurança confortadora — segurança psicológica. Nós buscamos segurança psicológica interiormente, e portanto não existe segurança exterior para qualquer um

de nós. Se você pensar bem sobre isso, descobrirá a verdade que há nisso.

O desejo de estar em segurança traz consigo o medo: medo de viver e medo de morrer. O medo não é uma abstração. Ele está realmente ali como a sua sombra. A cada minuto do dia, ele está ali — medo do patrão, medo da mulher, medo do marido, medo de perder. E nós tentamos viver com esse medo. E assim nós não sabemos o que seja viver. Como pode viver uma mente que está com medo? Ela pode construir uma proteção; pode se aquecer; pode se isolar; pode seguir um padrão, uma ilusão religiosa, uma ficção; pode viver com tudo isso, mas isso não é viver. E esse medo transforma a morte em algo muito distante. Nós colocamos o medo muitos anos adiante de nós, uma grande distância entre o fato e a ilusão criada pelo medo e que nós chamamos de viver. Assim, nossa vida não é rica nem plena — não me refiro à plenitude de conhecimento, à erudição, ou a ler o livro mais recente e falar incessantemente sobre ele. Entendo "vida rica" neste sentido: ela compreende, é clara, aguda, desperta, viva, cheia de energia e eficiente nas suas observações e disciplina; dessa forma, ela pode ver uma árvore e apreciar a árvore, olhar para as estrelas, olhar para as pessoas sem inveja. Uma vida assim, portanto, não é uma vida de ambição, de cobiça e de adoração do sucesso.

Por favor, senhores, o orador quer dizer exatamente aquilo que está dizendo. Estas não são palavras que vocês apenas ouvem, para depois retornar às suas vidas antigas. Estamos falando de algo muito, muito sério. É preciso que haja uma nova geração, novas pessoas, novas mentes; não as antigas mentes inermes, com seus medos, com sua corrupção, com suas nacionalidades, com seus pequenos governos mesquinhos. Um novo ser humano deve tornar-se realidade para solucionar este imenso problema do viver, e ninguém irá criar esse ser humano a não ser eu e você. E você precisa fazer isto — não em alguma futura geração, mas de imediato —, o que significa que é preciso se dar conta da urgência da situação. Sabem, quando se percebe a urgência de algo que precisa ser feito imediatamente, todas as suas energias, todas as suas capacidades, toda a sua eficiência vem à tona. Você não precisa cultivá-las; elas estão ali presentes

quando você se dá conta de que algo é muito urgente — tal como a urgência de se estar faminto — e então você age.

Não sabemos o que seja viver, assim como não sabemos o que seja morrer. Aquilo que vocês chamam "viver" é uma tortura com prazeres ocasionais, que são sensações — a de estar bem alimentado, fazer uma bela refeição, sexo, dirigir um belo carro ou querer dirigir um belo carro ou ter inveja daqueles que estão dirigindo um belo carro, e assim por diante. Esta é a nossa vida. Por favor, observem a vocês mesmos, e verão como a vida ficou feia e brutal, sem amor, sem qualquer beleza, sem afeto. Esta é a nossa vida, e nós nos satisfazemos com ela. E nós a aceitamos sem reclamar. Não dizemos: "Vou abrir caminho e descobrir." Nós intentamos todo tipo de justificativas espúrias e falsas.

Para viver plena e completamente, você não pode possivelmente ter um ideal e viver nesse ideal. O ideal não tem significado; é uma ficção. O que é fato é o seu trabalho diário, suas ansiedades diárias, suas esperanças, temores. Isso é o real, e com isso nós nos acostumamos; com a recordação das nossas torturas, das nossas esperanças, medos, ambições, nos pomos a olhar a morte, que está bem distante. Então o que acontece? Temos medo da morte e temos medo da vida.

Descobrir o que é a morte exige uma mente que tenha medo. Não sei se observaram os pilotos — aqueles que voam em aeronaves extraordinárias que alcançam mais de mil milhas por hora —, como eles são mais treinados do que todos os iogues reunidos. Eles têm de enfrentar a morte e, portanto, sua reação precisa ser instantânea, inconsciente. Eles são treinados por anos a fio para enfrentar a morte; para sobreviver, eles precisam responder imediatamente a todos os instrumentos, a todas as ordens. Este é um dos meios de não se ter medo da morte — ou seja, adestrar-se tão completamente, ser tão desprovido de vontade que você morre sob as ordens de outra pessoa pelo seu país e por todas essas outras bobagens. Depois, há a morte por suicídio: isto é, você enfrenta a vida e a vida não tem significado algum; você chegou ao limite de tudo e pula de uma ponte ou toma pílulas. E há também a outra forma, a assim chamada maneira religiosa: você tem crenças extraordinárias na reencarnação, na ressurreição, e racionaliza a morte, porque irá viver o mesmo tipo de vida

odiosa na próxima vida — com torturas, agonia, desespero, com mentiras, com hipocrisia; e você está satisfeito com estas crenças porque temporariamente elas o confortam; elas escondem o seu medo.

Mas todos esses modos de morrer são bastante comuns, irreais, e não se pode depender deles. Estamos falando de morrer num sentido diferente, que é o viver com a morte. Compreende? Viver com a morte, e não ter este intervalo de tempo entre você e o eventual fim. O fim, lá na frente, pode demorar cinqüenta ou cem anos, ou os médicos e os cientistas podem ainda adicionar-lhe novos cinqüenta anos, mas o fim inevitável está sempre ali. Estamos falando de uma vida com a morte voluntária. Vou entrar nisso porque é a única forma de resolver toda a questão da morté, não por intermédio de crenças, nem através de ideais e nem através da estrutura de medo e de todo o resto dessa parafernália.

Para que você descubra o que é a morte, é preciso que não haja distância entre a morte e você que está vivendo com seus problemas; você precisa compreender a significação da morte e viver com isso enquanto está bastante alerta, não completamente morto, nem ainda um quase-morto. Aquilo a que damos o nome de morte é o fim de tudo quanto você conheceu. Seu corpo, sua mente, seu trabalho, suas ambições, tudo aquilo que você construiu, tudo aquilo que você não terminou, o que vem tentando completar — há um fim em tudo isso quando chega a morte. Este é o fato — o fim. O que acontece depois é outro assunto. Isso não é importante porque você não irá investigar o que vêm depois se não existe medo. A morte então se transforma em algo extraordinário — não sadicamente ou de forma anormal, não-sadia —, porque a morte então é algo desconhecido, e há enorme beleza no que é desconhecido.

Estas não são meras palavras.

Portanto, para descobrir todo o significado da morte, o que significa, para enxergar a sua imensidão — não apenas a imagem simbólica e estúpida da morte —, esse medo de morrer e medo de viver precisam parar instantaneamente, não só conscientemente mas também bem lá no fundo. Muitos de nós querem morrer, desejam morrer, porque nossas vidas são tão superficiais, tão vazias. E nossa vida sendo vazia, tentamos dar-lhe um significado, um sentido. Pergun-

tamos: "Qual é o objetivo de viver?" Porque nossas próprias vidas são tão vazias e superficiais, inúteis, acreditamos que precisamos viver com um ideal. É tudo besteira. O medo é a origem da distinção entre o fato que você chama de morte e o fato que você chama de vida. O que significa isso realmente, não teoricamente? Não estamos discutindo teoricamente; não estamos discutindo simplesmente para formular uma idéia ou conceito. Não estamos; estamos falando de fatos. E se você reduz um fato meramente a uma teoria, isto é a sua própria má sorte. Você viverá com a sua própria sombra de medo, e sua vida terminará miseravelmente, assim como começou miseravelmente.

Portanto, você precisa descobrir como viver com a morte — não um método. Você não pode ter um método para viver com o que você não conhece. Você não pode ter uma idéia e dizer: "Você me conta o método, e eu o praticarei, eu viverei com a morte" — isto não tem sentido. Você precisa descobrir o que significa viver com algo que pode ser espantoso; enxergá-lo verdadeiramente, senti-lo verdadeiramente; estar ciente daquilo a que chamamos morte e de que você tem esse medo terrível. O que significa viver com o que não se conhece? Não sei se já pensaram nisso desta forma. Provavelmente, não. Estando com medo, tudo o que fizeram foi tentar evitá-la, não a olhando de frente, ou saltando para algum ideal de esperança. Mas você precisa responder à pergunta fundamental, que é a de indagar o significado da morte, e se você pode viver com ela como viveria com a sua mulher, com os seus filhos, com o seu trabalho, com a sua ansiedade. Você vive com tudo isso, não é verdade? Você vive com a sua monotonia, com os seus temores. Pode você viver de mesma maneira com algo que você não conhece?

Para descobrir o que significa viver não apenas com aquilo a que chamamos de vida, mas também com a morte, que é o desconhecido, para abordar isso com profundidade, precisamos morrer para tudo o que conhecemos. Falo aqui do conhecimento psicológico, e não de coisas como a sua casa, o seu escritório; se você não os tiver, não terá dinheiro amanhã, ou perderá seu emprego, ou não terá o que comer. Estamos falando de morrer para tudo aquilo a que a mente se apega. Sabem, queremos morrer para o que nos causa dor; que-

remos morrer para os insultos, mas nos apegamos aos elogios. Queremos morrer para a dor, mas nos agarramos desesperadamente ao prazer. Por favor, observem as suas mentes. Você pode morrer para este prazer, não lá na frente, mas agora? Porque você não argumenta com a morte, você não pode ter uma discussão prolongada com a morte. Você precisa morrer voluntariamente para o seu prazer, o que não significa que você se torne ríspido, cruel, feio, como um desses santos. Ao contrário, você se torna altamente sensível — à beleza, à sujeira, à imundície — e, sendo sensível, você se preocupa infinitamente.

Será possível morrer para os objetos e para tudo aquilo que você sabe sobre si mesmo? Morrer — estou tomando um exemplo bastante superficial — para um hábito, pôr de lado um determinado hábito, seja o de beber ou o de fumar, de ter um determinado tipo de alimento, ou o hábito do sexo; abandoná-lo completamente sem esforço, sem briga, sem conflito, sem dizer: "Eu preciso deixar de fazer isto." Então você perceberá que deixou para trás o conhecimento, a experiência, as recordações de tudo aquilo que você conheceu e aprendeu e com o que conviveu. E, por conseguinte, você não tem mais medo, e sua mente se torna espantosamente clara para observar o que é este extraordinário fenômeno do qual o homem tem tido medo ao longo de milênios, para observar algo com o que você se defronta, que não é do tempo, e que na sua inteireza é o desconhecido. Apenas uma mente destas pode observar isto: aquela que não tem medo e aquela que por isso está livre do conhecido — o conhecido da sua raiva, das suas ambições, das suas cobiças, dos seus pequenos e mesquinhos objetivos. Tudo isso é o conhecido. Você precisa morrer para eles, deixar que eles se vão voluntariamente, abandoná-los facilmente, sem nenhum conflito. E isso é possível — isso não é uma teoria. Então a mente torna-se rejuvenescida, jovem, fresca e inocente, e portanto ela pode viver com o que chamamos de morte.

Dessa maneira você verá que a vida tem uma substância inteiramente diferente. Então a vida e a morte não se distinguem; elas são uma só, porque você está morrendo a cada minuto do dia de forma a poder viver. E você precisa morrer a cada dia para viver;

de outra forma, você meramente leva adiante a repetição como uma gravação, repetindo, repetindo, repetindo.

Assim, quando você realmente tiver aspirado o perfume disto — não pelas narinas de outrem, mas pelas *suas* próprias narinas, na sua respiração, em seu ser, não em algumas e raras ocasiões, mas todos os dias, despertando e adormecendo —, então você verá por você mesmo, sem que alguém precise lhe dizer, o extraordinário que é viver realmente, não com palavras ou símbolos, viver com a morte e, portanto, viver a cada minuto num mundo no qual não existe o conhecido, mas existe sempre a liberdade do conhecido. Apenas essa mente poderá enxergar o que é a verdade, o que é a beleza, e aquilo que vai da eternidade para a eternidade.

De O Vôo da Águia*: A Totalidade da Vida*
Amsterdã, 11 de Maio de 1969

Há então a questão da morte, que cuidadosamente colocamos bem longe de nós como algo que vai ocorrer no futuro — o futuro pode ser daqui a cinqüenta anos ou amanhã. Temos medo de chegar ao fim, chegar fisicamente ao fim, e nos separarmos de tudo o que possuímos, para o que trabalhamos, de tudo o que conhecemos — mulher, marido, a casa, os objetos, o pequeno jardim, os livros e os poemas que escrevemos ou que pretendíamos escrever. Temos de deixar que tudo isso se vá porque nós *somos* os objetos, nós *somos* o quadro que possuímos; quando temos a capacidade de tocar violino, nós *somos* esse violino. Porque nós nos identificamos com tudo isso — nós somos tudo isso e nada mais. Já pararam para olhar por este ângulo? Você é a casa — com suas cortinas, a cama, os móveis que você cuidadosamente poliu ao longo de anos e anos, que você possui — isto é o que você é. Se se remover tudo isto, você não é nada.

E é disso que você tem medo — de não ser nada. Não é muito estranho você passar quarenta anos indo ao escritório, e quando pára de fazer isso você tem um problema de coração e morre? Você *é* o escritório, os arquivos, o gerente ou o auxiliar ou qualquer que seja a sua posição; você é *isso* e nada mais. E você tem diversas idéias sobre Deus, bondade, verdade, o que a sociedade deveria ser — isso é tudo. E nisso reside o sofrimento. Verificar por si mesmo que você é isso é muito doloroso, mas a maior dor é não perceber isso. Enxergar isso e descobrir o que significa é morrer.

A morte é inevitável. Todos os organismos devem chegar ao fim. Mas nós temos medo de deixar ir embora o passado. Nós somos o passado. Nós somos tempo, dor e desespero, com ocasional percepção da beleza, um florescer de bondade ou de profunda ternura, mas nada duradouro e, sim, passageiro.

E, tendo medo da morte, dizemos: "Viverei novamente?" — o que significa continuar a batalha, o conflito, a desgraça, possuir objetos e experiência acumulada. Todos no Oriente acreditam na reencarnação. Aquilo que você é, você gostaria de ver reencarnado. Mas você é tudo isso: essa confusão, essa bagunça, essa desordem. E também a reencarnação pressupõe que deveremos nascer para uma nova vida; portanto, aquilo que você faz agora, hoje, importa, e não como você irá viver quando tiver nascido na próxima vida — se é que existe isso. Se você vai nascer de novo, o que importa é como você vive hoje, porque o hoje irá lançar a semente da beleza ou a semente da dor. Mas aqueles que acreditam tão fervorosamente na reencarnação não sabem como se comportar; se estivessem preocupados com o comportamento, então não estariam preocupados com o amanhã, pois a bondade reside na atenção de hoje.

Morrer é parte do viver. Você não pode amar sem morrer, morrer para tudo o que não for amor, morrer para todos os ideais que são a projeção das suas próprias exigências; morrer para todo o passado, para a experiência, de maneira que você saiba o que significa o amor e, portanto, o que significa viver. Dessa forma, amar, viver e morrer são o mesmo, o que consiste em viver plena e totalmente, agora. Então há a ação, que não é contraditória, trazendo consigo a dor e o sofrimento; existe o viver, o amar e o morrer, no qual existe ação. Esta ação é ordem. E se alguém vive desta forma — e a pessoa *deve* fazê-lo, não em momentos ocasionais, mas a cada dia, a cada minuto —; então teremos ordem social; então haverá a unidade do homem, e os governos serão conduzidos por computadores, e não por políticos com suas ambições pessoais e condicionamentos. Assim, viver é amar e morrer.

Bombaim, 24 de Fevereiro de 1965

Existe uma trepadeira — creio que é chamada de "a glória da manhã" — que tem aquela extraordinária coloração azulada que só as flores possuem, ou o roxo profundo com um toque cor-de-malva, ou um branco muito especial. Apenas as flores vivas possuem estas cores. Elas vêm, florescem na manhã, as flores em forma de trombetas — e então, dentro de poucas horas, elas morrem. Você deve ter visto essas flores. Ao morrer, elas são quase tão bonitas como quando vivas. Elas florescem por algumas poucas horas e deixam de ser, e na morte não perdem a qualidade de flor. E nós vivemos por trinta, quarenta, cinqüenta, oitenta anos em grande conflito, em desgraça, em prazeres passageiros, e morremos desgraçadamente sem encanto em nossos corações, e na morte somos tão feios como na vida.

Falarei do tempo, da dor e da morte. Acredito que é preciso deixar bem claro que não estamos falando de idéias, mas apenas de fatos. Aquela flor, florescendo, cheia de beleza, delicada, com suave fragrância — isto é um fato. E o seu fenecer depois de umas poucas horas quando bate o vento e o sol se levanta, e a sua beleza mesmo na morte — isso também é um fato. Iremos, pois, lidar com fatos e não com idéias.

Você pode imaginar, se tiver imaginação, as cores dessas flores. Forme um quadro, evoque mentalmente uma imagem da trepadeira com suas delicadas cores, as flores de cores delicadas, a extraordinária beleza das cores. Mas a sua imagem, a sua idéia sobre a trepadeira, seus sentimentos sobre a trepadeira, nada disso é a trepadeira. A tre-

padeira com suas flores é um fato. E a sua idéia sobre as flores, embora seja um fato, não é real. Você não está realmente em contato com a flor através de uma idéia. Acredito que isso não pode ser esquecido: estamos lidando com fatos e não com idéias, e você não pode tocar diretamente, intimamente, concretamente, entrar em contato com um fato através de uma idéia. A morte não pode ser experimentada. Não se pode entrar diretamente em contato com ela através de uma idéia. A maioria de nós vive com idéias, com fórmulas, com conceitos, com recordações; e assim nunca entramos em contato com nada. Estamos principalmente em contato com nossas idéias, mas não com os fatos.

Irei falar do tempo, da dor, e deste estranho fenômeno chamado "morte". É possível interpretá-los como idéias, como conclusões, ou entrar em contato direto com todo o problema do tempo e com a sua dimensão. É possível entrar em contato direto com a dor — ou seja, com aquele senso extraordinário de pesar. E também é possível entrar em contato direto com o que chamamos de "morte". Ou nós entramos em contato direto com o tempo, a dor, o amor e a morte, ou nós os tratamos como uma série de conclusões — a inevitabilidade da morte ou as explicações. As explicações, as conclusões, as opiniões, as crenças, os conceitos, os símbolos não têm absolutamente nada a ver com a realidade — com a realidade do tempo, com a realidade da dor, com a realidade da morte e do amor. Se você pretende meramente viver, ou olhar, ou entrar, ou espera entrar em contato com a dimensão do tempo, da dor ou da morte, através da sua idéia, através da sua opinião, então o que iremos dizer terá pouco significado. De fato, você não deveria estar escutando; você deveria estar apenas ouvindo palavras: e estando em contato com as próprias idéias, com as próprias conclusões e opiniões, você não estaria num contato direto.

Por "contato" eu entendo: se eu posso tocar esta mesa, estou diretamente em contato com a mesa; mas eu não estou em contato com a mesa se eu tiver idéias sobre como deveria tocar a mesa. Desta forma, a idéia impede-me de entrar em contato de forma direta, íntima e vigorosa. Se você não está em contato com o que está sendo dito, então você continuará a viver uma vida inútil. Nós temos esta vida

para viver. Não estamos discutindo a vida futura — vamos chegar logo a isso. Temos esta vida para viver. Temos vivido de forma inútil, se é que a vida por si mesma tenha qualquer significado. Vivemos no trabalho, na desgraça, em conflito, e assim por diante, e nunca estivemos em contato com a própria vida. E seria lamentável — pelo menos eu penso assim — você estar somente em contato com idéias e não com fatos.

Iremos falar do tempo. Não sei se tiveram oportunidade de pensar nisso que chamamos "tempo" — não de forma abstrata, não como uma idéia, não como uma definição —, se vocês realmente entraram em contato com o tempo. Quando você está faminto, está diretamente em contato com a fome. Mas o que deveria comer, quanto deveria comer, o prazer que você espera usufruir do ato de comer, e assim por diante — estas são idéias. O fato é uma coisa e a idéia é outra. Assim, para compreender esta extraordinária questão que é o tempo, é preciso que você esteja em íntimo contato com ele — não através de idéias, não através de conclusões, mas intimamente, diretamente, com tremenda intimidade com o tempo. Então você estará apto a entrar nessa questão do tempo e ver se a mente pode se libertar dele.

É evidente que existe a questão do tempo do relógio, do tempo cronológico. Obviamente, isso é necessário. Nisso estão incluídas as questões da memória e do planejamento, os projetos, e assim por diante. Não estamos discutindo esse tempo, o tempo cronológico de todos os dias. Iremos falar do tempo que não é o do relógio. Não vivemos apenas pelo tempo cronológico; vivemos muito mais segundo um tempo que não é o do relógio. Para nós, o tempo que não é o cronológico é muito mais importante e tem muito mais significado do que o tempo do relógio. Ou seja, embora o tempo cronológico tenha importância, o que tem muito mais importância, significação muito maior, validade para a maioria das pessoas é o tempo psicológico, tempo como continuidade, tempo como o ontem, milhares de ontens e tradições; tempo não apenas como o presente, mas também como o futuro.

Portanto, temos o tempo como o passado — o passado entendido como a memória, o conhecimento, a tradição, as experiências, tudo aquilo que lembramos — e o presente, que é a passagem do ontem

para o tempo do amanhã, que é moldado e controlado pelo passado através do presente. Para nós, isto e não o tempo do relógio, tem enorme significação. E nessa dimensão do tempo é que nós vivemos. Vivemos com o passado, em conflito com o presente, o que cria o amanhã. Este é um fato óbvio. Não há nada de complexo nisto. Então, existe o tempo como continuidade, e há o tempo como o futuro e o passado; e o passado molda o nosso pensamento, as nossas atividades, o nosso ponto de vista e, assim, condiciona o futuro. Usamos o tempo como um meio de evoluir, como um meio de conquistar, como um meio de mudar gradualmente. Usamos o tempo porque somos indolentes e preguiçosos. Porque não descobrimos o meio de nos transformar imediatamente, ou porque tememos mudanças bruscas e as conseqüências da mudança, dizemos: "Eu vou mudar gradativamente." Usamos portanto o tempo como um meio de postergar, o tempo como um meio de realizar gradualmente, e tempo como um meio de mudança. Precisamos do tempo do relógio para aprender uma técnica; para aprender um idioma precisamos de alguns meses. Mas usamos o tempo — o tempo psicológico, não o tempo do relógio — como um meio de mudança, e assim introduzimos o processo gradual: "Farei isso gradualmente; eu me transformarei; eu sou isso e me tornarei aquilo, ao longo do tempo."

O tempo é um produto do pensamento. Se você não pensasse no amanhã ou se não olhasse para trás através do seu pensamento, para o passado, você estaria vivendo no agora; não haveria nem futuro nem passado; você estaria vivendo completamente para o dia, dedicando ao dia a sua mais completa, a sua mais plena e rica atenção. Como não sabemos como viver tão completamente, totalmente, plenamente, com essa urgência, no hoje, produzindo uma completa transformação no hoje, inventamos a idéia do amanhã: "Eu me transformarei amanhã; eu vou; eu preciso ajustar o amanhã", e assim por diante. Portanto, o pensamento cria o tempo psicológico, e o pensamento também produz o medo.

Por favor, prestem atenção a isto.. Se não entenderem isto tudo agora, não entenderão no final. Serão apenas palavras, e vocês serão deixados com as cinzas.

A maioria de nós tem medos: medo do médico, medo da doença, medo de não se realizar, medo de ser deixado sozinho, medo da velhice, medo da pobreza; estes são medos exteriores. Mas há também mil e um medos interiores: medo da opinião pública, da morte, de ser deixado completamente sozinho de forma que você tem de enfrentar a vida sem uma companhia, o medo da solidão, o medo de não chegar ao que você chama de "Deus". O homem tem mil e um medos. E, estando com medo, ou ele escapa em vasta rede, sutil ou grosseira, ou racionaliza esses medos; ou ele fica neurótico, porque não consegue compreendê-los, não consegue solucioná-los; ou foge completamente do medo, dos diversos medos, por meio da identificação ou das atividades sociais, de reformas, juntando-se a um partido político, e assim por diante.

Por favor, não estou falando de idéias, mas daquilo que está realmente se passando em cada um de vocês. Assim, vocês não estão simplesmente interpretando as minhas palavras, mas através das palavras que estão sendo usadas, vocês estão olhando para si mesmos. Vocês estão olhando para si mesmos, não através de idéias, mas por entrar diretamente em contato com *o fato* de que vocês estão com medo — o que é inteiramente diferente *da idéia* de que estão com medo.

A menos que você compreenda a natureza do medo e esteja completamente livre dele, de seus deuses, de suas fugas, da realização dos mais diversos tipos de trabalho social, e assim por diante, não têm significado, porque você é então um ser humano destrutivo, explorador, e não consegue solucionar esse medo. Um ser humano neurótico com todos os seus inúmeros medos, no que quer que faça — não importa quanto isso possa ser bom —, está sempre trazendo para a sua ação a semente da destruição, a semente da deterioração, porque a sua ação é uma fuga da realidade.

A maioria de nós vive amedrontada, tem medos secretos. Amedrontados, fugimos do medo. Fugir dos fatos implica que os objetos para os quais você está fugindo tornam-se muito mais importantes do que os fatos. Compreendem? Eu estou com medo; fugi disso usando a bebida, freqüentando um templo, procurando Deus, e tudo o mais; Deus, o templo, o bar tornam-se muito mais importantes para

mim do que o medo. Eu protejo Deus, o templo e o bar muito mais vigorosamente, porque para mim eles se tornaram extraordinariamente importantes; eles são os símbolos que me dão a segurança de que eu posso escapar do medo. O templo, Deus, o nacionalismo, o comprometimento político, as fórmulas que o indivíduo possui, tornam-se muito mais importantes do que encontrar uma solução para o medo. Assim, a menos que você resolva completamente o seu medo, é possível que não possa compreender o que é o medo, o que é o amor ou o que é a dor.

A mente realmente religiosa, a mente realmente preocupada com o social, a mente criativa, precisa deixar de lado completamente, totalmente esse problema do medo, ou compreendê-lo ou solucioná-lo. Se você vive com qualquer espécie de medo, está desperdiçando a sua vida, porque o medo traz a escuridão. Não sei se você já observou o que acontece com você quando está com medo. Todos os seus nervos, o seu coração, tudo se torna rígido, tenso, assustado. Não observou? Existe, não apenas o medo físico, mas também o medo psicológico, que é muito maior. O medo físico, que é uma resposta física de autoproteção, é natural. Não é realmente medo; é só uma reação da vida, que não é medo, porque você reconhece o perigo e se afasta dele. Estamos falando não apenas do medo físico, mas muito mais do medo que o pensamento criou.

Vamos entrar nesta questão do medo. A menos que vocês sigam passo a passo, não serão capazes de resolvê-lo. Vamos entrar diretamente em contato com o medo — não com o que o está amedrontando. Você está amedrontado por uma idéia, mas o medo, por si só, não é uma idéia. Suponha que alguém esteja amedrontado — como ocorre com a maioria, jovens e velhos — com a opinião pública, com a morte. Não importa com o que ele esteja amedrontado; considere o seu próprio exemplo. Tomarei o caso da morte. Tenho medo da morte. O medo existe apenas em relação a alguma coisa. O medo não existe por si só, mas apenas em relação com algo. Tenho medo da opinião pública, tenho medo da morte, tenho medo de perder o emprego. O medo, então, surge em conexão com alguma coisa.

Digamos que eu tenha medo da morte. Eu já vi a morte. Vi corpos sendo queimados. Vi uma folha morta cair ao solo. Vi diversas coisas

mortas. E estou com medo de morrer, de chegar ao fim. Bem, existe esse medo em relação à morte, à solidão, a uma porção de coisas. E como faço para entrar em contato com o medo tal como entro em contato com a mesa? Estou sendo claro? Para entrar em contato direto com o medo — espero que vocês o estejam fazendo, e não apenas eu —, para entrar em contato direto com essa emoção, com esse sentimento chamado "medo", a palavra, o pensamento, a idéia, não devem aparecer em absoluto. Certo? Ou seja, para entrar em contato com uma pessoa, preciso tocar-lhe a mão, preciso segurar-lhe a mão. Mas eu não entro em contato com essa pessoa, embora possa segurar-lhe a mão, se tenho idéias sobre ela, se tenho preconceitos, se eu gosto ou desgosto. A despeito de segurar-lhe a mão, a imagem, a idéia, o pensamento me impedem de entrar em contato direto com essa pessoa. Da mesma forma, para entrar diretamente em contato com o seu medo — com o seu medo em particular, consciente ou inconsciente —, você precisa entrar em contato com ele; não através da sua idéia.

Assim, é preciso que se veja inicialmente como a idéia interfere com o entrar em contato. Quando você compreende que a idéia interfere com o entrar em contato, você deixa de lutar contra a idéia. Quando compreende a idéia — a idéia entendida como a opinião, a fórmula, e assim por diante —, você está então em contato direto com o seu medo, e não há como fugir seja verbal ou através de uma conclusão, ou através de uma opinião, ou através de qualquer outro meio de fuga. Quando você está em contato com o medo, nesse sentido, então descobrirá da mesma maneira como está descobrindo enquanto discutimos este assunto que o medo logo desaparece. E a mente deve estar livre de todos os medos, não apenas dos medos secretos, mas também dos medos manifestos, os medos de que você está consciente. Somente então você poderá olhar para aquilo a que chamamos de dor.

Sabe, o homem tem vivido com a dor por milhares de anos, por milhões de anos. Você tem vivido com a dor e não a resolveu. Ou você adora a dor como um meio de atingir a iluminação, ou você foge da dor. Nós colocamos a dor num pedestal, simbolicamente iden-

tificada com uma pessoa, ou a racionalizamos, ou fugimos dela. Mas a dor está presente.

Eu entendo por dor a perda de alguém, a dor do fracasso, a dor que o invade quando você percebe que é ineficiente, incapaz, a dor que você descobre quando não tem amor no coração, que vive inteiramente guiado pela sua mente, feia e pequena. Existe a dor de perder alguém a quem você pensa que ama. Vivemos com essa dor dia e noite; nós nunca a superamos, nunca pomos um fim a ela. De novo, a mente carregada pela dor torna-se insensível, torna-se fechada em si mesma; não tem afeição, não tem simpatia; pode mostrar palavras de simpatia, mas em si mesma, no seu coração, ela não tem simpatia, afeição ou amor. E a dor alimenta a autopiedade. Muitos de nós carregam esse fardo pela vida toda, e não parecem capazes de pôr um fim a isso. E existe a dor do tempo. Compreende? Carregamos essa dor até o fim de nossas vidas, por não sermos capazes de resolvê-la. Existe uma dor muito maior: viver com algo que você não consegue compreender, que está devorando a sua mente e o seu coração, escurecendo a sua vida. Existe também a dor da solidão, de estar completamente só, solitário, sem companhia, desligado de todos os contatos, chegando no final a um estado neurótico ou de doença mental ou com doenças psicossomáticas.

Existe uma dor imensa, não apenas do ser humano, mas também a dor de toda a raça. Como resolver a dor? É preciso resolvê-la, assim como você resolve o medo. Não há futuro — você pode inventar um futuro —, não há futuro para a pessoa que está vivendo com inteligência, que é sensível, viva, jovem, fresca, inocente. Portanto, você precisa resolver o medo; precisa pôr fim à dor.

Mais uma vez, pôr fim à dor é entrar em contato com esse extraordinário sentimento, sem autopiedade, sem opinião, sem fórmulas, sem explicações; simplesmente entrar em contato direto com ele, como alguém entraria em contato com uma mesa. E isso é uma das coisas mais difíceis para a pessoa fazer: pôr as idéias de lado e entrar em contato direto.

Então, há o problema da morte — e com o problema da morte, o problema da velhice. Todos sabem que a morte é inevitável — inevitável pela senilidade, pela velhice, pela doença ou por acidentes.

Embora os cientistas estejam tentando prolongar a vida por outros cinqüenta anos ou mais, a morte é inevitável. Por que eles querem prolongar esta existência de agonias, só Deus sabe! Mas isso é o que eles querem. E para compreender a morte, precisamos entrar em contato com a morte; isso exige que a mente não esteja com medo, não esteja pensando em termos de tempo, que não esteja vivendo na dimensão do tempo.

Pusemos a morte no final da vida — ela está em algum lugar por ali, bem a distância. E estamos tentando colocá-la o mais longe possível, o mais demorado possível. Sabemos que existe a morte. E então inventamos o "depois da morte". Dizemos: "Eu vivi, eu construí um caráter; fiz muita coisa. Tudo terminará com a morte? Deve haver um futuro." O futuro, o "depois", a reencarnação — tudo isso são fugas da realidade de hoje, da realidade de entrar em contato com a morte.

Pense na sua vida. O que é a vida? Olhe realmente para a sua vida, aquilo que você quer prolongar! O que é a sua vida? Uma batalha constante, uma confusão constante, um lampejo ocasional de prazer, monotonia, dor, medo, agonia, desespero, ciúme, inveja, ambição — isto é a sua vida na verdade, com doenças, com mesquinhez. E você quer prolongar essa vida depois da morte!

E se você acredita na reencarnação — como se imagina que acredite, como rezam as suas escrituras —, então o que importa é o que você é agora. Porque o que você é agora irá condicionar o seu futuro. Assim, o que você é, o que você faz, o que você pensa, o que você sente, como você vive — tudo isso importa muito. Se você nem sequer acredita na reencarnação, então existe apenas esta vida. Então importa enormemente o que você faz, o que você pensa, o que você sente, se você explora ou se não explora o próximo, se você ama, se você tem sentimento, se você é sensível, se existe beleza. Mas para viver dessa forma, você precisa compreender a morte e não colocá-la lá adiante, no final da sua vida — que é uma vida de dor, uma vida de medo, uma vida de desespero, uma vida de incertezas. Então você precisa trazer a morte para perto; ou seja, você precisa morrer.

Você sabe o que é morrer? Você já viu a morte muitas vezes. Você já viu um homem sendo carregado para o lugar onde será incinerado e destruído. Você viu a morte. A maioria das pessoas teme isso. A morte é como a flor que morre, como a trepadeira que morre com todas as glórias da manhã. Com essa beleza, com essa delicadeza, morre sem remorsos, sem discussões; chega ao fim. Mas nós escapamos da morte através do tempo — que é "ela está lá adiante". Dizemos: "Tenho alguns anos mais para viver, e nascerei para a próxima vida", ou "Esta é a única vida; portanto, deixe-me tirar o melhor proveito dela; deixe que eu me divirta ao máximo; deixe-me fazer o maior espetáculo." E assim jamais entramos em contato com esse extraordinário fenômeno chamado morte. Morrer é morrer para tudo do passado, morrer para o seu prazer.

Você já tentou morrer para um prazer? Morrer para o prazer sem discussão, sem compulsão, sem necessidade? Você vai morrer inevitavelmente. Mas já tentou morrer hoje, facilmente, com felicidade, para o seu prazer, para as suas recordações, para os seus ódios, para as suas ambições, para a sua urgência de ganhar dinheiro? Tudo o que você quer da vida é dinheiro, posição, poder, e a inveja dos outros. Você pode morrer para tudo isso? Pode você morrer para tudo o que conhece, facilmente, sem discussão, sem nenhuma explicação? Por favor, tenha em mente que você não está apenas escutando algumas palavras e idéias, mas está realmente entrando em contato com um prazer — com o seu prazer sexual, por exemplo —, e morrendo para ele. Isso é o que você irá fazer, de qualquer forma. Você irá morrer — isto é, morrer para tudo o que conhece, para o seu corpo, a sua mente, para tudo aquilo que construiu. Então você diz: "Isto é tudo? Toda a minha vida tem de terminar na morte?" Tudo o que você fez, os serviços, os livros, o conhecimento, as experiências, os prazeres, a afeição, a família, tudo termina na morte. Isto está fazendo frente a você. Ou você morre para tudo agora, ou morre inevitavelmente quando chegar a hora. Somente uma pessoa inteligente, que compreende todo o processo, é uma pessoa religiosa.

A pessoa que passa a usar roupas de saniasi, que deixa crescer a barba, que freqüenta o templo e foge da vida, não é uma pessoa religiosa. Religiosa é aquela pessoa que morre a cada dia e renasce

a cada novo dia. Sua mente é jovem, inocente e fresca. Morrer para a dor, morrer para o prazer, morrer para tudo o que você mantém secretamente no coração; faça isso e então você verá que não desperdiçará a sua vida. Então você descobrirá algo que é inacreditável que ninguém tenha ainda percebido. Isso não é um prêmio. Não existe prêmio. Você morre de bom grado ou morre inevitavelmente. É preciso que você morra naturalmente, a cada dia — como morre a flor, florindo, rica, plena —, e então morre para essa beleza, para essa riqueza, para esse amor, para essa experiência, para esse conhecimento. Ao morrer para isso a cada dia, você renasce, e então terá a mente cheia de frescor.

Você precisa de uma mente cóm este frescor; de outra forma não saberá o que é o amor. Se você não morrer, seu amor será apenas recordação; seu amor então será tomado pela inveja e ciúme. Você precisa morrer a cada dia, para tudo aquilo que conhece, para seus ódios, para seus insultos e elogios. Morra para eles; então perceberá que o tempo não tem significado algum. Então não há amanhã; existe apenas o *agora* que está além do ontem, do hoje e do amanhã. E apenas no *agora* existe amor.

Um ser humano que não tem amor não pode se aproximar da verdade. Sem amor, faça o que fizer — todos os seus sacrifícios, seus votos de celibato, seu trabalho social, suas pesquisas —, nada tem valor. E você não pode amar sem morrer a cada dia para a sua memória. Pois o amor não é de memória; é algo vivo. E algo vivo é movimento, e esse movimento não pode ser enjaulado em palavras, ou em pensamentos, ou numa mente sempre buscando a si mesma. Apenas a mente que compreendeu o tempo, que pôs fim à dor, que não tem medo — apenas essa mente sabe o que é a morte. E, portanto, para essa mente existe a vida.

Do Diário de Krishnamurti

Gstaad, 23 de Agosto de 1961

Meditação é aquele tipo de atenção em que se percebe, involuntariamente, o movimento de todas as coisas: o crocitar dos corvos, a serra elétrica rasgando a madeira, o tremular das folhas, o riacho barulhento, um garoto a chamar, os sentimentos, os motivos, o cruzar dos pensamentos e seu aprofundamento, o conhecimento — fruto da plena consciência. E nesta atenção, o tempo como o ontem perseguindo e penetrando no espaço do amanhã, e o retorcer e o dar voltas da consciência, fizeram-se quietos e silenciosos. Nessa placidez existe um movimento imensurável, incomparável; movimento sem existência, essa é a essência da bem-aventurança, da morte e da vida; um movimento que não pode ser seguido, pois não deixa traços e, porque é quieto e imóvel, ele é a essência de qualquer atividade.

A estrada seguia para o oeste, serpenteando por entre campos encharcados pela chuva, atravessando pequenos vilarejos na encosta das colinas, cruzando os riachos que rolavam pelas montanhas e que eram formados pela água clara da neve, passando por igrejas com campanários de cobre; ela seguia adiante, sempre adiante, até atingir nuvens escuras e cavernosas e a chuva, com as montanhas fechando-se sobre ela. Começara a chuviscar, e olhando casualmente para trás, vimos através do vidro da janela traseira do carro que avançava vagarosamente, lá de onde tínhamos vindo, as nuvens banhadas de sol, o céu azul e as montanhas claras e brilhantes. Sem nada dizer, por puro instinto, paramos o carro, demos meia-volta e nos dirigimos

para a luz e as montanhas. Havia uma beleza impossível e, mal a estrada atingiu a entrada do imenso vale, o coração parou; fez-se tão silencioso e aberto quanto o vale que se abria; era absolutamente arrebatador. Estivéramos por diversas vezes nesse vale; as formas das colinas eram-nos razoavelmente familiares; reconhecíamos os campos e as casas, bem como o rumor conhecido do córrego. Estava tudo ali, a não ser o cérebro, embora ele estivesse dirigindo o carro. Tudo se tornara muito intenso, havia a morte. Não porque o cérebro estivesse quieto, não devido à beleza do cenário, ou à luminosidade das nuvens, ou à dignidade imóvel das montanhas; nada disso era responsável embora, provavelmente, cada qual tivesse contribuído com certa parcela. Era a morte, literalmente; de súbito, tudo chegava a um final. Não havia continuidade; o cérebro comandava o corpo que dirigia o carro, e isso era tudo. Literalmente, isso era tudo. O carro avançou ainda por algum tempo e parou. Ali se encontravam a vida e a morte tão próximas, tão íntima e inseparavelmente ligadas, e nenhuma delas era importante. Algo destruidor ocorrera.

Não havia engano, tampouco era produto da imaginação; tratava-se de algo muito sério para esse tipo de tola aberração; não era algo com que se pudesse brincar. A morte não é casual, e não é passageira; não há como se argumentar com ela. Pode-se manter uma conversa pela vida toda com a vida, mas o mesmo não é possível com a morte. Ela é final e absoluta. Não se tratava da morte do corpo; esse seria um evento razoavelmente simples e decisivo. Viver com a morte é assunto bem diferente. Havia a vida e havia a morte; elas estavam ali, inexoravelmente interligadas. Não se tratava de uma morte psicológica; não era um choque que afugenta todo pensamento, todo sentimento; não era uma súbita aberração do cérebro ou uma doença mental. Não era nada disso; tudo isso seria bastante imaturo e com facilidade seríamos seus coniventes. Tratava-se de algo em dimensão diferente, algo que desafiava qualquer descrição espaço-temporal.

Estava ali a verdadeira essência da morte. A essência do si-mesmo é a morte, mas essa morte era também a essência da vida. De fato, elas não estavam separadas, a vida e a morte. Não era algo concebido pelo cérebro para o seu bem-estar e segurança idealizada.

O próprio viver era morrer, e morrer era viver. Naquele carro, com toda a cor e a beleza, com aquele "sentimento" de êxtase, a morte era parte do amor, era parte de tudo. A morte não era um símbolo, uma idéia, algo que se conhecesse. Ela estava ali, na realidade, de fato, tão intensa e solícita quanto o buzinar de um carro pedindo passagem. Assim como a vida não vai nunca deixar de existir nem pode ser deixada de lado, agora também a morte jamais iria nos deixar ou ser posta de lado. Ela estava ali com extraordinária intensidade e com uma finalidade.

Vivia-se com ela a noite toda; parecia que ela tomara posse do cérebro e das atividades usuais; poucos dos movimentos do cérebro prosseguiam e havia uma indiferença causal a respeito deles. Anteriormente, havia a indiferença, mas isso agora era passado e além de qualquer formulação. Tudo ficara muito mais intenso, tanto a vida quanto a morte.

A morte estava ali, desperta, sem sofrimento, mas cheia de vida. Era uma manhã maravilhosa. Havia no ar aquela graça divina produzida pelo encantamento das montanhas e das árvores.

24 de Agosto

Era um dia quente, e havia muitas sombras; os rochedos luziam com um brilho contínuo. Os pinheiros escuros pareciam jamais mover-se, bem ao contrário dos álamos, sempre prestes a tremular à menor aragem. Uma forte brisa, soprando do oeste, percorria todo o vale. As rochas, de tão vivas, pareciam correr atrás das nuvens, e as nuvens se enlaçavam a elas, assumindo a forma e as curvas dos rochedos; elas flutuavam em torno das rochas, e era difícil distinguir as nuvens dos rochedos. E as árvores caminhavam com as nuvens. Todo o vale parecia estar em movimento, e os pequenos e estreitos caminhos que se elevavam em direção aos bosques e para além deles, pareciam render-se e adquirir vida. E os campos cintilantes eram a morada de flores silvestres. Porém, nessa manhã, os rochedos reinavam sobre o vale; suas cores eram tantas e tão diversas que parecia haver apenas cor; as rochas estavam suavizadas nessa manhã e eram

das mais variadas formas e tamanhos. E ainda assim eram absolutamente indiferentes a tudo, ao vento, à chuva e às explosões pelas necessidades do homem. Elas haviam estado ali, e continuariam ali, ao longo de todo o tempo.

A manhã era esplêndida, o sol estava por toda parte, e cada folha se agitava; era uma manhã especialmente propícia para o passeio, longo apenas o suficiente para se poder apreciar a beleza da região. Era uma manhã tornada nova pela morte, não a morte da decadência, da doença ou do acidente, mas a morte que destrói, para permitir em seguida a criação. Não há criação se a morte não varre para longe tudo quanto o cérebro acumulou, tentando salvaguardar a existência autocentrada. A morte, anteriormente, era uma forma de continuidade; associava-se morte à continuidade. Com a morte surgia uma nova existência, uma nova experiência, um novo sopro, uma nova vida. O velho deixava de existir e o novo surgia, e o novo a seguir dava lugar ao ainda mais novo. A morte era o meio de se atingir o novo estado, a nova invenção, a nova forma de vida, um novo pensamento. Era uma mudança assustadora, mas essa mesma mudança trazia consigo uma nova esperança.

Mas agora a morte não trazia nada novo, um novo horizonte, um novo alento. Tratava-se da morte, absoluta e final. E então não havia mais nada, nem passado nem futuro. Nada. Não havia o fazer nascer. Mas não havia desespero nem busca; havia a morte completa e sem tempo, a espreitar de profundezas enormes e distantes. A morte apresenta-se sem o novo ou o velho. Tratava-se de morte sem sorrisos ou lágrimas. Não era uma máscara a recobrir ou a esconder alguma realidade. A realidade era a morte e não havia necessidade de encobri-la. A morte varreu tudo para longe e não deixou nada. Esse nada é a dança das folhas; é o chamado daquela criança. É o nada, e não deve haver nada. O que permanece é a decadência, a máquina, o hábito, a ambição. Existe a corrupção, mas não na morte. A morte é o nada absoluto. Ela precisa estar ali pois, a partir disso, surge a vida, surge o amor. Pois desse nada surge a criação. Sem a morte absoluta não há a criação.

31 de Agosto

A meditação sem uma fórmula pré-estabelecida, sem uma causa ou razão, sem finalidade ou objetivo, é um fenômeno incrível. Não se trata simplesmente de uma grande explosão purificadora, mas é também a morte, que não tem amanhã. Sua ação purificadora é devastadora, sem deixar nenhum cantinho oculto onde o pensamento possa se mover furtivamente em suas próprias sombras escuras. Sua pureza é vulnerável; não é uma virtude que se torna realidade através da resistência. É pura porque não resiste, tal como o amor. Não há o amanhã na meditação, não se discute com a morte. A morte de ontem e de amanhã não deixa atrás de si o presente banal do tempo — e o tempo é sempre banal —, mas sim uma destruição que é o novo. A meditação é isso, e não aqueles tolos cálculos do cérebro em busca de segurança. Meditação é a destruição da segurança, e há grande beleza na meditação, não a beleza de tudo o que o homem ou a natureza agrupou, mas do silêncio. Esse silêncio é o vazio no qual e do qual tudo flui e se torna realidade. Ele é impenetrável. Nem o intelecto nem o sentimento podem abrir passagem para atingi-lo; não existe caminho até ele, e qualquer método para fazê-lo não passa de invenção de um cérebro ambicioso. Todas as formas e meios do si-mesmo calculista devem ser integralmente destruídos; o ir para diante e para trás, a marcha do tempo, tudo isso deve ter fim, sem amanhã. Meditação é destruição; é um perigo para aqueles que pretendem levar uma vida superficial e uma vida de ilusão e mito.

As estrelas brilhavam intensamente, cintilando no romper da manhã. A aurora estava longe ainda. A quietude era surpreendente; até mesmo o córrego ruidoso permanecia em silêncio, e o mesmo se dava com as colinas. Toda uma hora se passou naquele estado em que o cérebro não está adormecido mas desperto, sensível e apenas a observar; durante esse estado, a totalidade da mente pode ir além dela mesma, sem direções, pois não há quem a oriente. A meditação é uma tormenta, produzindo destruição e limpeza. Então, bem distante, surgiu a aurora. No leste avistava-se a luz que se irradiava, muito fraca e pálida, muito quieta e tímida; ela surgiu por detrás das colinas distantes, e logo tocou as montanhas altaneiras e seus picos. Em grupo

ou isoladamente, as árvores permaneciam imóveis; o álamo deu sinais de despertar, e o córrego gritou de alegria. A parede branca de uma casa de fazenda, voltada para o oeste, ficou ainda mais branca. Lentamente, pacificamente, quase a suplicar, a luz veio e inundou a região. Então os picos nevados começaram a resplandecer num brilho róseo, e tiveram início os sons da nova manhã. Três corvos voaram cruzando o céu, silenciosamente, todos na mesma direção; ao longe, ouviu-se o som de uma sineta pendurada numa vaca, mas persistia ainda o silêncio. Percebeu-se então um carro a subir a colina, e o dia começou.

Nesse caminho por entre a floresta, uma folha amarela caiu; para algumas árvores o outono começara. Era uma única folha, sem nenhuma mancha ou marca, limpa. Ela ostentava o amarelo de outono e era ainda adorável em sua morte; nenhuma doença a tocara. Mantinha o esplendor da primavera e do verão, e todas as folhas daquela árvore continuavam verdes. Era a morte em plena glória. A morte ali estava, não naquela folha amarelada, mas ali, na realidade; não a morte inevitável e tradicional, mas a morte que está sempre presente. Não se tratava de uma ilusão, mas sim de uma realidade que não podia ser encoberta. Estava sempre ali, em cada curva da estrada, em cada casa, em cada deus. Estava presente com toda a sua força e beleza.

É impossível evitar a morte. Pode-se esquecê-la; pode-se racionalizá-la ou acreditar que se vai renascer ou ressuscitar. Porém, faça-se o que puder ser feito, freqüente-se qualquer templo ou leia-se qualquer livro, ela estará sempre ali, festiva e saudável. É preciso conviver com ela para poder conhecê-la; e isso é impossível quando se a teme; o medo apenas a obscurece. Para conhecê-la é preciso amá-la. Para conviver com ela é preciso amá-la. Conhecê-la plenamente não significa o seu fim. É dar por finalizado o conhecimento mas não é o fim da morte. Amá-la não implica estar familiarizado com ela. É impossível tornar-se familiar com a destruição. É impossível amar o que não se conhece, e se não se conhece nada, nem mesmo a mulher ou o patrão, que dizer então de um estranho total. Não obstante, é preciso amá-lo, o estranho, o desconhecido. Ama-se apenas aquilo de que se está certo, aquilo que traz segurança e bem-estar. Não se

ama o incerto, o desconhecido: pode-se amar o perigo, sacrificar a vida em benefício de alguém, ou matar pela pátria, mas isso não é amor; os que assim fizeram receberam suas recompensas e benefícios. Amam-se os ganhos e os sucessos, embora neles haja sofrimento. Não se lucra nada por conhecer a morte mas, estranhamente, a morte e o amor caminham sempre juntos; eles jamais se separam. Não se pode amar sem a morte; é impossível abraçar alguém sem que a morte esteja presente. Onde está o amor, ali está também a morte; são inseparáveis.

Mas será que sabemos o que é o amor? Conhecemos a sensação, a emoção, o desejo, o sentimento e o mecanismo do pensamento, mas nada disso é amor. Você ama seu marido, seus filhos; odeia a guerra, mas a pratica. Seu amor conhece o ódio, a inveja, a ambição, o medo; a fumaça deles não é amor. Você ama o poder e o prestígio, mas o poder e o prestígio são maus, corrompem. Sabemos o que é o amor? Não o saber jamais, eis onde reside a verdadeira maravilha, a verdadeira beleza. Não o saber jamais, o que não implica permanecer em dúvida, e não significa desespero; é a morte do ontem e, portanto, a completa incerteza do amanhã. O amor não tem continuidade, e o mesmo se dá com a morte. Apenas a recordação e o quadro na moldura possuem continuidade, mas estes são mecânicos, e mesmo as máquinas se desgastam, cedendo lugar a novos quadros, a novas recordações. O que tem continuidade acaba por se arruinar, e o que se arruína não é morte. O amor e a morte são inseparáveis, e onde eles estão há sempre destruição.

Saanen, 28 de Julho de 1964

Vejam; falei a respeito da morte de maneira que vocês pudessem realmente compreender tudo isto — não apenas agora, mas ao longo de toda a sua vida — e se tornar, portanto, livre da dor, livre do medo, e realmente saber o que significa morrer. Se agora, e nos dias que virão, sua mente não estiver completamente ciente, pura, profundamente atenta, então apenas ouvir as palavras é absolutamente inútil. Mas se você estiver ciente, profundamente atento, cônscio dos próprios pensamentos e sentimentos, se você não estiver interpretando o que o orador está dizendo, mas estiver na realidade observando-se à medida que ele descreve e examina o problema, então você vai viver — viver não apenas com exaltação, mas também com a morte e com o amor.

Z.C.

SOBRE A VIDA E A MORTE

J. Krishnamurti

Sobre a Vida e a Morte revela que o medo de morrer não tem como causa a dor física de nos separarmos de nossos entes queridos, mas sim o medo de que uma parte essencial do que somos deixará de existir. Krishnamurti explica que, para compreender a morte, que está inseparavelmente unida à vida, precisamos abordá-la com um entendimento puro, isento das atitudes e preconceitos que costumam acompanhar a discussão deste tema.

* * *

J. Krishnamurti (1895-1986), o renomado mestre espiritual, divulgou sua mensagem em conferências e em numerosos livros, dentre os quais se destacam os seguintes, que fazem parte do catálogo da Editora Cultrix: *Comentários sobre o Viver*, *Diálogos sobre a Vida*, *A Educação e o Significado da Vida*, *Diário de Krishnamurti*, *Liberte-se do Passado*, *A Primeira e Última Liberdade* e outros.

Nesta nova série, serão publicados os seguintes títulos:

- *Sobre Deus*
- *Sobre relacionamentos*
- *Sobre a vida e a morte*
- *Sobre o modo correto de ganhar a vida*
- *Sobre conflitos*
- *Sobre aprendizagem e conhecimento*
- *Sobre amor e solidão*
- *Sobre a mente e o pensamento*

EDITORA CULTRIX